

DARCY RIBEIRO

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

organizadora

N.Cham. B869.341 R484.Yc 1997

Título: Darcy Ribeiro .



170379702

236612

B869.341

R484.Yc

1997

D A R C Y R I B E I R O

HAYDÉE RIBEIRO COELHO
ORGANIZADORA
U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Indice/3/04

106



178379702

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

4

E N C O N T R O
COM ESCRITORES
M I N E I R O S



1997

UFMG



© 1997, DARCY RIBEIRO
HAYDÉE RIBEIRO COELHO

COLEÇÃO ENCONTRO COM ESCRITORES MINEIROS/4

Coordenador: WANDER MELO MIRANDA

Projeto gráfico/capa: Beatriz Amaral

Foto capa: Eugênio Gurgel

Digitação e Editoração: Wânia Ribeiro Jardim

Transcrição depoimento/Seleção material bibliográfico: Haydée Ribeiro Coelho

Revisão: Nancy Maria Mendes

Impressão: Segrac

Tiragem: 500 exemplares

D214

Darcy Ribeiro/ Haydée Ribeiro Coelho organizadora.-
Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários da
UFMG; Curso de Pós-Graduação em Letras -
Estudos Literários, 1997.

194 p. (Encontro com escritores mineiros; 4)

Contém caderno iconográfico.

I. Ribeiro, Darcy - Crítica e interpretação.

I. Coelho, Haydée Ribeiro. II. Série

CDD: 869B

CDU: 82(81)

ISBN: 85-7041-126-X

ML-20626-4

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

29/08/97

1708797-02

HORAS

Literários
as - Estudos Literário
Ja UFMG
cep 31.270-010
3 - Brasil
(031) 499.5120

ML-00020626-7

À memória de Darcy Ribeiro

Este livro é uma publicação do Projeto Integrado de Pesquisa *Acervo de Escritores Mineiros*, desenvolvido com o apoio do CNPq, da PRPq/UFMG e do Curso de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários.

Todos os direitos reservados, nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Colegiado da Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários.

Else Ribeiro Pires Vieira (coordenadora), Leda Maria Martins (subcoordenadora), Ruth Silviano Brandão Lopes, Sandra Regina Goulart Almeida, Maria Zilda Ferreira Cury, Wander Melo Miranda.

Suplentes: Ana Maria Clark Peres, Eliana Lourenço de Lima Reis, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, Haydée Ribeiro Coelho.

Agradeço a todos que me ajudaram a realizar esse livro, especialmente:

**Evaldo Balbino da Silva
Gisele Moreira
José Virgílio Coelho
Livia Guimarães
Luiz Cláudio Vieira de Oliveira
Márcio Freire
Maria Elizabeth Bréa Monteiro
Maria Luiza Ramos
Nancy Maria Mendes
Rafael Anderson Guimarães Santos
Roberto Gouthier
Tatiana C. Memória
Wander Melo Miranda
Wânia Ribeiro Jardim.**

**Agradeço também aos seguintes órgãos e instituições:
Centro de Estudos Literários - Faculdade de Letras - UFMG
CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico);
FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais);
FUNDAR (Fundação Darcy Ribeiro)**

SUMÁRIO

GESTANDO A VIDA, A MEMÓRIA E A LITERATURA Haydée Ribeiro Coelho	15
DEPOIMENTO Darcy Ribeiro	37
CRONOLOGIA	79
BIBLIOGRAFIA DE DARCY RIBEIRO	117
BIBLIOGRAFIA SOBRE DARCY RIBEIRO	141
DARCY RIBEIRO E A CRÍTICA	167

*Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova*

Ferreira Gullar



*Esse retrato foi publicado em primeira mão pela
Revista Pedagógica, Dimensão, 1996.*

GESTANDO A VIDA, A MEMÓRIA E A LITERATURA

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

É muito difícil tratar da produção literária de Darcy Ribeiro, sem que se faça referência a sua atuação como etnólogo indigenista, como educador, como político militante e como ensaísta. Todas essas atividades acham-se entrelaçadas. O que se pretende, em um primeiro momento, é apenas lembrar passagens dessas trajetórias, para depois fisgar o escritor (será isso possível?) através de sua também intensa atividade literária.

DA RUA DAS PALMEIRAS PARA OUTRAS TRAVESSIAS

Lá, na rua das Palmeiras, no “Museu do Índio”, Rio de Janeiro, recomeço minha travessia à procura do autor de *Maira*. Maria Elizabeth Bréa Monteiro, antropóloga do Museu e amiga do professor Darcy, auxilia-me nessa difícil tarefa, possibilitando-me conhecer, mais de perto, o autor, tanto como Chefe da Seção de Estudos do Serviço de

Proteção aos Índios como o pesquisador de campo. Um “fac-símile” de um telegrama, datado de 20/4/1947, noticia a ida de Darcy Ribeiro ao encontro dos índios *Kadiwéu*, depois de ter visitado as aldeias dos *Kaiwás*.

Ora, esse mundo de viagem de que Darcy Ribeiro participa desde o início de sua carreira como etnólogo, continuará habitando sua ficção, seus ensaios, marcando sua trajetória intelectual e política, com reconhecimento nacional e internacional.

Já em 1950, pelo livro *Religião e Mitologia Kadiwéu*, recebe o prêmio “Fábio Prado de Ensaios”, outorgado pela Associação de Escritores de São Paulo. Depois dessa publicação premiada, seguem-se outras também importantes, editadas ainda na mesma década: *Uirá vai ao encontro de Maira*¹ e *Arte plumária dos índios Kaapor* em co-autoria com Berta Ribeiro. A primeira serve de tema ao filme *Uirá*, prêmio Internacional “Margarida de Prata”, em 1974. A segunda publicação é premiada pela Academia Brasileira de Letras, em 1957.

Depois de organizar o “*Museu do Índio*”, com a ajuda de Eduardo Galvão, sistematiza o primeiro Curso de Pós-Graduação em Antropologia Cultural, realizado no Brasil. Às atividades desenvolvidas por Darcy Ribeiro como antropólogo, como pesquisador e autor de importantes trabalhos nessa área, somam-se as de educador.

Ao lado de Anísio Teixeira, assume o cargo de vice-diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. No governo de Juscelino Kubitschek, depois de planejar a Universidade de Brasília, torna-se Reitor dessa mesma Universidade. Na esfera política, Darcy Ribeiro foi também Ministro da Educação e Chefe da Casa Civil durante o governo de João Goulart. Depois de 31 de março de 1964, com o golpe militar, é obrigado a viver no exílio: Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. Preso em 1968, vive nove meses encarcerado, na Fortaleza de Santa Cruz do Exército e na Ilha das Cobras, sede dos Fuzileiros Navais da Marinha. Depois desse tempo, de volta ao segundo exílio, Darcy Ribeiro descobre na pele

¹ Esse estudo é publicado em *Uirá sai à procura de Deus*, 1. e 2. edições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, 1976.

“dobras de paisagens novas”, conforme o poema “Canção do Exílio Mais Recente” de Affonso Romano de Sant’Anna. No entanto, não perde a pátria de vista. É no exílio que continua exercendo suas atividades como professor de Antropologia e como pesquisador. Elabora também seus *Estudos de Antropologia da Civilização* que aparecem publicados em vários países. Integrando uma única coleção, são reeditados no Brasil em 1980.

Como educador, propõe reformas para a Universidade da República do Uruguai, para a Universidade Central da Venezuela e para o sistema universitário peruano. Ajuda a reestruturar a Universidade de Argel; elabora o projeto básico de implantação da Universidade Nacional da Costa Rica e propõe para a Universidade Autônoma do México, uma Faculdade de Educação e Comunicação. No Chile, exerce uma atuação política direta, ajudando Salvador Allende a “formular seu projeto socialismo em liberdade” e, no Peru, ajuda Velasco “a transformar sua revolução nasserista num plano de socialismo cibernético”, como diz o próprio Darcy Ribeiro, em *O Brasil como problema*.

Ainda no exílio, o escritor descobre, redescobre sua outra face, escrevendo *Maira* e *O Mulo*. Alguns textos, que integram o volume *Ensaíes Insólitos*, nos remetem a sua presença marcante, como intelectual e como político, no cenário latino-americano.

Como Secretário da Cultura, no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola, coordena o Programa Especial de Educação. Nesse período, o autor continua escrevendo intensamente, associando a palavra escrita à ação, como tão bem evidenciou o crítico Antonio Cândido, em seu depoimento sobre Darcy Ribeiro. Pela publicação de novos textos, o escritor abre outras trilhas nesse caminho já de tantas veredas. Ainda nesse cargo, reedita a *Revista do Brasil*. Nessa aliança entre o político e o intelectual, por solicitação do governador Orestes Quércia, torna-se responsável por elaborar a programação do *Memorial da América Latina*, no setor cultural. Como senador da República, edita a revista *Carta* que, além de publicar novos textos, recupera importantes ensaios voltados para a reflexão sobre a cultura e a política brasileiras e

latino-americanas.

Já doente, tomado pelo segundo câncer, na luta contra a morte, publica *O povo brasileiro*, *O Brasil como problema* e *Diários Índios - Os Urubus Kaapor*. Sempre surpreendendo seus leitores, através do seu *Noções de coisas*, atinge também o público infanto-juvenil.

O reconhecimento, no Brasil e no estrangeiro, por sua atuação política e intelectual, revela-se, em um âmbito mais amplo, como se pode constatar pelos vários títulos de “Doutor Honoris Causa” que lhe são outorgados no Uruguai, na França, em Copenhage, em Brasília e em Minas Gerais. No Brasil, o escritor é eleito membro da Academia Brasileira de Letras e, pela publicação de *Diários Índios - Os Urubus Kaapor*, recebe o prêmio “Sergio Buarque de Hollanda” - Ensaio Social -, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura.

O autor deixa inéditos: um romance, um livro de confissões, uma coletânea de poemas e outros tantos textos mais. Assim, às outras faces de Darcy Ribeiro, acrescentam-se mais essas, desafiando o leitor e seu tempo, o tempo de Darcy e outros tempos que virão.

A TRAVESSIA LITERÁRIA

A literatura tem uma importância enorme para a vida do escritor, contribuindo tanto para formá-lo como para auxiliá-lo na tarefa de compor “espelhos para nos ver”. Nesse sentido, conforme a afirmação do escritor, presente no prefácio de *O brasileiros - Teoria do Brasil*, reforça esse seu posicionamento diante da literatura. Segundo ele,

as criações literárias nos dão na forma de romances, amplos painéis das condições de existência do povo e profundas percepções do espírito brasileiro, incomparavelmente melhores e mais profundas e agudas que toda a produção científica e ensaística².

Considerando a diversidade de saberes que sua produção intelectual abarca, a memória parece costurar fios que unem e reúnem toda essa variedade. Através do literário e do diálogo que esse institui

com outros discursos, Darcy Ribeiro procura escrever um projeto histórico e, ao mesmo tempo pessoal, nacional e universal. A escrita do projeto literário inclui espaços variados, percorridos pela memória: Minas (*Migo e O Mulo*); Os sertões de Minas e de Goiás (*O Mulo*); fronteira e interior do Brasil (*Utopia Selvagem e Maíra*) e do exterior para o centro do Brasil (*Maíra*).

Embora *Migo* não seja o primeiro romance de Darcy Ribeiro, começo por ele porque é aí que o escritor apresenta, na ficção, o mundo de suas leituras e de sua formação. Publicado em 1988, depois de dois romances e uma fábula, trata da vida do escritor mineiro Ageu de Sá Rigueira, alter ego de Darcy Ribeiro.

Logo no início do romance, institui-se um pacto de leitura entre Ageu Rigueira e o leitor virtual. Utilizando as iniciais AR, esse escritor mostra-se diferente de Darcy Ribeiro. Esse artifício enfatiza o fato de Ageu não ser Darcy. No entanto, a referência espacial ao sítio do escritor em Maricá rompe com a ilusão ficcional, instaurando, dessa forma, a ambigüidade.

O crítico Fábio Lucas, em um artigo sobre Darcy Ribeiro e Autran Dourado, faz um trabalho comparativo entre os dois autores, evidenciando o vínculo do texto narrativo com a memória, a confissão, o depoimento histórico e a imaginação criadora. Segundo ele, *Migo* "é uma fantasia confessional em que o romancista combina o lado nostálgico com o depoimento acerca de escritores e políticos que compõem o clima da época que o influenciou".³

Quanto à relação entre espaço e memória, em um certo momento da narrativa, Ageu diz: "Pregando neste chão, debaixo destas telhas, cumpro minha sina: escrevo, mapeio." (*Migo*, p. 207). Mapear corresponde a representar o território geográfico. Através de Ageu,

² RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros*. Teoria do Brasil. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

³ LUCAS, Fábio. Memórias contadas ao espelho: Darcy Ribeiro e Autran Dourado. In: CONGRESSO ABRALIC 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

Darcy escreve a geografia do “eu” em Minas, do “eu” em Belo Horizonte que vê o dentro e o fora. Para escrever a memória, há a recusa de um modelo linear, pois Ageu Rigueira no “Roteiro” oferece múltiplas possibilidades de leitura. O livro, visto como um mapa que possibilita vários caminhos, não faz opção por um gênero determinado: diário, romance, crônica patética, relato do [seu] viver disperso, embora na capa do livro fique claro ao leitor virtual que se trata de um romance.

Traçando o livro e a memória, Ageu faz o desenho de Belo Horizonte, como se pode perceber no fragmento: “Tomei um táxi que passava e tendo que tomar uma direção, pedi a Praça Sete, que é o umbigo feio da cidade. Lá fiquei parado um tempão, na esquina com a rua Rio de Janeiro. Vi, sem descanso, o rio de gente fluindo, os carros trafegando, tudo ritmado sem ninguém errar” (*Migo*, p. 204).

O enfoque do espaço da rua e da casa, do público e do privado é possibilitado pelas personagens que se comunicam com Ageu: “Convivo mesmo, intimamente, é só com esses que vêm me ver, e com o povo aqui de casa” (*Migo*, p. 207). Junto com o escritor, os personagens vão encenando a reconstrução da memória que se faz de maneira presentificada. Como personagem de ficção, Ageu pode falar de Darcy. No contexto dos anos 40, em Belo Horizonte, destaca-se a geração literária de Ageu: Darcy, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, Hélio Pelegrino e Paulo Mendes Campos. Todos esses escritores saíram de Minas, projetando-se no Rio de Janeiro. Ageu critica, através do personagem Belém, o intelectual mineiro cuja obra acaba ficando inédita. Segundo o personagem, o defeito de Belém “era não confiar em suas forças. Morreu inédito. Coisa comum nessas Minas. Altos intelectuais jamais puseram o nome na lombada de um livro” (*Migo*, p. 334). Ageu como crítico de si e dos outros, no capítulo “Fauna” se utiliza de um procedimento próprio à sátira. Trata-se da exposição do personagem ao ridículo através do rebaixamento: Canuto é visto como servil; Uriel, safado; o cura, falso; Elmano, mofino e Guedes, poltrão (*Migo*, p. 218). A verve satírica e irônica de Ageu/Darcy percorre todo o texto.

A leitura e o cinema como aberturas para a formação do

escritor acham-se representadas no capítulo “Janelas”. Indo atrás das pegadas de Darcy/Ageu/ Darceu, tem-se referência do mundo de leitura do escritor. Ageu era leitor do *Diário de Minas*, das traduções de Romain Rolland, das biografias escritas por Stephan Zweig, dos escritores Tólstoi, Balzac, Proust, Thomas Mann, de Dreiser e de Faulkner; dos enredos rocambolescos (Ponson du Terrail, Michel Zevaco, Xavier de Montépin, Alexandre Dumas) e de *Os Miseráveis* de Victor Hugo. Através desse quadro, Darcy recompõe toda uma geração que lia e consumia diferentemente todos esses textos.

Quanto ao projeto acadêmico, a personagem expressa seu desejo de estar junto com Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Caio Prado, Sergio Buarque de Hollanda, Antonio Callado e Antonio Cândido. Em São Paulo, encontra, reencontra sua tradição literária: a de Mário de Andrade, “herói totêmico de todos nós” (*Migo*, p. 117) é a de Oswald “sacana, irresistível, igualmente querido e detestado” (*Migo*, p. 117).

A escrita do passado e do presente acha-se associada à conquista amorosa e sexual do personagem Ageu que, no final do livro, anuncia uma nova conquista em sua vida. Se, por um lado, esse aspecto acha-se carregado de erotismo, por outro, constitui um fio que sustenta um tipo de narrativa cujo leitor está voltado para a história. Evidentemente, não é apenas a esse leitor que Darcy Ribeiro destina seu romance. Pelo fio da memória de Ageu, surgem o passado e o presente de um povo. Situando-se em Minas, o livro resgata o olhar de Darcy sobre a história de Minas e a do Brasil. O olhar de Ageu projeta Minas para além de suas montanhas. Na medida em que nos vemos, podemos ver o outro, os outros. Nosso caminho de pedras, de empedramento, de exploração, das perdições e das delações pertence a Minas e ao Brasil. Entre a ficção e a realidade, Ageu/Darcy tem a consciência do papel da escrita como forma de perpetuar a vida:

Na minha independência de criador só preciso mesmo é de sua existência e consciência de leitor para que minhas criaturas surjam e continuem existindo, fazendo suas besteiras, quando estiver morto e sepultado. O romance, como

você vê, não confere só existência, confere até eternidade – senão ao autor – lamentavelmente – a seu personagens, pelo menos. (Migo, p. 136).

Essa passagem aproxima o escritor do texto de Borges, especialmente, “Borges e eu”: “Eu hei de permanecer em Borges, não em mim (se é que sou alguém) porém me reconheço menos em seus livros do que em muitos outros ou do que no zangarreo de uma guitarra”. A leitura do texto de Borges impulsiona outro texto, o de Eneida Maria de Souza: “Histórias de família na América”⁴. Textos sobre a memória, histórias puxam histórias. Com *Migo*, Darcy Ribeiro fecha um ciclo, que, paradoxalmente, se abre para o conhecimento da formação literária e acadêmica do escritor em Minas Gerais. Além disso, há procedimentos narrativos de que o autor se utiliza e que já estão presentes em textos anteriores como a fragmentação narrativa, a justaposição de planos narrativos e a quebra da onisciência narrativa pela concessão de voz feita pelo protagonista aos outros personagens do romance.

Se *Migo* tem um caráter confessional, *O Mulo*, publicado em 1981, acha-se escrito sob a forma de confissão. O romance gira em torno do protagonista Philogônio de Castro Maya que, vendo-se doente e diante da morte, resolve fazer sua confissão e testamento, destinando-os a um padre interlocutor e herdeiro de seus bens. Na medida em que vai escrevendo, o personagem recompõe um passado de violência e de brutalidade que ocorre tanto em relação a ele como em relação aos que o cercam. Ligada a essa reconstituição do passado, acha-se a busca da identidade.

Quando o protagonista escreve sua confissão, ele o faz como o coronel Philogônio de Castro Maya, dono da fazenda de Laranjos. Através da escrita, recompõe uma espacialidade que acompanha sua trajetória andarilha. É filho de Tereza e do suposto pai Tertuliano Bogéa, “garimpeiro, branco, cabeça dura e bom reprodutor” (*Migo*, p. 19). Até aos quinze anos, mora no Lajedo, sertão de Minas, sob as ordens de

⁴ SOUZA, Eneida Maria de. Histórias de família na América. *Revista de Estudos de Literatura*, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, out., 1994.

Lopinho, a quem assassina, fugindo logo em seguida. Depois de seus feitos e malfeitos, deixa Cagaitas. É preso e roubado em Grão-Mogol. Como "piolho-de-meganha", sente-se rebaixado, reduzido a nada, tendo consciência de que não tem identidade. Ainda em Grão-Mogol, por intermédio do Cabo Vito, adquire uma certidão inventada, passando a chamar-se Terêncio Bogéa Filho. Com essa identidade, ingressa no Exército. Sai de Grão-Mogol, passa por Belo Horizonte até São João Del Rey. Depois de quatro anos de quartel, deserta do Exército, rouba o Baiano, assassinando-o. Foge de São João Del Rey, e segue pelos caminhos de Paracatu. Embrenhando-se para o "fundo deserto do Brasil", torna-se tropeiro e, depois, dono das Águas Claras. Como tropeiro, e de posse das Águas Claras, muda de nome: de Terêncio Bogéa Filho para Philogônio de Castro Maya.

Essa variedade de tempos e espaços, enfocada a partir da confissão, permite abordar o personagem em diferentes situações. Como empregado, é subjugado e rebaixado de maneira torpe. Como patrão, faz predominar a lei da marra, a do bode cabrão "que tem coceira nos cornos e não se consola enquanto não encontrar cada dia, outro em quem se entestar" (*O Mulo*, p. 54). Embora Philogônio, no presente, se encontre na situação de mando, por sua trajetória, contribui para o enfoque das camadas populares mais sofridas, acenando para a realidade brasileira: filhos enjeitados, mulheres violentadas, indivíduos sem identidades, matança de famílias inteiras; a luta corporal pela posse da terra, injustiças cometidas no espaço da prisão, e as perversões sexuais. A relação do personagem com o poder foi analisada, de maneira detalhada, por Livia Ferreira Santos no ensaio: "O Mulo: uma anatomia do poder". A ensaísta, nesse sentido, mostra que o livro "se configura numa crítica ao poder exercido sobre outros mediante a força devoradora da propriedade acumulada nas mãos de um homem só, propriedade sem função social"⁵.

Nessa linha de pensamento, cabe-me ressaltar o tom irônico do texto, para que não se tomem a voz e o pensamento de Philogônio

⁵ SANTOS, Livia Ferreira. *O Mulo: uma anatomia do poder*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 21 ago. 1982. Suplemento literário.

como sendo os do autor. Por meio do protagonista, o escritor imprime também outra intencionalidade ao discurso do personagem, denunciando, dessa forma, a brutalidade, a visão estereotipada que impregna o social. Em relação à raça negra, Philogônio diz:

Não pense que desgosto de meus pretos, até prefiro trabalhar com eles. Não posso é com preto metido. Negro tem que saber seu lugar. Um preto bom de serviço, sem muita preguiça demais; ou uma preta sem denço e serviçal é o melhor que há. (O Mulo, p. 259).

A confissão de Philogônio torna-se no texto uma estratégia interessante para a elaboração do romance. Na perspectiva religiosa, “a confissão é o discurso da culpa, sem a qual não pode haver perdão”, segundo Lana Lage da Gama Lima⁶. Ora, na medida em que a fala de Philogônio tem lugar, essa confissão acha-se deslocada tanto pelo personagem como pelo romancista. A confissão tradicional caracteriza-se por apresentar-se “segredada, sussurrada do pecador arrependido ao ouvido peludo do padre velho, escutador, perdoador” (*O Mulo*, p. 99). A de Philogônio constitui-se como “confissão palavrosa, proclamada, declamada” (*O Mulo*, p. 99). Para a personagem torna-se mais um recordatório saudoso de (...) idos vividos do que propriamente uma confissão” (*O Mulo*, p. 102).

Trazendo novos significados para o discurso literário, Darcy Ribeiro habilmente denuncia a brutalidade do ser humano, localizada em espaços do interior do Brasil, tanto nas áreas urbanas como nas rurais. A história literária, construída de forma não linear, põe a nu “as brenhas mais recônditas do Brasil” (*O Mulo*, p. 220), mimetizando, assim, a busca e a aventura, caracterizadoras do personagem que afirma:

Tantas estradas fiz, refiz, montado em burros que gastei, tantos, nesses sertões do Brasil do Meio. Meu país. Por ele andei, rodei, tresandei, até aqui chegar e parar nesses Laranjos. (O Mulo, p. 222).

⁶ LIMA, Lana Lage da Gama. *Aprisionando o desejo. Confissão e sexualidade*. In: VAINFAS, Ronaldo (Org). *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

No que se reporta à tradição literária brasileira, a crítica tem ressaltado a aproximação entre *O Mulo* e outros textos da literatura brasileira: *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade, *São Bernardo* de Graciliano Ramos e *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Essa possibilidade de confronto com todos esses textos reforça ainda mais a complexidade de *O Mulo*.

Os espaços representados no romance de Darcy Ribeiro têm existência real: norte de Minas e parte de Goiás. Essa regionalidade, no entanto, não restringe esse texto. Ao contrário, o texto enfoca o homem diante da morte, em busca de sua verdade. Isso é universal. A viagem, encenada em *O Mulo*, ocorre também em *Maira* e em *Utopia Selvagem*.

Essa fábula compõe-se de três partes: “Bandas e Lados”, “A margem plácida” e “Desbundes”. A primeira resgata a história das amazonas encontradas por Frei Gaspar de Carvajal, no dia 24 de junho de 1541, na foz do rio Jarundá. O contato com as mulheres guerreiras na *Utopia* de Darcy Ribeiro se realiza por intermédio do negro gaúcho, conhecido no exército brasileiro por Tenente Carvalhal. De forma mágica, atingido por uma cortina branca vinda da margem oposta em que estava, o aspirante a tenente vê-se entre as amazonas. Achava-se perto das terras dessas mulheres, porque participava de uma guerra nas Guianas, de objetivos inúteis, conforme nos convence o narrador.

Entre as amazonas, o tenente Carvalhal, também conhecido como Pitum, tem a função de prenhador oficial. No contato com essas “estranhas” criaturas, Pitum observa vários costumes: sacrificam-se os filhos machos, restando apenas as mulheres; as índias cortam o seio direito e, num determinado momento, matam o macho com quem se relacionam. Esse quadro acima descrito impressiona o tenente que se vê ameaçado a todo instante. A covardia diante da morte faz com que as índias o rejeitem. De maneira mágica, Pitum vai para o lado de lá, achando-se, agora, entre os galibis.

Em “A margem plácida”, segunda parte da fábula, Pitum se salva e permanece na tribo dos galibis, também frequentada pelas

monjas Uxa e Tivi. Representam a civilização ocidental, manifestando desejo de converter o gentio pátrio. Entre os índios, Pitum anda nu como se fosse um deles. Calibã, o tuxaua, procura integrar o preto à tribo. Sugere-lhe o casamento com Rixca. As monjas alertam-no para os deveres contraídos e as relações de parentesco que decorreriam dessa possível união. Por seu grande poder de escuta, Pitum, chamado de Orelhão, desiste da indiazinha e se torna um grande amigo de Axí, chegando ao homossexualismo. Por essa perversão, é condenado pelas monjas. Várias confusões e situações esdrúxulas resultam desse confronto desastroso entre civilizados e não-civilizados. Tivi ensina aos galibis a escrita; Uxa faz roupas para cobrir “as vergonhas” da indiada; tanto Pitum como as monjas dão informações desencontradas a Calibã que deseja seduzir Tivi. Isso acaba acontecendo na “Caapinagem”, último capítulo da fábula da utopia e fecho da última parte intitulada “Desbundes”.

Para a construção da fábula, Darcy Ribeiro vale-se de várias linguagens e de diferentes textos com os quais tece sua escritura. Dialoga com a tradição crítica da Literatura Brasileira. Mais especialmente, Mário de Andrade e Oswald de Andrade. No âmbito da História, a fábula atualiza o *Descubrimiento del rio de las Amazonas* de Frei Gaspar de Carvajal que relata a expedição de Francisco de Orellana (1541-1542). O romancista utiliza também outras fontes como os textos filosóficos e as narrativas de viagens sobre nós e as Américas. Em relação à literatura européia, chama atenção particularmente a paródia de *A Tempestade* de Shakespeare, reportando-se ao contexto das multinacionais.

Se em *Migo*, há uma afinidade entre Ageu/Darcy e o projeto antropofágico de Oswald de Andrade, é na fábula que tal projeto se realiza, tornando-se um dos espelhos através do qual buscamos nossa identidade, conforme o trecho:

Esgotados e enjoados do esforço de simular ser quem não somos, aprendemos, afinal, a lavar os olhos e compor espelhos para nos ver. Neles, nossa figura surge debuxada no Guesa, em Macunaíma e, sobretudo, no Grito Antropofágico. (Utopia Selvagem)

O diálogo que o escritor mantém com os vários textos, o tom parodístico da fábula e sua concepção antropofágica devem ser entendidos através da idéia de utopia. O prefácio ao livro de Leonardo Boff "A utopia Brasil" complementa e reforça o que o escritor demonstra na fábula. Tanto em *Utopia Selvagem* como no prefácio, Darcy se coloca contra "as enganosas utopias de nossos desencontrados ancestrais ideológicos, em nome dos quais fomos gestados". Se, na fábula, a "caapinagem" representa, de forma antropofágica, um modo de resistência ao mundo do progresso e da civilização, no prefácio Darcy faz uma exortação para que se realize a utopia possível, na igreja dos oprimidos, de Leonardo Boff: "construção de um 'Singelo Paraíso' em que todos comam todo dia; morem decentemente; estudem o primário completo; sejam socorridos e tratados nas dores maiores; tenham um emprego plenamente, por humilde que seja; e não morram ao desamparo na velhice".

A idéia de utopia, desenvolvida no plano literário, relaciona-se também a outra "janela" para o mundo, considerada pelo escritor. No capítulo final da fábula, em que Calibã devora Tivi e tem sua ilha de volta, a evocação a Glauber não acontece por acaso. Lendo *Utopia Selvagem* à luz de *Migo*, verifica-se que a fábula, ao realizar a "anti-utopia glauberiana" (*Migo*, p. 335), mostra-nos que o cinema não só forma o escritor como também permite à Literatura dialogar, de forma mais intensa, com a visão de mundo trazida por ele, como é o caso da obra de Darcy em relação à realidade brasileira, representada nos filmes de Glauber Rocha.

Maíra, primeiro texto do autor, publicado em 1976, efetua a passagem do escritor da Antropologia para a Literatura. Alguns elementos, presentes em *Uirá sai á procura de deus*, reaparecem no romance: o mito, o tema da viagem, a visão do índio em relação à morte, o conflito entre a cultura do branco e a cultura do índio, e a morte em decorrência da perda de identidade. *Maíra* focaliza o retorno de Isaías, índio e ex-seminarista, para a tribo de origem, com fim de assumir o tuxauato (chefia da tribo) e a identidade indígena. Esse regresso ocorre num contexto de morte, já que a tribo desapareceu e o romance começa

in finis res. Isaías não é o único a viajar, a deslocar-se de um espaço a outro. A partir de Brasília, sua viagem é feita junto com Alma.

Em 1977, Moacir Werneck de Castro⁷ salientava o destino desconcertante de *Maira*. Atestava que pouca coisa havia sobre o livro, a não ser “duas resenhas”. Ora, esse panorama desolador a respeito do romance acha-se transformado pelo interesse crescente, suscitado tanto por parte da crítica brasileira quanto pela estrangeira. As várias traduções e reedições, não só de *Maira* como também de outros romances, e a atenção crescente dos europeus pela América Latina têm mudado o quadro crítico sobre a Literatura de Darcy Ribeiro. A inclusão de *Maira* nos estudos pós-graduandos ou agregados de Português, na Sorbonne, demonstra a importância da obra, igualmente bem recebida nos meios acadêmicos.

Além das resenhas que divulgaram o romance, o estudo crítico de Maria Luiza Ramos⁸ enfocou, de forma pioneira, importantes aspectos do romance. Salientou o caráter dialético dos temas que estruturam o texto: a sociedade civilizada e a sociedade indígena. Abordou o “tratamento parodístico de Isaías bíblico – mediador entre dois mundos”.

Estudou ainda, de forma aprofundada, um dos aspectos fundamentais da narrativa, como o descentramento do sujeito e as máscaras do “eu”, com base sobretudo no capítulo “Egosum”.

Retomando o fio desse texto e abordando a relação espaço e memória em *Maira*, verifica-se que a viagem do protagonista Isaías permite a narração dos mitos, dos ritos, descristalizando um passado escrito/inscrito no corpo de Isaías como um mapa, conforme se observa na passagem:

⁷CASTRO, Moacir Werneck de. De etnólogo a romancista. *Opinião*, São Paulo, 4 fev. 1977.

⁸RAMOS, Maria Luiza. *Maíra: leitura-escritura*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mar. 1978. Suplemento Cultural.

Daqui de cima, recolhido no meu oco, eu vejo minha aldeia mairum esfumaçando nesta tarde de sol. É um círculo de casas rodeados por duas ruas de chão batido. Uma passa pela frente das casas, é a de dentro. A outra, por trás, é a de fora. De cada casa sai um caminhozinho que vai dar no pátio onde está a casa-dos-homens, o baíto. (Maíra, p. 71).

Na primeira parte de *Maíra*, a narração dos ritos acontece em conformidade com o primeiro deslocamento espacial do personagem de Roma até Santa Cruz/ Rio de Janeiro. Em "Homília" (segunda parte de *Maíra*), a narração dos mitos acontece com a chegada de Isaias em Brasília. Nesse espaço, enuncia: "Brasília me devolve aos mairuns, aos nossos mitos de criação." (*Maíra*, p. 131). Logo depois, os mitos começam a ser narrados, intercalando a travessia. O personagem, ao mudar de espaço, volta-se para o futuro, caminhando para a frente no espaço mas, paradoxalmente, para trás, para o passado, em relação ao tempo. Ainda assim, ao voltar-se para o passado, no tempo, está-se projetando no futuro, na construção de uma nova ordem.

Para o resgate da memória, durante os rituais, fragmentos de histórias e histórias inteiras são recontadas. Partes dessas histórias antigas podem ser observadas no trecho:

Os mais velhos recordam com carinho, velhas histórias daqueles bisavós esquecidos que sobreviverão encarnados nas crianças. Contam para que cada um saiba quem foi o último Toí, ou a derradeira Manitzá e os outros. Putir, a onça antiga, era trabalhadeira, muito alegre e caçoíssima. Jarú, da casa-dos-pacus, era um homem quieto, calado, mas quando ria em cascata, como só ele sabia rir, a aldeia inteira retumbava. A garça Tuim era a mais sururuqueira das mairunas. Puderá era mirixorã e linda. (Maíra, p. 60).

Durante a narração dessas histórias, é possível visualizá-las e ouvi-las, em decorrência do uso do adjetivo em sua forma superlativa, da ilustração sonora ("ria em cascata" e "a aldeia inteira retumbava") e das assonâncias.

No romance, a viagem é travessia, é passagem de um lugar a outro, suspensão de um sentido único, desconfiança e suspeita do sujeito como totalidade. Na medida em que a passagem/viagem se

desenrola, o sujeito Isaías, na busca de sua identidade, se duplica em Alma, se multiplica em “eus” mairuns. Isaías se vê e é visto sob todos os ângulos, sob a máscara de outros “eus” também índios. Nesse caso, o resgate de memória, ironicamente, só se realiza pela divisão, pela multiplicidade. Essa fragmentação do sujeito amplia o jogo das vozes no romance, em que o contraponto se torna peça indispensável para o jogo irônico. Por outro lado, a travessia como recuperação da memória se opõe à ida do investigador até à tribo. Enquanto a primeira se reveste de um caráter oficial, tornando-se neocolonizadora, a segunda desloca o centro da História, fornecendo, a essa, outra versão interpretativa. A polifonia discursiva, decorrente da busca do sujeito, é responsável pela ironia em *Maira*. Associada a essa busca, a ironia mostra-se também, de outra forma, pela linguagem pictórica que vai reescrevendo, de maneira diferente, a memória dos índios mairuns, apesar da morte e da destruição no presente. Para ilustrá-la, sirvo-me de dois exemplos.

No capítulo intitulado “Exumação”, há uma imagem do índio em posição de ataque. Essa figura tem uma posição de relevo no romance. Situa-se exatamente à página ao lado daquela em que Nonato descreve o aspecto geral dos índios com “bons dentes, exceto alguns banguelas” (*Maira*, p. 223). Tendo em vista que o investigador acaba por negar a identidade indígena, essa é afirmada, além da voz do autor implícito, também pela própria imagem do índio em posição de ataque, indicando sua existência. O final dos capítulos “Nonato” e “Ava” é ilustrado por uma “queixada de piranha”. No contexto, de “Nonato”, essa imagem reitera a descrição de Peter Becker (do choro das mulheres e do dilaceramento de seus corpos com queixada de piranha) e soa ironicamente, tendo em vista que tal representação antecipa, no plano da história, o que ocorrerá com os mairuns, tendo em vista a presença civilizatória, inclusive a de Nonato.

O humor mostra-se também como outro recurso importante para desvelar a retórica da morte. Já no sumário, observa-se uma escrita paradoxal. Ocorre a figuração dos círculos, representação espacial dos mairuns, junto com a fragmentação narrativa – marca da passagem do mundo mítico para a História. Essa visualização do humor mantém-se

pela parataxe que combina, de forma simultânea, os planos narrativos e, conseqüentemente, o passado, o presente e o futuro. Em função dessa simultaneidade, a cultura mairum, através da narração dos mitos e dos ritos, passa a coexistir com a história dos brancos. Resgatar a memória no romance não significa trazer apenas o passado, mas atualizar os ritos e os mitos no contexto do presente.

Os mitos, narrados no romance, mostram como Mairaira (deus filho) contesta e transgride a lei de Mairahú (o deus pai). Relacionando o projeto antropofágico ao texto de Darcy Ribeiro, verifica-se que trazer os mitos para o presente significa contestar a história indígena tal como foi escrita. A viagem de Isaias em busca da memória, em oposição às viagens colonizadoras e neocolonizadoras, aponta para a escrita de outra História, possibilitada pela voz indígena, representada pelos mitos, pelos ritos, pela voz de Isaias e pela voz desdobrada do deus Maíra que concede voz a seu povo mairum.

A diversidade literária das obras de Darcy Ribeiro continua desafiando os leitores, possibilitando múltiplas interpretações e questionamentos, abrindo também espaço para o diálogo entre a Literatura e sua extensa atividade ensaística. Nesse sentido, sua obra literária não estaria entrelaçada a outros fios?

FIOS QUE SE ENTRELAÇAM

O trajeto literário do escritor que busca, de forma denunciadora, recompor a cultura em determinado contexto histórico, tem uma contrapartida em sua extensa obra antropológica. Considerando seus *Estudos de Antropologia da Civilização*, vê-se que em *O povo brasileiro*, o último livro da série, Darcy Ribeiro retoma, de forma crítica, sua teoria da História. No sentido de explicitar a formação do povo brasileiro, o autor analisa o processo de gestação étnica que deu nascimento aos núcleos originais, formadores do povo brasileiro; estuda as linhas de diversificação que plasmaram os nossos modos regionais de ser e enfoca a propriedade fundiária e o regime de trabalho, sistemas

institucionais em que o povo surgiu e cresceu.

Esses estudos de Antropologia da civilização são complementados por outros trabalhos, ensaios, vários artigos, prefácios e biografias. Dessa trama diversificada de textos surgem, então, o historiador do Brasil, *Aos trancos e barrancos, A Fundação do Brasil - 1500 - 1700*; da América Latina *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*; o antropólogo escritor de *Diários Índios* e o ensaísta, capaz de condensar História, Antropologia, vida e biografia.

Como a obra ensaística e antropológica do escritor é bastante extensa, resalto dois prefácios dentre os vários que escreveu. Ao tratar de textos alheios, que enfocam a identidade cultural, insere-se tanto na tradição antropológica como na tradição literária.

O prefácio de Darcy Ribeiro, ao livro *Casa Grande & Senzala*, escrito para a edição publicada pela Biblioteca Ayacucho de Caracas, é traduzido e republicado em *Ensaios Insólitos*, junto com outros ensaios/painéis sobre a cultura brasileira. Para desenvolver o estudo que inicia a obra do escritor pernambucano, Darcy Ribeiro aborda os seguintes itens: o escritor, o intérprete, o método, os protagonistas, o índio e o jesuíta, o brasileiro senhorial e a negraria. Uma Biocronologia complementa os itens ressaltados. Ora, essa multiplicidade de aspectos destacados mereceria por si só uma análise aprofundada. Esse não é meu intuito aqui. Nesse sentido, atenho-me a alguns pontos elucidativos da posição de Darcy Ribeiro diante do texto de Gilberto Freyre.

Apesar de a escrita do prefácio ser em tom bem humorado, Darcy Ribeiro não poupa críticas à obra de Gilberto Freyre. Assim, afirma: "Gilberto Freyre, escreveu, de fato, a obra mais importante da cultura brasileira" (*Ensaios Insólitos*, p. 64). Em seguida a essa afirmação, o autor levanta, em sua análise, pontos críticos necessários não só para a compreensão de Gilberto Freyre como também para a iluminação dos seus próprios textos. Se, por um lado, elogia a escrita literária de Gilberto Freyre - que rompe com uma "retórica tola" -, por outro, resalta como o literato, ao suplantando o cientista, corre riscos. Advertindo o leitor, afirma:

O principal é, talvez, a necessidade de que o leitor se acautele. São incontáveis as vezes em que o antropólogo se deixa engambelar pelo novelista, sendo preciso ler e reler atento tanto ao gozo literário como saberes duvidosos, vendidos como boa ciência. (Ensaios Insólitos, p. 69).

A epígrafe do prefácio de Darcy, tendo como base uma fala de Antonio Candido: “nossa tarefa máxima deveria ser o combate a todas as formas de pensamento reacionário” (*Ensaios Insólitos*, p. 63), é bastante significativa. Para Darcy Ribeiro, não é suficiente dizer se o autor pernambucano pertence à direita, ao centro ou à esquerda; cabe contextualizar o trabalho antropológico, levando-se em conta a formação do escritor e a singularidade da obra no tempo e no espaço.

Sob a perspectiva antropológica, Gilberto Freyre se insere na Antropologia colonialista que “em sua propensão a tudo esconder atrás de um relativismo cultural, essa antropologia se torna capaz de apreciar favoravelmente as culturas mais elementares e até de enlanguescer-se em saudosismos do bizarro e em amores estremecidos pelo folclórico”. (*Ensaios Insólitos*, p. 71). Sob o ângulo literário, é importante destacar como *Casa Grande & Senzala* fez do Brasil “um protagonista literário que, podendo conhecer-se pela leitura, passa a existir através dela”. (*Ensaios Insólitos*, p. 72)

Outro ponto importante na discussão de Darcy Ribeiro diz respeito à obra e seu intérprete. No caso do intérprete, para traduzir o conflito cultural de Gilberto Freyre, dividido entre o olhar do europeu (o inglês) e o do pernambucano, vale-se da roupa como imagem metafórica, considerando que Gilberto Freyre portava “calças de flanela e paletó de tweed para ver o corso no carnaval do Recife” (*Ensaios Insólitos*, p. 73). Segundo ainda o prefaciador, foi “a miopia fidalga” de Gilberto Freyre que o impossibilitou de reconstituir a “antifamília matricêntrica de outrem e de hoje, que é a mãe pobre, preta ou branca, parideira, que gerou e criou o Brasil - massa”. (*Ensaios Insólitos*, p. 82).

Apesar das críticas que Darcy Ribeiro impinge à obra de Gilberto Freyre, reconhece a singularidade de *Casa Grande & Senzala*. No cerne dessa discussão, Darcy Ribeiro aponta caminhos para a crítica

da cultura, evidenciando que ela não deve se submeter à imposição e à pura aplicação de metodologias.

Mostrando-se contrário a um pensamento dogmático e ortodoxo, Darcy Ribeiro põe em questionamento as “perquirições teóricas tão sujeitas à moda” em favor do texto de Gilberto Freyre – “uma composição que há de ficar para reconstituir, vivente, nosso passado ou ao menos o passado das classes patronais e patriciais do Brasil” (*Ensaio Insólito*, p. 82).

Parece-me que a ruptura com uma escrita retórica e tola, a quebra de fronteiras rígidas entre o texto literário, histórico e antropológico são alguns dos aspectos que atraem Darcy Ribeiro em relação à escrita de *Casa-Grande & Senzala*. Porém, é preciso ressaltar que o escritor, atento à Literatura e à Antropologia, diz que Gilberto Freyre às vezes se deixa “engambelar pelo novelista”.

Em *Diários Índios*, último texto do autor publicado em vida, essa tensão entre memória e Antropologia se mostra desafiadora. Os diários são escritos sob a forma de cartas destinadas a Berta. O escritor faz questão de esclarecer que ele e Berta estão doentes, de câncer. Portanto, a proximidade da morte os une, reencontra-os nesse texto de memória: “Berta e eu mantemos o riso atarrachado na cara e os corações abertos às alegrias alcançáveis”. (*Diários Índios*, p. 10). O antropólogo/ficcionista pede ao leitor que não busque teorizações: “Este é o material original de que elas são feitas. O importante, a meu juízo, é apresentar esses fatos brutos para que possam ser interpretados e não escondê-los atrás de construções cerebrinas” (*Diários Índios*, p. 12)

O texto *Diários Índios* apresenta elementos inerentes a um relato antropológico: a viagem, o contato com o outro, o relato dos mitos e a descrição detalhada sobre a cultura indígena e a cultura brasileira, de modo geral. No entanto, elementos subjetivos – o texto identificado como carta de amor a Berta; o relato das dificuldades enfrentadas pelo antropólogo; uma interlocução voltada para o leitor e comentários interpretativos do escritor à luz do presente – concedem novos matizes ao relato antropológico, visto muitas vezes como

transcrição distante e objetiva do fato cultural observado.

As viagens, descritas por Darcy Ribeiro em *Diários Índios*, propiciam um deslocamento no tempo e no espaço. Na medida em que isso ocorre, é possível perceber um entrecruzamento de vozes. A oralidade nesse contexto torna-se um aspecto importante para caracterizar o resgate da memória do outro, dos outros. No que se reporta à questão das vozes, o livro *Diários Índios*, como relato antropológico, rompe com uma tradição etnográfica sobre os relatos de viagem. Aproxima-se da crítica atual, preocupada com a textualidade dos ensaios antropológicos e com a escrita desses estudos, voltando-se para o dialogismo, termo de que a Antropologia se apropriou com base na crítica literária de Mikhail Bakhtin.

Se em *Maíra* Darcy Ribeiro se faz personagem, mascarando-se através de vários “eus”, em *Diários Índios* constitui-se como personagem de sua própria história real entre os Kaapor.

Sob a perspectiva da literatura, o prefácio de Darcy Ribeiro à obra de Mário de Andrade é de extrema importância. Depois de mostrar que *Macunaíma* é o texto “mais jocoso e mais gozoso que se escreveu em nossa língua”, aborda Macunaíma à luz dos textos que o analisaram na edição crítica. Associando a metáfora da casa à construção poética de *Macunaíma*, utiliza expressivas metonímias: “adobes de dizeres índios”; “telhas de arcaísmos caipira” e “cal de suas erudições”. Com cal, telha e adobe, Mário constrói sua teia textual e Darcy as desconstrói para colocá-las visíveis diante do leitor. Indo além dessas imagens, Darcy Ribeiro levanta outras paredes, construídas por sua experiência de etnólogo, com dez anos entre os índios. Constata que Mário buscou *Macunaíma* na indiada da Guiana, cujas fontes foram os sábios alemães. No entanto, segundo Darcy, Mário tão bem mascarou essas fontes, através de “porandubas, de brasilidades arcaicas e de africanidades, que são nossas as matrizes que ali reluzem”. (*Macunaíma*, XXI)

Pela extensa obra do escritor, pelo seu legado cultural, Darcy Ribeiro revelou-se um intelectual complexo que viveu esse e outros tempos. De maneira crítica, realizou uma importante obra antropológica,

histórica e literária, sem contar aqui, de maneira mais específica, seus escritos sobre Educação e sobre Política. Com ironia e humor construiu sua teia literária. Questionando a sabedoria, nos dá *Noções de coisas*, de muitas coisas que havemos de aprender, inclusive o que é ser sábio.

Sempre inquieto diante das verdades instituídas, imprimiu um tom denunciador em tudo que fez. Seguindo as lições de Drummond e não aquelas de *Lições de coisas* de Rui Barbosa, cantou o tempo presente, dialogando sempre com o passado para que esse não se perdesse, engolfado pela memória alheia. No resgate do presente, não abandonou o passado, as fontes populares. Trouxe para a Literatura a voz do índio. Incorporando a memória do outro, abriu veredas para o caminho da liberdade e de resistência. Através de sua escrita misturou “a coisa literária” com “a coisa humana”.

Belo Horizonte, abril de 1997

DEPOIMENTO

DARCY RIBEIRO

JANELAS PARA O MUNDO

Eu costumo pensar que sou feito de palavras lidas e de imagens de cinema. Um menino do interior, curioso como era eu, o que podia ter à sua disposição? Os livros e o cinema, duas janelas que eu tive sobre o mundo. Literatura foi sempre muito importante para mim. Eu li, creio, todos os livros que rodavam por Montes Claros. Eram livros grandes, encadernados, alguns com a assinatura do meu pai que teria comprado. Ele morreu quando eu tinha três anos. Aqueles livros rodavam pela cidade, livros de Victor Hugo, de Miguel Zevaco, outros autores desse estilo. Eu lia freneticamente. Isso, a partir dos quatorze anos. Dessa idade aos dezessete, até mesmo antes dos quatorze, me lembro que minha mãe ia ao meu quarto apagar a luz para que não ficasse lendo. Fazia mal a vista. Havia também a biblioteca do meu tio Plínio que teria uns quinhentos livros. Eu tentei ler todos, alguns me interessaram muito, por exemplo, um livro de um italiano, espírita, sobre a sinfonia sideral.

Foi a primeira notícia que tive do universo. A idéia era de que os planetas ficavam andando, tocavam sinfonia e Deus ouvia. Isso me encantou muito. Essa idéia de que era possível haver isso, lá em cima, me dava a noção do que eram os planetas e o universo. O cinema tem a capacidade de arrebentar as paredes e trazer o mar através da tela. Você está em alto mar ou está no meio do céu, tamanho o encantamento. Nunca acontecia nas famílias de Montes Claros, nada tão dramático, tão sério e tão claramente como ocorria no cinema. A artista que eu gostava em criança era a *Mae West*. Nesse ambiente é que me alimentava de Literatura e ler passou a ser para mim uma atividade constante que conservei pela vida inteira, mudando a qualidade do que lia.

A primeira coisa que escrevi foi um texto de protesto. Eu me lembro que gastei muita folha de papel almaço. Conversava com os retirantes e flagelados que eram mineiros e baianos, considerados da ponta de linha e que estavam ali numa miséria terrível. Eu e o meu irmão é que entregávamos esmola aos pobres em Montes Claros. Às vezes, era farinha, às vezes rapadura e às vezes, um pouco de carne seca. Alguns pobres eram preferidos. Eles vinham da porta para dentro da cozinha e lá eles tinham feijão e arroz. Mas nós dávamos para o pobre comum. O flagelado foi uma coisa que me revoltou. Primeiro, era pra dar só farinha, depois nem farinha, porque a gente não tinha mais recursos pra dar e eles eram muitos. A água vinha de poços externos que havia no quintal. Os flagelados iam pegar a água lá. Depois, a água foi racionada, porque a cisterna já não dava. O certo é que essa circunstância social me afetou e eu escrevi um texto revoltado contra minha mãe, contra minha família, contra aquela má gente que viu os outros com fome e devia ficar com fome também. Se os outros estavam com sede, deviam ficar com sede também e não ficarem guardando para nós. Eu não tenho esse texto que escrevi quando tinha quatorze para quinze anos. Digamos, esse texto indica que eu estava influenciado pelas leituras e que as leituras geram um modo de comunicação. Eu creio que *Os miseráveis* também, que é um texto muito socialista, fez uma espécie de denominador comum ou minha planta básica ideológica. Deve ter tido influência e, em função disso, é que eu teria escrito aquele texto. Mais

tarde, só fui escrever um texto quando eu estava em Belo Horizonte, estudando Medicina. Lá em Belo Horizonte, eu fui capaz de usar a Universidade como eu vim depois organizar a Universidade de Brasília e as outras Universidades que eu reformei, pelo mundo, sempre com a idéia de que a Universidade fizesse o que todas as Universidades fazem: uma oferta de seus cursos para quem tivesse coragem e capacidade de acompanhá-los. Havia muitas matérias que eram interessantes. Tanto que eu, como estudante de Medicina, não ia às aulas, ia assistir às aulas na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Direito. Nessa Faculdade, fiz três cursos: “A organização do Estado”, que era um curso de Orlando de Carvalho; “O estado inglês” e “Filosofia do Direito” de Carlos de Campos. Eu pude ter em Minas um contato íntimo com gente altamente preparada como Orlando de Carvalho, como Carlos de Campos e como Veloso e outros sábios que havia em Minas Gerais.

Sobrou dos vinte anos mais ou menos um diário grosso em que eu falo, com muita frequência: não decidi se ia nascer, decido hoje se vou viver. Isso era sério. Ter vinte anos é um perigo, porque eu podia me matar, desesperado porque tomava bomba, desesperado pela decepção da minha mãe, desesperado pelos mediocres, idiotas. Todos passavam e eu não passava. Eu era de fato um pouco extravagante para estudante de Medicina e a extravagância maior, ou duas extravagâncias, eu me lembro agora falando: uma foi escrever esse romance *Lapa Grande*, duzentas e cinquenta páginas, ainda existe. É a história de um cego que vai recuperando a vista, mas a luz incidindo sobre os seus olhos provocava muita dor. Ele percebe a visão como dor. Ele quer fechar os olhos e vai para dentro de uma lapa grande, profunda, para não sentir a luz, não sentir dor. Tem a história da paixão dele com uma menina que era a minha paixão, a Juju. O cego, a todo tempo está preocupado com essa paixão. No final, ele aguenta abrir os olhos. No quarto dele, tinha telhas de cerâmica. E essa telha de cerâmica lhe passa uma luz vermelha. Assim, ele aguentou a visão e pegou com os dedos o rosto da mãe que ele conhecia pelo tato. Comparou o tato com a visão e achou que a mãe era muito feia. Na realidade, a mãe era muito feia, quer dizer, é uma coisa de menino. Eu fico aqui me lembrando dessa época, da doidura dessa época.

Escrevi esse livro assim, abandonei a Faculdade de Medicina e o certo é que fui para São Paulo estudar Sociologia.

Você imagina o diabo eu com vinte anos dizendo que não queria estudar, ser médico, que Medicina é a ciência da doença e doente fede, é muito nojento. Eu queria estudar Antropologia que é o estudo do homem sadio, são. Então, meu tio ouviu aquilo calado. Quando acabei aquela conversa, meu tio disse: “Bom, se eu pegasse a sua idade, eu ia é tocar o Santo André”. Santo André do Brejo das Almas, é conhecido como Brejo das Almas que inspirou o livro de Carlos Drummond de Andrade, *Brejo das Almas*. Ele me dava mais de 30.000 hectares de terra, me dava gadaria desde que eu pusesse um chapéu de couro e fosse cuidar de gado como a gente séria da minha família fazia. Para mim, eu que tinha ganhado uma bolsa em São Paulo, era um absurdo. Mas eu não sabia o que fazer. Minha mãe também não sabia e disse: ele está te deserdando, está oferecendo para não te dar o que é seu, do seu pai, negócio complicado. Eu sei que optei por ir para São Paulo e não cuidar da gadaria.

Em Belo Horizonte, o partido comunista também teve muita influência sobre mim. Essa formação teve um papel muito importante. Quando cheguei em Belo Horizonte, aos dezessete anos em 1939, a disputa comunista, integralista era enorme e não sei nem porque optei pelos comunistas. Creio por causa do livro de Jorge Amado sobre o “Cavaleiro da esperança” que acendeu todo meu romantismo e pela beleza também que era a coisa comunista, aquela célula fechada, da gente ficar escondido do mundo. Nessa ocasião, houve um concurso na Faculdade de Direito sobre Deus, a pátria e a família e eu cheguei lá para ver o concurso e encontrei um rapaz falando contra Deus, contra a pátria e contra a família. Eu disse assim: esse é meu. Eu fui lá e recrutei Marco Antonio Coelho para o partido comunista. Depois, ele se tornou um homem importante no partido comunista. Eu devo aos comunistas uma atitude responsável pelo destino humano, o que aconteça aos homens em qualquer lugar da terra me interessa, é comigo. Eu sei o que não me agrada. Essa atitude de responsabilidade moral é uma coisa que falta à juventude de hoje, empurrada para arranjar um emprego, empurrada para

ser cega, empurrada para tirar alguma vantagem. Entretanto, ninguém empurra e nenhuma força empurra no sentido da solidariedade social. Depende do ambiente. A juventude foi uma coisa linda até 67. Veio o A15, a brutalidade, a luta armada. Esta luta de uns meninos contra o Exército, a Marinha, a Aeronáutica, uma luta impossível. Mas eles queriam se realizar moralmente e eles lideravam a cabeça, queriam fazer a cabeça da juventude. Depois, uma quebra, medo moral nos jovens. Só agora, com os caras pintadas contra o Collor começou a renovar e é preciso. E o país não pode deixar de ter uma juventude. Estou falando em coisas genéricas já. No meu caso, se não fosse o partido comunista, eu não teria essa opção ideológica que é uma coisa que me formou também. Mas São Paulo me empurrou para estudar a natureza humana, pela observação dos índios através de um ideal científico.

DE MINAS A SÃO PAULO

Em São Paulo, mudei meu estilo de leitura, porque Minas sofreu e sofre ainda da principal enfermidade do espírito, que é a erudição vadia, fútil que é ler pelo gozo de ler. Eu cheguei, em São Paulo, numa escola de formação: a escola inglesa, a alemã, a francesa, talvez a melhor escola de Sociologia Política daquele tempo. Eu me lembro que havia vários professores expulsos da Europa pela guerra e pelo nazismo. Lévi Strauss era judeu e uns doze outros grandes sábios estavam em São Paulo e exerceram um papel muito importante. Agora, em São Paulo, no curso de Sociologia, tinha que fazer aquelas leituras conectadas com a formação que eu tinha que ter, com a pesquisa que eu ia fazer, seja pesquisa de observação direta na sociedade, seja pesquisa de reconstituição histórica. Florestan Fernandes foi meu colega no seminário do professor Herbert Baldus. Florestan se orientou para fazer pesquisa funcionalista com base nas fontes primárias dos índios tupinambás, ou seja, ele tomou documentação preciosa do século XVI sobre os índios tupinambás e reconstituiu a vida dos tupinambás numa admirável pesquisa funcionalista. Eu acho que um dos livros brasileiros que será republicado no próximo século é a *Organização Social dos*

índios tupinambás do Florestan Fernandes. Se Florestan Fernandes se orientou naquele seminário para estudar as fontes, eu me orientei para estudar por observação direta. Eu fui ter junto aos grupos indígenas para lá observar diretamente a conduta humana. Que o menino de Minas Gerais, filho de garimpeiros e boiadeiros, tivesse um ideal científico de estudar a natureza humana tal como essa se mostrava no comportamento da população indígena brasileira, é uma coisa extraordinária, e é claro, não podia ocorrer em Minas. Só podia ocorrer onde havia um ambiente científico. Em São Paulo, já havia alguns intelectuais brasileiros, e o caso típico é o do Mário de Andrade. Em Minas Gerais, ele começou a mostrar o valor do Barroco Mineiro, depois no Nordeste, depois na Amazônia, ou seja, Mário de Andrade, um dos principais literatos brasileiros, era um etnólogo brasileiro, um etnólogo de campo, fazendo observação direta. No caso, eu em São Paulo, como estudante, tive contato com professores que me orientaram para isso e eu passei dez anos entre as populações indígenas.

Entre os índios, fiquei duplamente encantado com o comum do indígena: o mundo indígena visto intelectualmente e o mundo indígena visto no Xingu. Aquela coisa mais linda do mundo, uma dezena de tribos falando línguas diferentes e convivendo há mil anos, talvez. Substituíram a guerra entre eles pela guerra esportiva. E é de uma beleza incrível. Os primeiros índios que eu estudei, foram muito importantes para publicar meu primeiro livro sobre os Kadiwéu, remanescentes atuais dos antigos Cavaleiros Guaicurus. A mitologia Kadiwéu é imensa. Com o livro, eu ganhei o prêmio Fábio Prado, o prêmio mais importante daquela época. Teve um efeito enorme, porque apareceram notícias grandes, entrevistas comigo, reportagens de páginas inteiras, em vários jornais, inclusive no Estado de Minas, que o pessoal lia. Isso teve também um efeito grande sobre minha família porque até então eu era considerado um boêmio, um doido, gastando dinheiro. Minha mãe, pouco tempo antes, tinha me dito: meu filho pede emprego para seu tio deputado. Essa coisa sua é tão sacrificada, esse emprego de amansar índio. Eu até tinha um certo êxito nacional, internacional, mas ela não era capaz de compreender, não estava no horizonte mental dela. Achava que eu

estava pensando em amansar os índios, que eu falava muito bem dos índios. É uma loucura. A mitologia indígena tinha me alimentado tanto o espírito que eu tive necessidade de me expressar literariamente. Isso aconteceu até que anos depois, me ressurgiu uma vontade de fazer Literatura.

Depois dos índios, fui trabalhar com política, com educação, uma coisa muito rica. Trabalhei com educação primária, média e superior. Criei a Universidade de Brasília. Depois disso, fui Ministro da Educação, fui Chefe da Casa Civil e tentei fazer uma série de reformas para passar o Brasil a limpo, para o Brasil dar certo e fui cair no exílio.

DA PRODUÇÃO ANTROPOLÓGICA À PRODUÇÃO LITERÁRIA

No exílio, surgiu pela primeira vez minha necessidade de Literatura e eu estava escrevendo uma obra muito ampla, que era *Estudos de Antropologia da Civilização*. Eu tinha escrito primeiro um livro *O Povo Brasileiro* que está sendo editado. Depois de escrevê-lo tive o senso crítico suficiente para saber que não tinha nada de novo no que eu fiz, eu tinha atirado no escuro. Vi que era impossível fazer um livro que falasse sobre o Brasil, porque não havia teoria sobre o Brasil nem sobre a América Latina nem sobre as Américas. Era preciso fazer minhas teorias. Escrevi, então, *O Processo Civilizatório* que é uma análise de dez anos de História; *As Américas e a Civilização* que é uma análise de quinhentos anos de História - que estuda as causas de desenvolvimento dos povos americanos - e, depois, *Os Índios e a Civilização*. Eu tive que fazer todos esses livros para escrever um livro sobre o Brasil. Escrevi três vezes o livro sobre o Brasil. A primeira versão, depois a segunda versão e, depois uma terceira, que eu achava que era definitiva, ótima, no Peru, em 1972. No Brasil, eu nunca me animava a publicar. Eu achava que podia fazer mais, fazer uma coisa melhor. Mas quero te contar. Estava no Uruguai, como exilado, escrevendo *O Processo Civilizatório*, quando surgiu a primeira versão de *Maíra*. Estava lendo três vezes uma página para entender e não conseguia entender. Tinha muita coisa que ler e dar

acabamento ao livro muito ambicioso que é *O Processo Civilizatório*. Sentia-me fraco, desesperado e o médico me disse: você tem que descansar, você está ameaçado de cair num estado permanente de cansaço mental. Fui para um hotel. Estava tão cansado que fui no inverno, para hotel de verão. O hotel não tinha acomodação para inverno. Afinal, fui para casa de uma italiana e passei vinte dias na casa dela. Depois de algum tempo, ela me disse: você veio aqui só para ler livros? Preparei meu vinho para o senhor. Ela produziu o próprio vinho e tinha colocado o vinho na lareira. Estava fervendo. Eu tomei aquela garrafa inteira de vinho. Foi um estouro na cabeça. Percebi que era uma loucura insistir no *Processo Civilizatório*, tinha que interessar por outra coisa, porque minha cabeça não parava de pensar e de fazer coisas. Aí eu fiz a primeira versão de *Maira*, primeiro esboço do romance. Quando voltei, depois de vinte dias de férias, estava curado e pude terminar *O Processo Civilizatório*. A segunda versão foi quando eu tentei voltar ao Brasil e fui preso aqui. Escrevi uma versão de *Maira* que foi transcrita na prisão de Santa Cruz. Aí dei um impulso maior ao livro. Não tinha cópias anteriores. Então, de qualquer forma, eu escrevi, já dividi por capítulos, organizei mais ou menos o livro. Foi no exílio, em Santiago, depois em Lima, que retomei o livro. Eu estava escrevendo também *O Mulo*. Achava que esse romance ia sair antes, mas acabei *Maira* e, afinal entreguei aqui, há vinte anos atrás, o romance para publicar. Tive, na verdade, postergado, meu encontro com a Literatura. Tive tanto interesse pela Etnologia, pela vida no campo, que só mais tarde me apeguei à Literatura.

O primeiro exílio foi no Uruguai. O segundo exílio foi em Santiago, Caracas e em Lima. Foi um exílio mais doloroso. Eu tinha voltado ao Brasil e tinha sido expulso outra vez. A única forma de eu ficar sozinho, fugir do exílio era escrever o romance. Quando escrevi *Maira*, estava vivendo com os índios lá na mata. Vivi os melhores anos da minha vida, dos vinte e poucos anos aos trinta. Então, naquelas mil horas que estava debruçado sobre o livro escrevendo, reescrevendo o livro, de fato, não estava exilado. Sentia-me livre. O livro teve para mim o efeito não de cansaço, mas de uma abertura de uma limpeza mental assim que consegui terminá-lo. À medida que escrevia, fiz várias descobertas

no livro. Por exemplo, descobri, em certos momentos, que ele repetia a missa católica. Eu tinha lido muito, ouvi muita missa gregoriana e creio que por isso eu conheça tão bem a estrutura da missa. Quando eu vi que tinha isso, que o tema profundo do livro era a morte de Deus - Deus nasce morto e o mundo não tem remédio - intencionalizei. Pus mais intenção e dividi o livro tal como a missa católica. É um livro muito bem recebido, que tem vinte anos. Tem uma publicação com mais de dez edições, em mais de dez línguas e está republicado em muitos países. É um livro que me deu muita satisfação. Há quem diga que *O Mulo* é meu melhor livro, que é a única obra prima, no Brasil, naquele período de vinte anos. *O Mulo* é de fato um livro bom, bem pensado. Mas o livro com que me identifico, a minha filha querida, o meu filho querido é *Maira*.

Sobre *O Povo Brasileiro*, escrevi três versões. Vi-me na UTI que era uma coisa terrível, cheia de gente morrendo e suponho que teria morrido se ficasse lá. Fiquei tão apavorado que me deu consciência, que se eu não sáisse para escrever meu livro, minha obra principal (*Estudos de Antropologia da Civilização*) ficaria descabeçada. Se eu não o fizesse em nome do Brasil, teria perdido isso. Fiquei com uma angústia muito grande e há uma história que quase todo mundo sabe. Fugi da UTI e fui para minha casa em Maricá. Em três meses, eu reescrevi *O Povo Brasileiro*, tendo em vista as duas últimas versões. Ele era um livro que correspondia ao que as pessoas de nível intelectual queriam. É um retrato de corpo inteiro do Brasil. É um painel do fazimento do povo brasileiro, como os brasileiros fizeram-se a si mesmos ao longo de quinhentos anos. Bom, esse livro coroa aquela série de meus estudos.

Agora, é preciso notar o seguinte, eu sempre assinalo isso: quando escrevo ensaio como é o caso de *O Povo Brasileiro*, eu comando, eu me comando. Eu escrevo me regendo. Quando eu escrevo Literatura, é o contrário, o livro é que me comanda. O romance, a meu ver, as letras que eu consigo escrever são golfadas saindo do inconsciente. Você pode interpretar o sonho, interpretar poesia, porque o sonho não é um construto racional, é um produto do inconsciente. Os meus romances são isso. Tanto que eu não tento me controlar. É alguma coisa que sai de

mim, sai do fundo de mim. E, se tento controlar, eu perco a inspiração, perco a capacidade de fazer. Quando está pronto, começa a sair e sai, também, aos borbotões. Você não tem obrigação de acreditar nisso, é um depoimento meu. Sinto que, no meu caso, as coisas são assim. Uma vez, eu fiz uma conferência e, aí, uma mulher levantou, uma doutora. Muito delicada, disse: então, você quer que *Grande Sertão: Veredas* seja um vômito do inconsciente de Guimarães Rosa? Sei lá, não sei se ele vomitava o inconsciente, eu vomito.

No caso de *Maíra*, o livro é uma fuga para mim que convivi dez anos com os índios e vivi o sistema diário da vida deles. Esse livro expressa dez anos de meditação, trabalhos com os índios, de convivência íntima, de amor. *O Povo Brasileiro* revela minha preocupação com o Brasil, como entender o Brasil, como viemos a dar no que demos; como chegamos a ser o que somos.

O Mulo é uma expressão dos dezessete anos. Até os dezessete anos, vivi em Montes Claros, convivendo com criador de mula, que cruzava jumento com cavalo, com égua, garanhões com jumentas. É uma coisa complicada. Vivi muito aquele mundo e as histórias de Montes Claros: a violência tremenda que havia, no campo, contra o povo. *O Mulo* é o retrato da classe dominante, baseado na coisa concreta que era a minha capacidade de ler as histórias que ocorriam por Montes Claros, no sertão de Minas; e de ver e de observar aquele tipo de tratamento e aquela postura do fazendeirão contra o povo.

Bom, *Utopia Selvagem* é um livro de brincadeira e teve muito êxito na América Latina e muita influência em Cuba. Na América Latina, em geral, porque há uma crítica de melhor qualidade que a brasileira. Eles perceberam como o livro tenta retratar o ser latino-americano, na sua versão brasileira. Para mim, uma das experiências mais belas com o livro foi quando saiu a edição alemã. Se você olhar a edição alemã, você verá que tem cinquenta e duas notas de pé de página. Então, eu brinco em serviço. Estão mostrando que é um livro altamente erudito. São citadas cinquenta e duas fontes em que eu me baseei para aquelas brincadeiras.

É aparentemente uma história de um preto que cai na terceira dimensão, entre as amazonas. As aventuras dele ali com as amazonas têm uma espécie de Orwell, de sociedade inventada. Tem um capítulo final que eu escrevi para o Glauber filmar. Uma descrição singela daria isso. Mas veja que ele está tão amarrado às fontes literárias do Brasil que os alemães puderam fazer cinquenta e duas notas de pé de página. A edição italiana, inspirada na alemã, também tem muitas notas de pé de página, justamente, porque o livro é erudito. Eu tenho muita vontade de publicar, no Brasil, essas notas de pé de página alemãs e italianas, porque aqui ninguém percebeu. Todo mundo achou o livro muito engraçado, riu muito do livro, mas como não era uma edição comentada, aqui, ninguém viu, ninguém se voltou para um livro como a edição alemã. Eu não sei quem fez a edição e não conheço e não sei quem fez a tradução. Mas não é uma coisa extraordinária, cinquenta e duas notas de pé de página? Saiu também aqui uma dissertação de Mestrado sobre o livro, com essas teorias literárias da carnavalização. Eu não gosto nada, uma bobagem ter que apelar para um suporte de carnavalização, para ler aquele livro que podia ser interpretado mais diretamente, em seu conteúdo, nas suas fontes.

Eu não estou satisfeito e não poderia estar com a crítica brasileira que é nula, que é inútil. Estou espantado e vou até mostrar para você a edição. Veja, pelas traduções alemã e italiana, com dezenas de notas de pé de página, que *Utopia Selvagem* não é um livro não tão intencional assim, apenas engraçado, como foi visto no Brasil. Está aqui na 5ª edição, ou seja, está editado, tem leitor. No entanto, os leitores não foram ajudados a entender o que é o livro. Se eu tiver tempo, quero fazer outra edição, pegar estas notas alemãs e italianas e jogar em cima, para rir um pouco do pessoal que pensa ser o livro uma brincadeira. É uma brincadeira, mas muito erudita.

MIGO, DIÁRIOS ÍNDIOS E CONFISSÕES DE DARCY

Passei meses em Minas, numa coisa meio louca. Newton Cardoso me chamou para ir a Minas para ser Secretário da Educação.

Não quis ser Secretário da Educação, mas aceitei ter uma Secretaria de Desenvolvimento, porque tinha modos de conseguir cem milhões de dólares para fazer uma série de Cieps em Minas. Fiz um projeto mais simplificado do que os Cieps, porque o Newton não gostava do projeto do Brizola. Passei seis meses em Minas, numa angústia tremenda, porque fui vendo que o Newton assinava qualquer papel que punha na frente dele, mas não cumpria nada. Mais tarde, vi também que era o Sarney que não queria aprovar o pedido de empréstimo para o programa que beneficiava o Brizola, para fazer os Cieps do Brizola. Na realidade, fui enganado pelo Sarney e pelo Newton naquele período, o que me deu muita angústia, até encontrar oportunidade de, na televisão, romper com o Newton e dizer que ele era um irresponsável, que o governo dele era de moleque e eu não era moleque e vim embora. Nesses seis meses, que passei em Belo Horizonte, me senti voltando à Minas, voltando às minhas bases, voltando aos anos 40, 42, 43, em que eu vivi em Belo Horizonte, sentindo a cidade. Aí, me surgiu a idéia de escrever o meu futuro, se eu tivesse ficado em Minas, se eu não tivesse ido para São Paulo e vivido entre os índios, se eu não tivesse virado político e se eu tivesse ficado, em Belo Horizonte, fazendo Literatura. Ageu, o personagem principal de *Migo*, constitui uma projeção de um “eu” que poderia ter sido uma pessoa que eu não fui. Eu conto antes a história de Montes Claros e tento mostrar um intelectual provinciano em Minas Gerais como ao invés de intelectuais que foram para o Rio. É um intelectual meio complexado. Agora, substancialmente, o tema do livro é a palavra. O livro é um jogo de brincadeiras em que o real não é real. De vez em quando, o personagem Ageu diz: “Isso é coisa do Darcy, não tenho nada com isso.” De vez em quando, Darcy diz: “É besteira do Ageu, falando de mim.” Realmente é um jogo de palavras em que me identifico, porque há necessidade de mostrar minha mineiridade, cheio dos meus orgulhos, o orgulho por Tiradentes, o orgulho por Felipe dos Santos e o orgulho até pelo Aleijadinho. É um livro cheio de mineiridade. Pensei que os mineiros fossem gostar. Vendeu-se mal em Minas e ninguém nem percebeu que o tema do livro é a mineiridade. O livro é uma coisa bonita, do jeito que eu gosto, que eu tinha feito em *Maira*. Cada personagem é lida. Além da versão que o Ageu dá de cada personagem,

mance dá uma imagem de cada personagem. Isso é um jogo também ressonante. O tema do livro, de fato, é a palavra, um jogo de palavras e o com as personagens. Esse livro foi escrito em Belo Horizonte com sentimento de mineiridade. Na medida em que meu programa com o mton me decepcionava, mais me animava com meu programa literário. ia reconstituindo o Darcy que podia ter sido e que não foi.

Os Diários Índios são uma coisa diferente. Eu guardei, ante anos, os meus diários, pensando que assim como eu fiz uma tese dos Kadiwéu, no Pantanal, ia fazer uma monografia sobre os línguas Kaapor, dizendo qual é a forma de religião, qual é a forma da mitologia, qual é a forma de casamento e cada uma das instituições. Mas, eu fui percebendo e amadurecendo, como antropólogo, que quando alguém faz uma monografia, desmonta as coisas. Então, em um certo momento, tive a percepção de o que devia fazer era publicar meus diários. Eu escrevia mais ou menos bem dia por dia durante os dois anos, entre 1950 e 1952, que vivi entre os kaapor. Esses diários todos são volumes e volumes de manuscritos que minha mulher tinha datilografado. Estavam disponíveis. Comecei a ler e dei a amigos para lerem também. Ficaram encantados com o vigor, a inocência e a qualidade daqueles diários. Finalmente, terminei com a convicção de que melhor que destrinchar tudo aquilo, para fazer uma coisa teórica, descritiva, era entregar os próprios fatos. No livro, digo ao leitor: ponha a mão na minha mão, venha, vamos andar milhares de quilômetros, para percorrer dezenas de aldeias dos índios Kaapor. Vamos ver como eles estão vivendo, vamos conviver com eles. Isso é que faço. Há capítulos só de mitologia. O principal informante era um bom informante de mitologia. Outros capítulos tratam de outras coisas. Eu não quis disjuntar aquilo. Aqui, eu entrego ao leitor o material bruto de um etnólogo que escreve bem, dia por dia. Eu entreguei ao editor alguma coisa em torno de 700 páginas e ele saiu, me parece, com 627 páginas, um livrão. Tem muita fotografia. E, no livro, umas duzentas que tiveram que ser pequenininhas. É um livro que me retrata inteiro, porque não é como no romance que invento; não é como, nos meus ensaios, uma estrutura montada, um construto. É matéria bruta, é matéria prima que eu podia trabalhar com

ela e que cada leitor trabalhe, cada teórico trabalhe, buscando os fatos que ele queira.

Confissões de Darcy é um livro intimista, onde eu conto as minhas histórias todas, sem escândalos. Eu queria escrever um livro, porque nunca saiu bem contada, no meu ponto de vista, a versão sobre o que aconteceu no governo de Jango. É um governo que teve vários intelectuais e que tentou, pela primeira vez, alterar a situação brasileira profundamente, passar o Brasil a limpo. Jango foi posto para fora, não por seus defeitos, mas por suas qualidades. Eu tinha que escrever um livro sobre isso. Já tem quase quinhentas páginas, sendo sessenta páginas sobre o governo e a minha participação. Eu estou agora revendo-o, já está 80% escrito. Assim, eu não estou tão angustiado mais. Estava muito angustiado, quando achava que ainda ia durar seis meses só. Então, meu horizonte eram seis meses. Cada momento tem uns seis meses à frente. Estava aflito para escrever as minhas memórias. Agora, depois que o meu resultado saiu, descobri que o meu mal-estar se devia mais a diabetes do que ao câncer. Estou pensando num horizonte de três anos e meio, assim, não estou de todo intranquilo.

Estou escrevendo as memórias *Confissões de Darcy*, para publicar um livro ainda, “pós-morte”. Gostei muito de fazer esse livro, porque é construído literariamente: minha vida em Montes Claros até os dezessete anos; minha vida em Belo Horizonte dos dezessete aos vinte e dois anos, tentando suicídio; minhas aulas clandestinas estudando Medicina quando freqüentava a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Direito; minha vida em Belo Horizonte; depois, minha vida em São Paulo; minha vida durante dez anos com os índios; minha vida como educador na Universidade de Brasília, no Ministério da Educação e, depois, no exílio. São escritos também o meu primeiro exílio, o meu segundo exílio, o câncer, o meu primeiro câncer, o segundo câncer agora e, uma apreciação geral sobre os meus romances e outro sobre os meus estudos de Antropologia. Terá um capítulo necessário que eu escreverei depois sobre minha ação no Senado. Parece que é uma biografia que quero enfeitada. Coloco coisas coloquiais, convencionais, para tornar a leitura mais atrativa. Afinal literato, que é literato, tem que fazer da

profissão dele uma coisa mastigável, digerível.

DARCY RIBEIRO E A TRADIÇÃO LITERÁRIA: MÁRIO DE ANDRADE E GUIMARÃES ROSA

A virada da minha vida é quando comecei a gostar da pedra. De repente, passei a gostar da pedra, da literatura nova, e nesse período, eu li tanto a literatura nordestina, que me alargou a visão sobre o Brasil; e *Macunaíma* que surge como uma coisa completamente louca, solta, e, dizem que é o retrato do Brasil, do caráter do brasileiro. Eu não sei se é isso não. Eu acho que é mais uma inspiração do Mário, que aplicava aos outros povos também. Agora, gostava muito, porque é muito bonito formalmente. As páginas que ele escreve com linguagem de 1500 são uma preciosidade. As outras coisas também. O livro é muito bem feito. É um livro com muito frescor, escrito em pouco tempo. Corrigiu pouco e saiu. Então, é das coisas que saem às golfadas. A consciência do Mário, construída por leituras de coisas de todo mundo. De repente, a consciência do Mário nos dá aquilo, por isso eu digo que, às vezes, penso de mim também que meus romances são golfadas do inconsciente. Se eu quiser controlar a literatura, ela perde o sentido. E eu digo que o romance ou o poema são interpretáveis tanto quanto um sonho, porque são puros produtos do espírito, independente do autor. São susceptíveis de interpretação. O autor não é competente para examinar aquele produto que é a criação dele.

Acho que meus livros são assim tanto que eu me fecho ou me abro. Deixo um canal aberto para sair minha literatura. Minha conduta é diferente da conduta que eu tenho, quando escrevo Antropologia em que eu me conduzo. Eu podia dizer que, quando faço Antropologia, eu me cavalgo. Quando faço romance, sou cavalgado, e *Macunaíma* para mim é isso, é inexplicável. Mário tinha lido Koch Grümberg que ninguém leu. Ele lia bem em alemão. Koch Grümberg descreve a Guiana que não tem nada a ver conosco. O Brasil, que está tão cheio de tradições, dos povos tupis, de tantos outros. Mário, que é

mulato, lá de São Paulo, descendente de índio também, gente que até 1700 falava tupi, que está impregnado daquela mitologia, vai pegar mitologia do estrangeiro. Macunaíma é o herói da Guiana e ele percorre, com esse Macunaíma, o Brasil; cria aquele gigantão, uma porção de coisas. É uma criação extraordinária. Essa é a primeira visão de *Macunaíma* de Mário de Andrade.

A segunda visão ocorreu, quando me tornei um etnólogo competente. Dizia-me: mas que coisa, tanta coisa bela que há aqui e Mário nunca viu toda essa mitologia. Mário vai fazer *Macunaíma*, lendo Koch Grönmberg. É uma loucura, ou seja, muito antes de escrever *Maira*, eu já tinha consciência de que havia toda uma veia, um caudal mítico, fabulosamente expressivo, e que era parte do que seria a cultura brasileira, uma das matrizes nossas. Mário podia ter romanceado, mas foi romancear aquilo que afetou a ele, a leitura do Koch Grönmberg. É claro que isto tudo não diminui o valor dele. Isso explica um paralelismo de oposição. Nós dois nos inspiramos em mitologias, em corpos mitológicos riquíssimos. O dele é do Brasil, do lado do Amazonas; o meu é do lado de cá.

Um episódio gozado, que eu não sei se te contei, é quando fui a São Paulo. Uma das coisas que mais queria era ver Mário. Ele escrevia cartas para Fernando Sabino e para outros literatozinhos de Minas. Fernando Sabino andava com a carta de Mário no bolso, tirava para mostrar e eu tinha uma inveja danada dele. Cheguei em São Paulo e marquei um encontro com Mário pelo telefone. Combinamos de nos encontrar na livraria Jaraguá, na rua Marconi. Era uma livraria e uma casa de chá, negócio paulista, bom, europeu: era uma livraria na frente e, no fundo, uma casa de chá. O gerente era Chico Iglésias, nosso Iglésias. Estava em São Paulo e era gerente daquele conjunto. Cheguei e fiquei conversando com Iglésias, e me lembro do livro que comprei, uma obra de ensaio sobre os índios do Xingu. Fiquei olhando para o Mário sentado lá, com aquela cara que dava para três homens. Era uma carona enorme. Imagina que ele estava sentado com meus dois inimigos, com Paulo Emilio Sales Gomes e com Germinal Feijó, que eram trotskistas. Eu tinha acabado de derrotá-los na luta estudantil. Eu era comunista e meus

inimigos eram todos trotskistas. Depois, Paulo Emilio Sales Gomes veio ser um dos meus melhores amigos. Ele quem me ajudou a fazer a Escola de Cinema da Universidade de Brasília. É incrível que a estupidez foi tal que eu não fui falar com Mário, para não falar com aqueles dois inimigos. Pouco tempo depois, Mário morria. E se alguém podia e tinha que falar com Mário era eu. Mário tinha feito Etnologia de fato. Era um etnólogo, o que eu ia ser. Ele podia me ter dito muitas coisas que me seriam úteis. Foi uma estupidez. Uma das coisas que eu sinto na vida é esse ato de sectarismo burro que me impediu de conversar com um dos homens com quem eu mais quis conversar na vida.

Guimarães Rosa foi para mim uma descoberta como para pouca gente que lê no Brasil. De repente, aqueles contos mineiros, depois vem *Grande Sertão: veredas*, um livro difícil de entender. Eu o li e o entendi na terceira leitura. Prodigioso. Cada leitura que a gente faz, o livro tem mais o que dar. Eu encontro, em Guimarães Rosa, uma coisa que não tem nada de erudito, que é a linguagem, a fala de Guimarães Rosa de Cordisburgo, ali perto de Montes Claros, e que é a mesma fala de minha avó. Aquele português, que ficou no fundo da memória dele e com que escreve *Grande Sertão*, é um português com erudições, com palavras latinas. Tem enfeites latinos, tupi, dentro do texto. Mas a linguagem, o linguajar era a fala da minha avó. Minha avó tinha uma grande gargalhada sonora, desdobrada e contava histórias, por isso, esse livro me deu ressonância, que eu acho que é o que ficou de Guimarães Rosa. É uma coisa incrível que esse homem tenha escrito um livro, vivendo no estrangeiro, num período de dez anos, sem vir ao Brasil. Lá ele guardava dentro de si uma memória tão intensa, tão forte de mineiridade cordisburga daquele mundo, que ele foi ainda capaz de reconstruí-lo como ninguém tinha feito, no Brasil, com essa beleza. Para mim, Guimarães Rosa foi uma espécie de lição formidável de como fazer literatura. Nunca pensei nem me aproximar dele, porque ele não é imitável, nem é, nem pode servir de exemplo, porque é uma literatura que sai de dentro dele; uma reconstituição literária de uma memória profunda que, milagrosamente, guardou dentro dele. Sei o que é essa coisa de memória. Por exemplo, os meus livros, sobretudo Maira, escrevo frases inteiras em tupi, que eu

não sei falar. Eu juro a você que já falei. Então, a canção me saiu. Tem várias delas assim. As pessoas que me lêem e sabem guarani, entendem o jeito da frase por aquilo que é. O livro de Guimarães Rosa tem isso profundamente: a memória de Cordisburgo, das viagens que ele fez com as boiadas, já adulto, já diplomata; a memória dele como médico da polícia, andando, pelo interior, tentando tratar gonorréia dos soldados. Tudo isso impregnou Guimarães Rosa de uma forma tal que aquilo saiu dele como alguma coisa acumulada dentro dele.

TRADUÇÕES E EDIÇÕES NO ESTRANGEIRO

Há muito livro brasileiro, a maior parte dos livros publicados lá fora, o Itamarati paga a tradução, dá uma ajudinha, compra exemplar do editor. Nunca fui ajudado, ainda mais que eu era inimigo do governo. Agora que não sou inimigo do governo, não sou também governo, aliciado pelo governo. Nunca fui ajudado. São os editores que me descobrem. Agora, por exemplo, nesse momento, esse contrato, que eu tenho em mãos, - uma proposta da Universidade da Flórida -, para publicar toda a minha tese sobre *Estudos de Antropologia da Civilização*. Já foram publicados, nos Estados Unidos, *O Processo civilizatório e As Américas e a civilização*. Bom, estava sendo publicado *Os Índios e a civilização*, mas houve um problema lá na Universidade de Columbia. A Universidade da Flórida, que tem os principais editoriais, está complicando. Combinamos que começam publicando *O povo brasileiro* que tem mais público imediato. Depois, vão publicar toda a série *Estudos de Antropologia da Civilização*. Eles inverteram, publicaram o produto final, antes de publicarem as teorias em que ele se baseia. Simultaneamente, meu livro *O Mulo* foi traduzido e a minha representante lá está com duas editoras que, provavelmente, editarão o livro. A minha idéia é de que *Maíra* fosse reeditado agora nesse movimento de ecologia e de Amazônia, como romance dos índios da Amazônia. Isso está encaminhado. Tenho propostas conflitantes entre universidades americanas. Agora o meu editor está com duas propostas para *O povo brasileiro*, uma muito honrosa. Eu já disse sou o único

autor a ter dois livros publicados pela editora da Fundación Biblioteca Ayacucho, provavelmente, das mais importantes das Américas. Todas as universidades dos Estados Unidos compram dessa coleção, a mais importante da América em literatura, ensaística, etc. Tenho dois livros publicados por essa editora: *As Américas e a Civilização e A Fundação do Brasil*. É incrível que eles queiram um terceiro livro meu *O povo brasileiro*, Ayacucho é de Caracas e publica para toda a América Latina. Mas o Fundo de Cultura Econômica do México está propondo publicar *O Povo brasileiro* não no México. O meu editor está discutindo isso. Ele está discutindo também com a Gallimard na França, com a Feltrinelli na Itália, e com a Suhrkamp na Alemanha, para saírem as edições lá.

O que queria muito era uma edição do *Maira* na Rússia. Eles chegaram a fazer o pré-contrato, ia ser publicado na coleção que tinha na Rússia antigamente, os romances estrangeiros. São dois por mês, um por quinzena, então são dez milhões de exemplares. Então eu queria ter um livro com dez milhões de exemplares, uma quantidade enorme. Mas, afinal não consegui editar. O livro é meio grande e a coleção tinha que ser pequena. Não promoveram outra e foi pena. Então não há nenhum caso em que o livro tenha sido ou propugnado por mim, ou empurrado por mim, porque foram os editores.

Há coisas feias como, por exemplo, uma história de uma tradutora, uma traidora que está com o meu livro *O Mulo* já contratado e pago pela Gallimard que tinha meu livro *Maira e Utopia Selvagem*. Há dez anos ela está com meu livro. É um atraso, o tradutor ficar dez anos com o livro. Eu brigo, reclamo, mas como é uma velha amiga, não quero romper totalmente. Sei que para mim é muito difícil, eu tenho correspondência com vinte tantas editoras que estão mandando direitos autorais ou prestações de contas. Ainda hoje, eu recebi prestação de contas da Gallimard. A Gallimard mandou prestação de contas das vendas deste ano da *Utopia Selvagem*. Tem lá, em Paris, quatorze mil dólares, um dinheirinho que dá pra gente gastar um pouquinho.

ENSAIOS E REVISTAS ESTRANGEIRAS

Há vários artigos. A Fundação em Brasília vai organizar isso. Outro dia, por exemplo, a secretária me mostrou pastas de manuscritos inéditos. Não quero ver isso, porque me deu um trabalho louco. São coisas pensadas, já passadas. Em geral, eu concateno as coisas nos meus livros. Fico enjoado de um título, ponho outro. As coisas são mais ou menos coordenadas. Há muito ensaio pequeno, entrevistas, quantidade de coisas que não tomo conta.

Tem muita coisa nas revistas estrangeiras que publiquei. Por exemplo, uma coisa importantíssima, meu ensaio "Configurações histórico-culturais dos povos americanos", publicado na revista *Current Anthropology*. Isso é interessante ver, tenho por aí. A secretária encontra, deve ter um exemplar sobrando. Nessa casa, é ela quem mexe em tudo. Quando eu quero alguma coisa, peço a ela. É como o meu telefone, não sei, nunca telefonei pra mim. É uma boa desculpa para não dar o meu telefone, também tenho tantos telefones.

A CRÍTICA SOBRE MIM E A COMEMORAÇÃO DOS SEUS VINTE ANOS

Olha a crítica foi mais ou menos muda. É muito difícil pra um crítico tomar a mim como tema. Alguém que crê que o Getúlio fez a grande revolução brasileira de 1930, que fez todas as leis do trabalho e que, além de trabalhista, foi um grande nacionalista. Um intelectual tem mais um pendor, uma tendência a ser udenista, a ter críticas udenistas. Então, escrever sobre mim é um pouco se contaminar. Por outro lado, eu fui, depois, o homem mais poderoso do governo do Jango. O Jango também não era coisa que eles admirassem. Eles não sabem que homens como o Jango, como o Brizola, que lê homem, que lê gente, podem ser muito mais que aqueles que lêem livrinhos. E, sobretudo, homens como Tancredo, Brizola, JK, Jango, esses tinham que ter um grau de conhecimento da realidade brasileira, dos interesses em jogo na

sociedade, um conhecimento muito mais profundo que qualquer intelectual. Foi depois na profissão de política, que percebi isso: que havia uma categoria de saber, uma categoria de intelectualidade que está no político e que não está no intelectualzinho vaidoso, ou letradozinho que, em geral, olha com mão no nariz, pra esses, intelectuais que são políticos. Esses, como eu disse, a maior parte dos intelectuais políticos estão querendo que o mundo fique tal qual é. São de centro-direita. Alguns tomam uma posição rebelde como tomo. Então, seja por minhas identificações, como figura da história brasileira que não transita bem entre os intelectuais udenistas, seja pelo meu próprio estilo, o livro não teve aquela repercussão que poderia ter tido se não fossem esses vetos. Como estamos nos 20 anos de *Maira*, essa edição nova, bonita que saiu, que a editora fez aqui, me alegrou muito. E é curioso que a editora fez aqui não por iniciativa dela, mas porque fizeram na Alemanha. Fizeram muita homenagem a mim pelos 20 anos de *Maira*. Quem me disse que *Maira* cresceu nos 20 anos foram os alemães, não foram os brasileiros. Eu disse aqui, recordo, os alemães têm o livro *Os 20 anos de Maira*, aqui a gente pode fazer alguma coisa. Luciana, que está lá, tomou a tese em si e falou com várias pessoas. Tivemos aquela série de ensaios sobre *Maira* de uma beleza enorme, que me emocionaram muito. Isso me deu uma grande alegria, que devia ter tido antes, que eu podia ter tido antes com o reconhecimento público da qualidade do romance. *Maira* tem entre quinze, dezesseis, dezessete edições no Brasil, sem contar com a do Clube do livro. Tem muitas edições no Brasil e muitas reedições. O povo descobre essas coisas. O livro por si sabe nadar e encontra seu próprio porto. A gente melhor de literatura fez homenagem a *Maira* de que eu gosto muito. Os livros que tenho de maior êxito são *Maira* e o *Processo Civilizatório*, muito publicados, muito editados e muito comentados lá fora, muito mais do que aqui dentro. Agora, tive a satisfação afinal.

ESCRITOR E AS MINAS GERAIS

Eu gosto muito de dizer que eu fui mineiro, que sou mineiro, mas eu sempre digo que fui mineiro quando fui criança, porque eu saí de Minas com vinte anos, vinte e poucos anos, mas Minas não saiu de mim. Eu carrego uma Minas dentro do peito, e sobretudo, carrego Minas que quase ninguém carrega. Por exemplo, meu capítulo "Cal" do *Migo* é um capítulo bonito de mineiridade e há outros capítulos assim, em que eu falo do Felipe dos Santos, do Tiradentes, do Aleijadinho. Nego que Aleijadinho seja aleijadinho que, evidentemente, não era. Foi uma estupidez. Minas gosta de herói sacrificado, estragado, muxibento, logo pensa que Aleijadinho era assim. Aleijadinho fez obras admiráveis, até dois ou três anos antes de morrer. Como é que ele podia subir nas Igrejas para esculpir aquelas coisas incríveis que esculpiu, se fosse aquele aleijado porcaria que descreveram? Evidentemente, que não era. Para mim, isso é patriotismo mineiro. Eu tenho furor pátrio mineiro no peito. Então, os mineiros precisam de me ler, para aprender comigo a ter furor pátrio mineiro.

O CRONISTA, O ARTICULISTA

É uma bobagem pensar que sou cronista. Um dia, a *Folha de S. Paulo* me convidou para preencher a vaga que Florestan Fernandes tinha deixado com a morte. Ele fazia nas segundas-feiras uma crônica. Como gosto de jornal, aceitei. Irresponsavelmente, porque imaginei que era uma coisa por semana só. Mas cada semana lembrar de uma coisa, ditar. Já fiz cem mais ou menos. Dá uma trabalhadeira danada. Não sou cronista como Antonio Ermírio não é cronista e Delfim não é cronista. Todos eles têm a mesma coluna em dias diferente do meu. O que faço é usar essa coluna para me comunicar com o público importante que é o público de São Paulo e com o grande público intelectual do Brasil, que quase todo ele lê a *Folha*, para comunicar as idéias pelas quais estou brigando. Então, é uma janela, além da janela do Senado que é meio fechada, meio isolada, se difunde no *Diário Oficial*. A *Folha* me dá uma

dimensão maior. Isso posto, vou responder sua pergunta sobre poesia.

Para compor seu depoimento, o articulista selecionou "Temanjá", cujos fragmentos transcrevemos:

Passei o ano com os pés dentro de água e de areia do mar que me trouxeram numa bacia.

Era o mar de Iemanjá que me vinha, ofertado. Mar que eu vi tantas vezes nessa data, arrodado de milhões de gentes vestidas de branco, como eu também, saudando nossa santa.

À Iemanjá não se pede a cura do câncer ou da Aids. Pede-se que o amado não bata tanto, que a amada não seja tão safada e que nos venham novos amores.

Folha de S. Paulo, 13 de janeiro de 1997

O POETA

Como todo mundo, gosto de poesia. Fazia poesia, sabia que não prestava, rasgava, sabia que não era poeta. Gosto muito de poesia, sou impregnado de poesia, por isso mesmo posso saber o que é poético e o que não é. Minha potência poética é limitada. Pode, acontecer de vez em quando alguma coisa que resulte ser poética sem que isso me faça um poeta. Gosto de fazer as coisas em nível grande. E, é claro, que não posso fazer poesia num nível grande. No pequenininho, como milhares de pessoas que poetizam por aí também não me interessa muito. Agora acontece que de um tempo pra cá se concluíram várias coisas: uma amada que me fugia todo tempo e que me obrigava a pensar nela,

porque estava ausente. Escrevi umas anotações poéticas sobre aquela mulher que me fugia e, por outro lado, a doença, o câncer também que me obrigava a pensar em mim e a pensar na morte. Comecei a fazer coisas que no fim pensei na possibilidade de publicar como livro: *Eros e Thanatos*. Eu tenho umas cem dessas poesias. Mostrei para o Oscar, e ele me disse: Ó Darcy, escolhe dez e joga o resto fora. Também penso que o Oscar foi severo. Não são dez, cabem vinte, por isso Marilu está vendo quais são as vinte aproveitáveis e para tomar a providência de rasgar todo o resto pra não ficar aí como bom escritor que quando morre publicam qualquer bobagem que tenha escrito. Gosto demais de poesia pra poder de vez pensar em mim como poeta.

Você está querendo um poema para publicar neste depoimento. Marilu está com todos eles. É uma espécie de minha leitora geral. Leitora crítica que me mostra o que está muito ruim, aceitável e o que está bom. Eu não tenho nenhum poema em mãos. Está tudo com a Marilu, você escolhe lá. Pode pegar*.

*Casas em que moro, agora,
Copa, Maricá, Sítio, SQS 309-C-201
Tantas demais pr'um homem só.
Nelas não moro, nem demoro.
Salto de uma a outra, aflito.
Não é hora de aquietar?*

Darcy Ribeiro

Parte desse depoimento foi gravado em novembro de 1995, Brasília e junho de 1996, Rio de Janeiro. Como o escritor continuou escrevendo intensamente, foi preciso que complementasse seu depoimento em 13 de janeiro de 1997, no Rio de Janeiro.

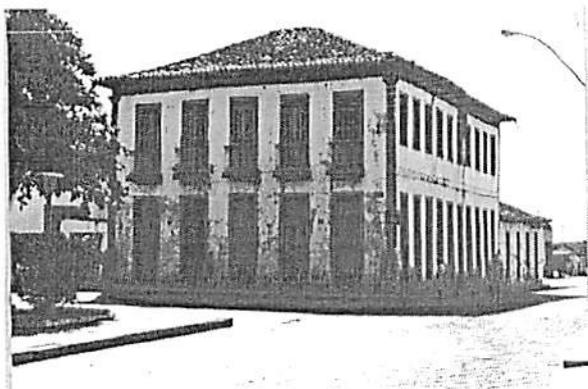
* A publicação desse fragmento inédito foi autorizada pela FUNDAR, sob a vice-presidência da Sra. Tatiana C. Memória e, selecionado pela professora Maria Luíza Ramos.



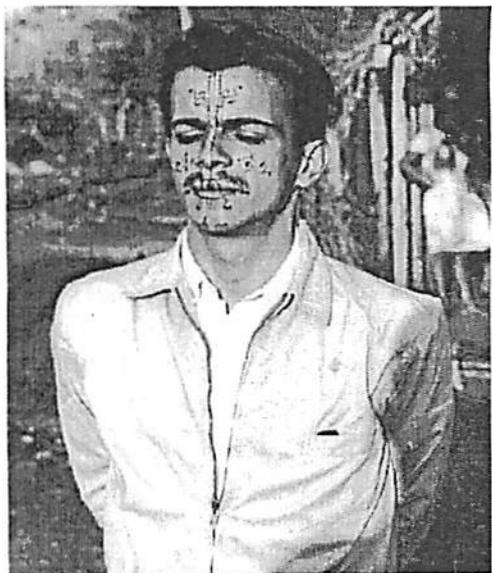
*Pai,
Reginaldo Ribeiro dos Santos,
seu Naldo.*



*Mãe,
Josephina Augusta Silveira,
Mestra Fininha.*



Casarão dos Ribeiro em Montes Claros



*Darcy pintado
pelos Kadiwéu,
1947*



*Darcy entre os
Urubus-Kaapor,
1949 -1951*



*Darcy com Tanuru
(Passarinho,
intelectual dos
Kaapor)*



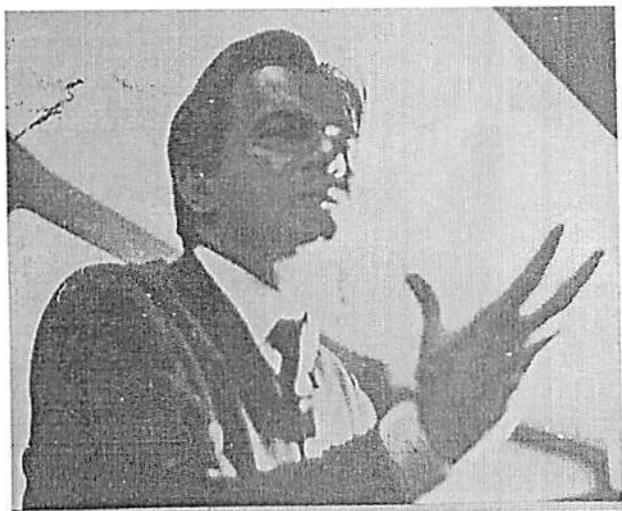
Darcy, Herbert Baldus, Egon Schaden, Berta e outros, 1954



*Darcy, Ministro da
Educação, 1961*



*1 Encontro Nacional
de Educadores, na
Universidade de
Brasilia, 5 a 7 nov.
1962*



Darcy, Chefe da Casa Civil, 1963



*Jango com Darcy,
Casa Civil, 1963*



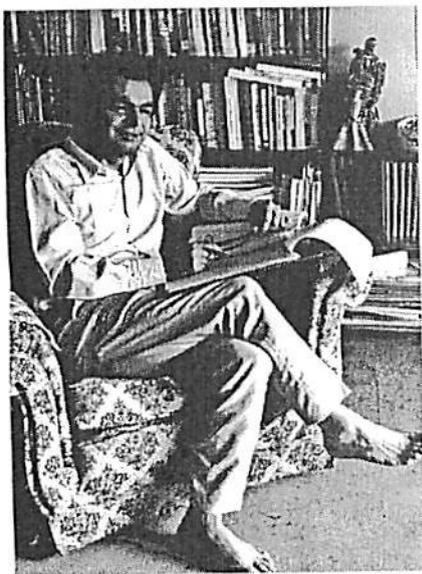
Volta do exílio: Darcy abraça a mãe, Mestra Fininha.



Lançamento de O processo civilizatório, vigiado pelo DOPS, 11 outubro de 1968



Darcy sofre julgamento, no Tribunal da Marinha, 1969

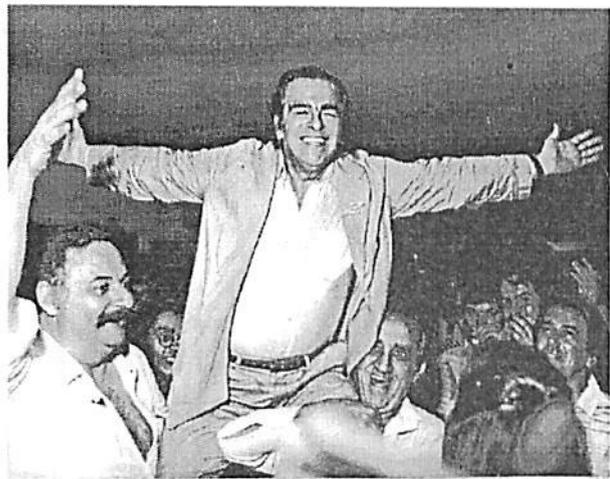


*Darcy, no exílio,
em Caracas,
1970*



*Darcy recebe, no
salão nobre da
Sorbonne, o título
de Doutor Honoris
Causa,
1979*

*Island e os
PORTUGUESES!*



*Darcy comemora
os seus 60 anos,
26 out. 1982*



*Brizola lança a
candidatura de
Darcy a
governador do Rio
de Janeiro*



*Darcy na
Academia
Brasileira de
Letras, 1993*



*Entrega simbólica da sede do Memorial dos Povos Indígenas,
em Brasília, 19 abr.1995*



Comemoração do Governo Jango, 5 dez.1996



*Prêmio concedido
ao Senador Darcy,
em Brasília, 1996*

FONTE: Álbum de família. Arquivo pessoal do autor.

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAMAS		TELEGRAMA	
RECEPTOR	SANBRO DA ESTADIA	AGRIINDIOS CHEFF RIBEIRO	
De	20/11/47	550	
Para		29 535 42 20 12H	
<p>MANTENHA-SE A NOTAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARA O DEPARTAMENTO NA FISCALIZACAO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
<p>PARA DARCY RIBEIRO DEBUI HOJE A ALVES DE BARROS A FIM DE PROCEDER ESTUDO DOS CADIWEUS VS TCU QUAL UM FEZ AGRUPAMENTO CAJUALS ONDE OBTVEU BONS RESULTADOS IPT S05 INSPETOR XI</p>			

Fac-símile. Telegrama datado de 20 nov 1947, enviado ao Serviço de Proteção aos Índios, para noticiar a ida de Darcy Ribeiro para Pí Alves de Barros, "a fim de proceder estudos sobre os kadiwéus". (Museu do Índio)

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAMAS		TELEGRAMA	
RECEPTOR	11/07/51	Agriindios	
De		Cheff Ribeiro	
Para		86 Virgula 08 20 6 2000 1232	
<p>MANTENHA-SE A NOTAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDENCIA, AUXILIARA O DEPARTAMENTO NA FISCALIZACAO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.</p>			
<p>Viagem canoe St. Darcy separando vossa grande fee Laudi Carvalho</p>			

Fac-símile do telegrama de Leudi Carvalho, em 8 nov. 1951, durante viagem realizada por Darcy Ribeiro (Museu do Índio)

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO

O Processo Civilizatório

ESTÁGIOS DA EVOLUÇÃO
SOCIO-CULTURAL

PRÓLOGO À EDIÇÃO
NORTE-AMERICANA
EPÍLOGO À EDIÇÃO
ALEMÃ

Darcy Ribeiro

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO



As Américas e a Civilização

Darcy Ribeiro

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO



O Dilema da América Latina

Darcy Ribeiro

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO

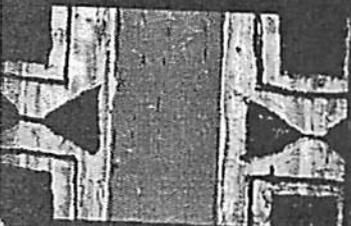


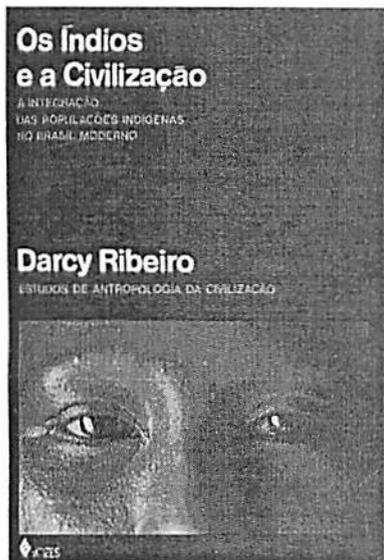
Os Brasileiros: 1. Teoria do Brasil

FORMAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS
CONFIGURAÇÕES HISTÓRICO-SOCIAIS
ORDENAÇÕES POLÍTICAS
PLENIÇÃO CULTURAL

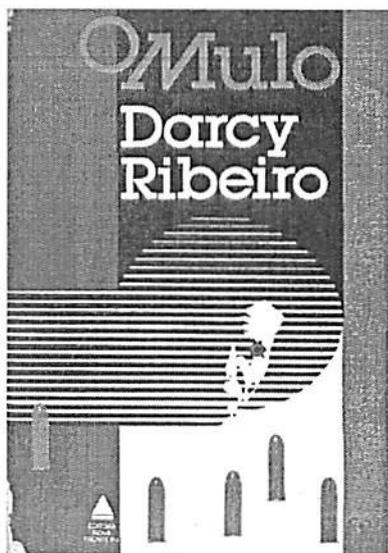
Darcy Ribeiro

ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO





FICÇÃO

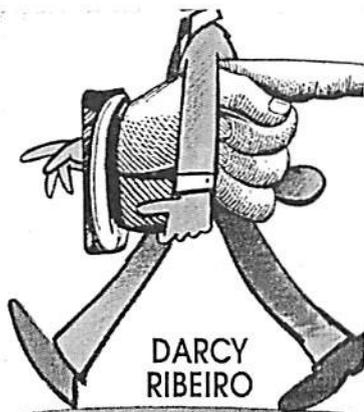
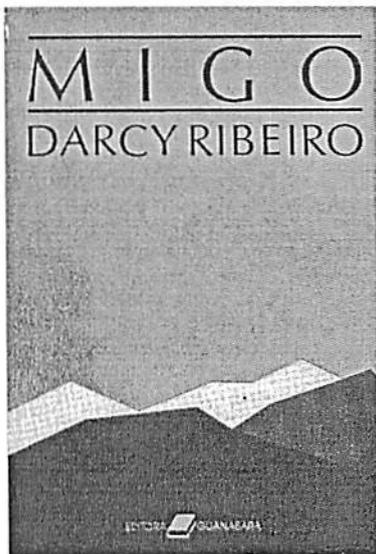




UTOPIA SELVAGEM

Saudades da Inocência Perdida
Uma Fábula

DARCY RIBEIRO



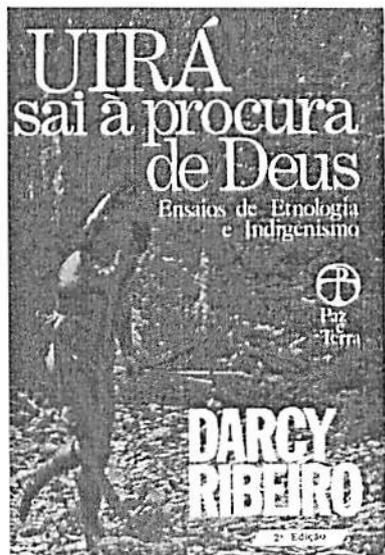
DARCY
RIBEIRO

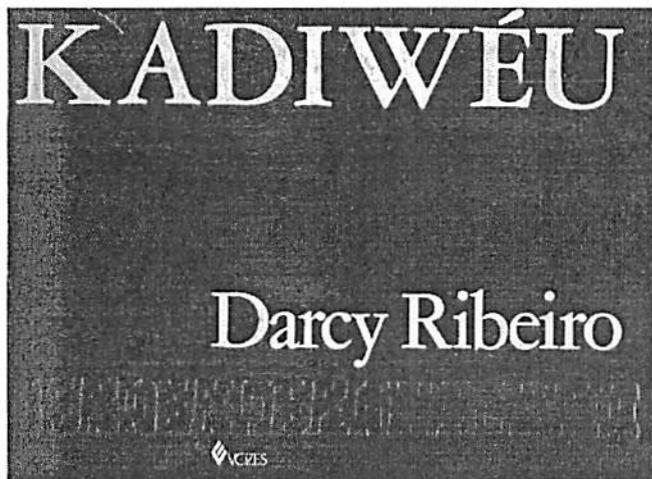
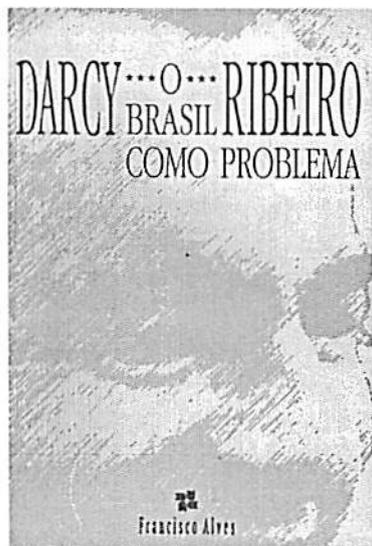
NOÇÕES DE COISAS



ZIRALDO

ESTUDOS DIVERSOS



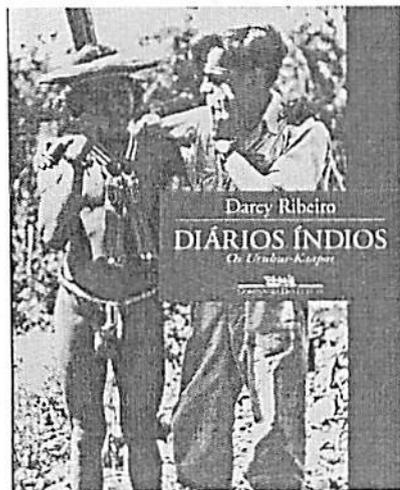


A FUNDAÇÃO DO BRASIL

Darcy Ribeiro e Carlos de Araujo Moreira Neto



ESTABELECIDO EM 1900 — 1906



falas reflexões memórias

Carta¹

INFORME DE DISTRIBUIÇÃO RESTRITA DO SENADOR DARCY RIBEIRO

A Suave e a Sutilidade
— Darcy Ribeiro
Luta Afro-brasileira no Brasil
— Antônio Bonifácio

O Desafio Global
— Guy Pedersen Brundage
A Melancolia Contra o Mercado
— Miguel Darcy de Oliveira
As Dores do Parto de um Mundo Novo
— Renato Janin
As Mulheres e a Natureza
— Antônio Darcy de Oliveira

INPOL — Situação Mundial y la Democracia
— Carlos Príncipe
INPOL — Crise de Ideologia... Liberalismo e socialismo
— E. A. Brundage
INPOL — Uma Nova Ordem Mundial
— Paulo Solari
SEGURIDAD Y PROGRESO — América Latina en la Paz Americana
— Ricardo Ballester
Nuestra América
— José Martí
Proyecto Nacional
— César Vespertino

CRONOLOGIA*

1922

- Nasce Darcy, segundo filho de Josephina Augusta da Silveira Ribeiro, dona Fininha, e de Reginaldo Ribeiro dos Santos, seu Naldo, a 26 de outubro, às 7 horas da manhã, na Fazenda do Cedro, a uma légua de Montes Claros.

* Essa cronologia foi realizada com base: em "Fê de Ofício", bibliografia ativa e passiva do autor presente em *Testemunho; no arquivo pessoal do escritor*, a que tive acesso através de Gisele Moreira - secretária do professor Darcy Ribeiro - no Rio de Janeiro e, também, em outras fontes, citadas no final dessa cronologia. Cabe-me esclarecer que, em decorrência da organização desse livro, decidi remanejar as entrevistas concedidas pelo autor e as publicações sobre ele para as seções a elas destinadas. No que tange às publicações do autor, segui Mércio Gomes, responsável pelo levantamento bibliográfico, em "Fê de Ofício", e, ao mesmo tempo, o "Curriculum Vitae", organizado por Berta Ribeiro. Dado o volume de informações presentes na cronologia, optei, como Mércio Gomes, por não incluir traduções e reedições dos livros de Darcy Ribeiro. Para a revisão final da bibliografia do autor e sobre autor, foi necessária a consulta a FUNDAR, encarregada de preservar a memória de Darcy Ribeiro.

1923

- Morre seu tio industrial, Francisco Ribeiro, deixando muitos bens, inclusive duas fábricas para sua avó, dona Deolinda, com cuja gestão seus outros tios enriqueceriam. Seu Naldo e dona Fininha mudam-se para Montes Claros, onde ele assume a direção da Fábrica de Tecidos Santa Helena.

1925

- Fica órfão de pai, que morre aos 34 anos.

1926

- Dona Fininha, sua mãe, volta à escola para completar o curso normal, interrompido ao casar-se.

1928

- Aprende a ler, vendo estórias de Reco-Reco, Bolão e Azeitona na revista Tico-Tico.

1929

- Morre seu avô materno, Olegário Silveira, tabelião e comerciante, deixando a família a cargo de dona Fininha, que acaba de criar seus muitos irmãos.

1930

- A cidade de Montes Claros é palco, em fevereiro, de um acontecimento dramático, que dá início à Revolução de 1930.

1931

- A família Ribeiro entra em atrito com a família Alves, seguindo-se anos de animosidades e agressões recíprocas.

1932

- Darcy acompanha sua mãe numa viagem de férias à

fazenda do Garrote, no município de Mato Verde, remanescente da sesmaria dos irmãos Silveira. Ali passa bom tempo, convivendo com a gente sertaneja e participando da vida autárquica das antigas fazendas que produziam quase tudo que consumiam.

1933

- Completa o curso primário no Grupo Escolar Gonçalves Chaves.

1934

- Matricula-se para fazer o curso secundário no Ginásio local que, embora não fosse seminário, era conduzido por padres belgas, cujo objetivo maior era despertar vocações sacerdotais.
- O Governador Benedito Valadares, aconselhado por Chico Campos, fecha a maioria das Escolas Normais de Minas e numerosas escolas comuns, como medida de economia, para evitar a pressão dos "coronéis" para nomear as filhas e afilhadas normalistas. Mestra Fininha é demitida também e a família vive sérias dificuldades, que ela enfrenta fazendo doces para casamentos e festas.

1935

- Segundo o escritor, saindo da infância, cai em três encantamentos. Primeiro, o cinema, que, apesar de mudo e preto-e-branco, lhe abre uma ampla janela sobre o mundo e sobre as paixões humanas. Segundo, ver, ainda que sem participar, os festejos tradicionais do mês de agosto, em que três meninos são coroados Imperadores do Divino Espírito Santo, e comemoram seus breves reisados com festas e oferendas generosas de doces e comidas de que participa toda a população. Numerosos grupos vivamente fantasiados performam as danças dramáticas dos Catopês,

que recordavam o drama negro; dos Caboclines, que reencarnavam as lutas e as alegrias indígenas; e dos Marujos, que reviviam a experiência lusitana nas travessias marítimas. As festas concluem com a Cavallhada em que se representava, dramaticamente, as lutas entre mouros e cristãos.

1936

- O terceiro encantamento é a leitura. Darcy se torna leitor voraz de tudo o que lhe cai em mãos, principalmente romances. Mas, também, dos muitos livros da biblioteca do seu tio médico, doutor Plínio, onde encontra, desde tratados de anatomia e patologia, até obras espíritas, histórias, glossários, etc.

1937

- Uma seca assola os altos sertões e uma multidão maltrapilha e faminta enche a cidade. Darcy, emocionado, expressa sua solidariedade e revolta escrevendo uma sorte de panfleto, que não consegue publicar, com sua visão dramática de centenas de famílias, acampadas no adro da catedral em construção.
- Morre sua avó paterna, dona Deolinda, deixando a Darcy substancial herança em ações de banco que ele iria desgastando, por necessidade e incapacidade de acompanhar os aumentos de capital, que os banqueiros promoviam todos os anos.

1938

- Termina os estudos secundários demasiadamente recheado de literatura, do tipo Miguel Zevaco, Alexandre Dumas, Ponson de Terrail e muito mais. Leu todos os romances deste tipo que existiam na cidade.

1939

- Vai para Belo Horizonte e se inscreve no curso preparatório da Faculdade de Medicina, disposto a fazer-se médico, para satisfazer o grande sonho de sua mãe; mas também com o desejo de encarnar o papel social e desfrutar o prestígio do tio: médico, político, fazendeiro e poeta.

1940

- Adere aos comunistas, rechaçando os integralistas que também o assediavam e cujas idéias nacionalistas impressionavam.

1941

- As leituras o perturbam ainda mais. Descobre, lendo uma história da filosofia, que a Grécia, séculos antes de Cristo, tinha gente muito mais inteligente que a de Montes Claros e até a de Belo Horizonte.
- Descuidando de seus estudos médicos, passa a freqüentar cursos que despertavam seu interesse na recém-criada Faculdade de Filosofia, onde se encanta com as aulas do professor Veloso, e na Faculdade de Direito, onde acompanha um Curso de Teoria do Estado, dado por Orlando Carvalho, e outro de Filosofia do Direito, do professor Carlos de Campos.

1942

- Completa os vinte anos. Reprovado duas vezes na Faculdade de Medicina, quase em desespero, discute, seríssimo, com os colegas de bar, o desafio do suicídio. Quem não decidiu se ia nascer, tem obrigação de deliberar se vai viver.

1943

- Convocado para o Exército, que recrutava futuros sargen-

tos para a Força Expedicionária Brasileira, apresenta-se, mas é recusado como raquítico demais para ofícios guerreiros.

- Retornando a Montes Claros, escreve em poucos meses um romance de quase trezentas páginas, *Lapa Grande*, que manda para um concurso literário e é rejeitado.
- Sua decisão de abandonar o estudo de Medicina é mal vista pela família. Seu tio e tutor o deserda, propondo-lhe o impossível ao dizer que “se pegasse sua idade, ia é tocar o Santo André” (propriedade da família em Montes Claros).

1944

- Recebe dois convites para estudar fora: um, de embaixador canadense, que lhe oferece uma bolsa para Montreal; outro, do professor Donald Pierson, norte-americano, que o convida para a Escola de Sociologia e Política de São Paulo, onde Darcy, efetivamente, se matricula.
- Comparece à reunião anual da União Nacional de Estudantes - UNE, no Rio, em que se consolida sua criação.

1945

- Integra-se, rapidamente, em um grupo intelectual paulista totalmente diferente dos mineiros. Exercendo seu ativismo político com os comunistas, convive com Caio Prado Júnior, Jorge Amado, Oswald de Andrade e muitos outros intelectuais. Na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, trata com Donald Pierson, Emilio Willems, Sérgio Buarque de Hollanda. Herbert Baldus, etnólogo alemão, orienta Darcy para a vida de etnólogo de campo.

1946

- Gradua-se em Sociologia com especialização em Etnologia, sob a orientação do professor Herbert Baldus.

1947

- Graças a uma apresentação de Herbert Baldus, Darcy consegue um contrato com o Marechal Rondon para trabalhar como naturalista - não existia o cargo de antropólogo naquela época - na Seção de Estudos do Serviço de Proteção aos Índios.
- Concentra-se na leitura de toda a bibliografia disponível sobre o povo indígena a que decidiu dedicar-se: os índios Kadiwéu, remanescentes atuais dos antigos Cavaleiros Guaicurus, do sul de Mato Grosso.
- Realiza sua primeira pesquisa de campo, tomando o cuidado de visitar, previamente, todos os grupos indígenas da região, a fim de ter uma base de observação direta que lhe permitisse compreender e situar os seus Kadiwéu. Visita os aldeamentos Terena, Kaiwá, e se detém mais junto aos Ofaié para, afinal, se dirigir ao Pantanal, onde passa vários meses com os índios Kadiwéu.

1948

- Casa-se com Bertha Gleiser, que o acompanha na segunda viagem de estudos às aldeias Kadiwéu.

1949

- Darcy parte com uma equipe integrada pelo lingüista Max Boudin e pelo cineasta Heinz Foerthmann, para o estudo dos índios Urubus-Kaapor, do Rio Gurupi, na orla oriental da Floresta Amazônica. Depois de uma viagem de mais de um mês até às aldeias, junto com a equipe, realiza uma documentação cinematográfica, editada como "Um dia de vida numa Tribo da Floresta Tropical".

1950

- Darcy Ribeiro volta às aldeias Kaapor, pelo lado

maranhense. Nessa incursão, é acompanhado por um estudante inglês. Percorre a maioria das aldeias, completando seu estudo etnográfico.

- Publica *Religião e Mitologia Kadiwéu*. Com o livro ganha o prêmio Fábio Prado de Ensaio, outorgado pela Associação de Escritores de São Paulo.
- Publica *Arte Kadiwéu* como separata da revista *Cultura*.
- Cooperar com a Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia, elaborando o plano de colonização das fronteiras e de amparo às populações indígenas da região.
- Participa de uma das primeiras reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC.

1951

- Viagem de estudos ao Xingu.
- Publica *Notícia dos Ofaié-Xavante*, com base na documentação reunida na pesquisa de campo.

1952

- Viaja ao Peru e à Bolívia, detendo-se mais na observação dos povos quíchua e aimará, remanescentes da civilização incaica.
- Participa de um Congresso patrocinado pela Organização Internacional do Trabalho.
- Organiza Museu do Índio, no Rio de Janeiro.

1953

- Levando uma mensagem gravada em língua bororo pelo General Rondon, documenta o sepultamento de Cadete, último cacique dos índios Bororo. Realiza ali, com

Foerthmann, um documentário cinematográfico sobre o cerimonial fúnebre daqueles índios, que é um dos mais dramáticos que se conhece.

1954

- Suicídio de Getúlio Vargas.
- Participa do Congresso Internacional de Americanistas, realizado em São Paulo, onde apresenta seus filmes sobre os índios Kaapor e sobre o Funeral Bororo.
- Colabora com Jaime Cortesão na organização da parte indígena da *Grande Exposição de História do Brasil*, montada num edifício especialmente construído para ela, por Oscar Niemeyer, no conjunto do Ibirapuera, pela comemoração do 4º Centenário de São Paulo.
- Elabora o plano de criação do Parque Indígena do Xingu, aprovado pelo Presidente Getúlio Vargas, que assegura aos povos do Xingu um enorme território para continuarem vivendo segundo seus costumes, sem qualquer pressão de invasores. O plano estabelece o padrão básico para a delimitação dos territórios indígenas.
- Primeira viagem à Europa. A convite da Organização Internacional do Trabalho, passa dois meses em Genebra, colaborando com a realização de um livro sobre as populações aborígenas de todo o mundo. De volta, visita outras cidades européias.
- Em Paris, se encanta e se horroriza com o Museu do Homem, pela qualidade extraordinária do seu acervo, mas também pelo horror de ver um museu confirmar nos visitantes os seus piores preconceitos, ao mostrar, de saída, medonhas mulheres Hotentote mumificadas e uma imensa quantidade de peças artísticas e artesanais, que pareciam dispostas com o propósito de confirmar, no

européu, a idéia de que estava visitando povos selvagens e antropófagos.

- Nesta primeira visita a Paris, se hospeda no Hotel Voltaire, ao lado do Louvre, mas lá não entra com medo de sair basbaque como os brasileiros que encontrou na Europa.
- Ministra cursos de Antropologia na Fundação Getúlio Vargas, para estudantes de administração e, no Instituto Iracy Doyle, para psicanalistas.

1955

- Organiza, no Museu do Índio, sob patrocínio da CAPES, com a ajuda de Eduardo Galvão, o primeiro Curso de Pós-graduação em Antropologia Cultural realizado no Brasil, em que se formaram muitos pesquisadores.
- Assume a cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.
- Publica *Os Índios Urubus* - Atividades de Subsistência de uma tribo na Floresta Tropical, em Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo.
- Publica um artigo sobre o Museu do Índio na revista *Museum*, v. 8, n. 1, da UNESCO, repetido em *Américas*, v. 7, n. 9, Washington.

1956

- Integra a equipe organizada pela UNESCO para estudar as relações inter-raciais no Brasil, tidas então como democráticas e exemplares. Cabe a Darcy o estudo das relações com as populações indígenas, de que resulta a comprovação de que nenhuma tribo indígena tinha, jamais, sido assimilada à civilização: elas simplesmente permanecem, mudando cada vez mais a sua cultura, mas

mantendo sua própria identificação, ou desaparecem, dizimadas por diversos fatores de genocídio e de etnocídio.

1957

- Publica, com a colaboração de Berta G. Ribeiro, *Arte Plumária dos Índios Kaapor* pela Civilização brasileira. Prêmio João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras.
- Convidado pelo Instituto Indigenista Interamericano, participa de um Congresso na Guatemala e visita a Cidade do México.
- Uma crise no Serviço de Proteção aos Índios provoca a demissão de Eduardo Galvão e de Darcy.
- Contratado por Anísio Teixeira, assume a direção da Divisão de Estudos Sociais do *Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais* - CBPE - do Ministério da Educação e Cultura, para onde traslada seu Curso de Pós-Graduação para formação de pesquisadores sociais, ampliando-o na área de Sociologia. Conta para isso com a ajuda de Oracy Nogueira.
- Publica *Culturas e Línguas Indígenas do Brasil* em separata de *Educação e Ciências Sociais*, v. 2, n.6.
- Publica também *Uirá vai ao encontro de Maira* - as experiências de um índio Urubu-Kaapor que saiu à procura de Deus, que serviria de tema ao filme Uirá, Prêmio Internacional Margarida de Prata.
- Publica, ainda, *Atividades Científicas do Museu do Índio*, nos Anais da II *Reunião Brasileira de Antropologia*, em Salvador.

1958

- Darcy participa ativamente, junto com Anísio Teixeira, da

luta pela escola pública, procurando influir sobre a Câmara de Deputados que elabora a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

- Publica O Programa de Pesquisas em Cidades-Laboratório em *Educação e Ciências Sociais*.
- Morre o Marechal Rondon e Darcy faz a oração fúnebre junto ao túmulo.
- Realiza dois programas de televisão, opondo-se à criação da cidade de Brasília, com o argumento de que ela não desbravava nada, uma vez que na área onde seria implantada existiam cidades desde 1720. Mais razoável seria, argumentava ele, retomar o plano secular de Couto de Magalhães e abrir um canal ligando os rios Tocantins-Araguaia ao sistema Rio Grande-Paraná, ligando Belém do Pará a Buenos Aires. Realizando-se, simultaneamente, uma reforma agrária nesta imensa área pela implantação de populações ao longo dos rios Araguaia, Tocantins e Rio Grande, Paraná e Uruguai, se criaria uma segunda costa brasileira. A repercussão do programa chama a atenção do Presidente Juscelino Kubitschek, empenhado na criação de Brasília.
- Darcy acaba aderindo ao projeto de criação da Nova Capital, ao compreender que Brasília seria o nó que ataria todo o país, tal como Minas Gerais, com suas minas de ouro, no passado.
- Publica o *Indigenista Rondon*. Separata da revista *Cultura*, Rio de Janeiro.

1959

- Revolução cubana: Darcy “mergulha nela de cabeça”.
- Assume o cargo de vice-diretor do *Instituto Nacional de*

Estudos Pedagógicos, como principal colaborador de Anísio Teixeira.

- Planeja e dirige, no CBPE, um ambicioso *Programa de Pesquisas Socioantropológicas*, mobilizando os melhores cientistas sociais brasileiros e alguns colaboradores estrangeiros que empreendem:
 - catorze pesquisas de comunidade, de um ano de duração, em municípios brasileiros, estudados em sua feição urbana e rural, nas diversas regiões do país;
 - onze estudos interdisciplinares e pesquisas de campo sobre os processos de urbanização e industrialização no Brasil e seus efeitos sobre a família e a escola, nas áreas metropolitanas;
 - doze estudos de síntese de base bibliográfica, destinados a compendiar os conhecimentos alcançados sobre aspectos básicos da vida brasileira e suas conexões com o problema educacional.
- É eleito Presidente da Associação Brasileira de Antropologia.
- Publica *O Indigenista Rondon*, pelo Ministério da Educação e Cultura, Rio.
- É encarregado pelo Presidente da República - graças ao apoio de Victor Nunes Leal e Cyro dos Anjos - do planejamento da Universidade de Brasília. Organiza para isso uma equipe de uma centena de cientistas, pesquisadores e pensadores, a maioria deles integrantes dos quadros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).
- Contribuíram para o planejamento e concretização do UnB, primeirissimamente, Anísio Teixeira - que sonhava fazer dela uma universidade de quarto nível, só dedicada à pós-

graduação – e Oscar Niemeyer.

- O Presidente Juscelino Kubitschek, pressionado pelos jesuítas, que prometiam criar em Brasília uma Universidade Católica sem custos para o governo, chama Darcy para dizer que, posto num dilema, lavava as mãos. Depois de uma semana de desengano, Darcy decide procurar os “Cães de Deus” para uma concordata. Vai ao encontro do Geral dos Dominicanos e lhe propõe criar na UnB um Instituto de Teologia Católica, que seria o primeiro dentro de uma universidade do Estado em tempos modernos. Frei Mateus concorda e parte para o Vaticano, argumentando ante o Papa João XXIII que o Brasil tinha já oito universidades católicas, quatro delas pontifícias e nenhuma dava formação doutoral em teologia, o que seria feito na futura UnB. Sua Santidade aquiesce.

1960

- Escreve, em paródia, a Segunda Carta de Pero Vaz de Caminha, publicada pela revista *Senhor*.
- Quando da inauguração da cidade de Brasília, Juscelino Kubitschek envia ao Congresso Nacional sua Mensagem Presidencial, solicitando a criação da Universidade de Brasília.
- Publica Anísio Teixeira, Pensador e Homem de Ação, em *Anísio Teixeira, pensamento e Ação*, pela editora da Civilização Brasileira.
- Publica A Universidade de Brasília, em *Educação e Ciências Sociais* e A Universidade e a Nação separata de *Educação e Ciências Sociais* – texto reproduzido sob o mesmo título pela Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- Publica Um Conceito de Integração Social, em *América Indígena*, México.

1961

- Jânio Quadros, empossado na Presidência da República, confirma Darcy na direção da Comissão de Estudos da *Universidade de Brasília*.
- Colabora com Anísio Teixeira no desenho de um *Plano Nacional de Educação*, a pedido de Jânio, que prometia dedicar as energias de seu governo à educação básica.
- Implantada a *Universidade de Brasília* pelo Presidente João Goulart, Darcy Ribeiro assume sua Reitoria.

1962

- Hermes Lima, no cargo de Primeiro-Ministro do Governo João Goulart, faz Darcy Ribeiro seu *Ministro da Educação e Cultura*. Como Ministro, Darcy elabora o documento de sanção presidencial, da Lei de Diretrizes e Bases e põe em execução o primeiro Plano Nacional de Educação.
- Publica o *Plano Orientador da Universidade de Brasília*, pela Editora da Universidade de Brasília.
- Darcy é eleito presidente do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.
- Publica *A Política Indigenista Brasileira*, pelo Ministério da Agricultura - Rio de Janeiro.

1963

- É nomeado *Chefe da Casa Civil* do Presidente João Goulart, cargo que exerce até 31 de março de 64, coordenando o ministério e promovendo a mobilização nacional pelas Reformas de Base, especialmente a Reforma Agrária e o controle do capital estrangeiro.

1964

- João Goulart é deposto por um golpe militar. Darcy Ribeiro,

depois de tentar inutilmente resistir em Brasília, voa num aviãozinho, conseguido por Rubem Paiva - assassinado anos depois pela ditadura -, para o Uruguai. Foi junto com Waldir Pires ao encontro de João Goulart, que já estava em Montevidéu. É seu primeiro exílio.

- Darcy é contratado, imediatamente, como professor de Antropologia da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República Oriental do Uruguai.

1965

- A ditadura assalta e avassala a Universidade de Brasília.
- Darcy planeja e dirige o *Seminário de Reforma da Universidade da República*, de que participam dezenas de professores e estudantes graduados do Uruguai, e de que resultaram vários livros.
- Darcy se concentra na elaboração de um estudo, *Os Brasileiros*, que pretendia ser uma síntese das várias pesquisas realizadas no CBPE, mas se converte num balanço crítico de suas experiências e vivências políticas e intelectuais. Abandona o projeto, depois do livro escrito, ao verificar que, não existindo uma teoria explicativa do Brasil, no seio das Américas e dentro da história mundial, era impossível realizar um estudo realmente compreensivo da formação da sociedade brasileira e um diagnóstico de seus problemas fundamentais.

1966

- A pressão da ditadura brasileira, somada à deterioração da democracia uruguaia, convertem o exílio dos brasileiros num confinamento. Darcy, perdendo o documento uruguaio da viagem, se vê reduzido a um apátrida, impedido de sair de Montevidéu.

- Dedicar-se inteiramente à elaboração teórica de uma *Antropologia da Civilização* que torne inteligível o processo de formação e o desenvolvimento desigual dos povos americanos.

1967

- Segundo Darcy Ribeiro, Che Guevara, assassinado, dá ao mundo uma nova imagem bela e digna do lutador revolucionário.

1968

- Anulados pelo Supremo Tribunal Federal os diversos processos que lhe haviam sido impostos pela ditadura militar, em face do movimento de redemocratização que tinha lugar no Brasil, Darcy retorna ao Rio de Janeiro.
- Ao sair do Uruguai, recebe o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade da República Oriental do Uruguai.
- A ditadura militar, num novo golpe, promulga o Ato Institucional nº 5, desencadeando milhares de prisões, entre as quais a de Darcy Ribeiro, que passa nove meses no cárcere, como prisão preventiva, metade deles na Fortaleza de Santa Cruz, do Exército, e outra metade, na Ilha das Cobras, sede dos Fuzileiros Navais da Marinha.
- Publica *La Universidad Latinoamericana*, pela editora da Universidade, em Montevidéu.
- Publica *The Civilizational Process*, pela *Smithsonian Institution Press*, de Washington.

1969

- Julgado por um tribunal militar, é declarado pessoa de mais alta periculosidade, mas absolvido pela falta de provas das acusações que eles próprios lhe faziam. Pressionado pelo Exército, que ameaçava encarcerá-lo

novamente, se exila na Venezuela, onde é contratado como professor da *Universidad Central de la Republica* e encarregado de dirigir um Seminário Interdisciplinar de Reforma da Universidade.

- Publica *Las Americas y la Civilización* que trata do processo de formação e as causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos, em três volumes, pelo Centro Editor da América Latina, em Buenos Aires.
- Publica, ainda, pela Editora Arca, de Montevidéu, *Propuestas acerca del subdesarrollo - El Brasil como Problema.*

1970

- Coordena o Seminário sobre Formação e Processo das Sociedades Americanas do XXXIX Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Lima, Peru.
- *Current Anthropology*, a mais importante revista do ramo, promove um debate internacional sobre seu livro *The Civilizational Process* e sobre seu ensaio "Culture - historical configurations of the American Peoples".
- Retoma seu estudo contratado anos antes pela UNESCO, sobre as amargas relações entre índios e não-índios no Brasil.
- Integra o grupo de peritos em problemas universitários, convocado pela *Universidad da Colômbia*, em Bogotá.
- Participa do grupo de antropólogos, índios e missionários, que se reúnem na ilha de Barbados, sob os auspícios do Conselho Mundial de Igrejas, e do qual resultou a Declaração de Barbados, sobre o etnocídio dos índios nas Américas.
- Participa do seminário Criação Científica e Criação Social,

realizado na cidade de San Juan, Argentina, sob o patrocínio da Revista *Víspera*.

- Participa, ainda, do *Colóquio Internacional* sobre Ensino de Ciências Sociais, realizado em Argel.
- Dá um curso sobre Teoria da Cultura, a convite do *Atheneu*, de Caracas, repetido na Universidade de Mérida.
- Publica *Propuestas acerca de la renovación*, em Caracas, que é plano de reestruturação da Universidade Central da Venezuela.
- Elabora, a pedido de Oscar Niemeyer, em colaboração com Heron de Alencar, o plano orientador da implantação da *Universidade de Ciências Humanas* da Argélia.
- Publica *L'enfantement des peuples*, pela Editions du Cerf, Paris.
- Publica, no Brasil, *Os Índios e a Civilização*, pela Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, traduzido para o espanhol, para o francês e para o italiano.

1971

Eleito Salvador Allende, presidente do Chile, Darcy se traslada para aquele país, a seu convite, a fim de assessorá-lo nos esforços de realizar a transição ao socialismo, em democracia e liberdade.

- Assume, em Santiago, o cargo de professor pesquisador do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade do Chile.
- No Brasil a repressão enfurece, torturando atrocemente, assassinando e até criando escolas de tortura para treinar experimentalmente oficiais das Forças Armadas.
- Publica *El dilema de América Latina. Estructuras y fuerzas*

de poder insurgentes, México. Esse livro teve sete edições até 1977.

- Compõe, junto com Oscar Varsavsky e Amilcar Herrera, um grupo de estudos do Conselho Nacional da Universidade Peruana e propõe um plano de estruturação das universidades do país num sistema unificado.
- Participa, a convite da União das Universidades Latino-Americanas, UDUAL, da 2ª Conferência Latino-Americana de Difusão Cultural e Extensão Universitária, realizada na Cidade do México.

1972

- Convidado, através de Carlos Delgado, pelo presidente Velasco Alvarado do Peru, para ajudá-lo a pensar a revolução peruana, muda-se para Lima, atraído pela oportunidade de observar uma revolução social conduzida por militares.
- É contratado pela Organização Internacional do Trabalho, através do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, para implantar, em Lima, o *Centro de Estudos da Participação Popular - CENTRO*, que tem como contraparte o Sistema Nacional de Mobilização Social (SINAMPS), do governo peruano.
- Publica *La Universidad de Ciencias Humanas de Argel*. Estudo elaborado a pedido do Ministério da Educação e da Pesquisa Científica da Argélia. A mesma pesquisa tem uma versão francesa, intitulada *Université de Sciences Humaines d'Alger. Plan Général de Structuración*, Alger, Argélia.
- Publica *Teoria do Brasil*, Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Eleito *fellow* da *American Association for the Advancement of Science*.

- Escreve, no Chile, "A brasa ardente", ensaio sobre a ética do seqüestro, publicado em *Ensaaios Insólitos*, 1979.
- Driblando os controles da censura, a revista *Política*** publica uma longa matéria de Darcy: *As Raízes de nossa Crise*.
- Participa de uma mesa-redonda sobre a *Universidade Latino-Americana* com outros ex-reitores, em Buenos Aires, divulgada pela revista *Ciência Nova*.

1973

- Golpe militar no Chile. Allende é assassinado. Juan Rulfo, por ordem do presidente Luis Echeverría, do México, percorre as prisões e campos de concentração, procurando Darcy, que estava em Lima. Se estivesse em Santiago, diz ele, teria morrido em La Moneda.
- Participa, no Equador, de um Programa de Estudos no *Centro Nacional de Planejamento*, e realiza seminários nas universidades do país.
- Trabalha intensamente com Oscar Varsavsky e a equipe do CENTRO na elaboração de um modelo cibernético de desenvolvimento social para a revolução peruana, visando atender as necessidades básicas da população dentro de prazos previstos.
- Participa ativamente das discussões dos ideólogos peruanos na definição do estatuto da participação dos trabalhadores nos lucros das empresas. Ele se define, afinal, como a retenção compulsória pela empresa de 10% de seus lucros, reaplicados e escriturados como capital pertencente aos trabalhadores, que passam, deste modo, a ter direito proporcional aos lucros e, por igual, na gestão

** Este texto não foi localizado, bem como outros aos quais se fará referência. Isto será indicado por dois asteriscos.

da empresa, enquanto co-proprietários.

- Publica em Buenos Aires de *La Universidad Nueva. Un proyecto*, pela *Ciencia Nueva*, SRL, Buenos Aires .
- Publica “Vanutopias 2003”, na edição comemorativa dos trinta anos de *El Nacional*, Caracas.
- Publica um lamento sentido pela morte do líder da América Latina, seu grande amigo, Salvador Allende e a Esquerda Desvairada, traduzido em muitas línguas.
- Prefacia *La Sal de los Cerros*, de Stefano Varese.
- Publica *Il Dilema Latino-Americano*, com tradução e prefácio de Alberto Filipi, Il Saggiatore, Milão.

1974

- Participa do 41º Congresso Internacional de Americanistas, realizado no México, onde dirige um Seminário sobre a questão indígena.
- Dirige um ciclo de conferências nas Universidades do Porto, de Lisboa e de Coimbra, sobre a *Reforma Universitária*.
- Descobrimo, ali, que tem um câncer pulmonar, vai a Paris para novos exames, de onde retorna a Lima e, depois de grandes *démarches* junto à ditadura brasileira, ao Rio de Janeiro. É operado e se cura.
- Publica *La Universidad Peruana*, editado pelo Centro de Estudos e Participación Popular/SINAMOS, em Lima, propondo a estruturação de uma rede nacional integrada de educação superior.
- Publica o artigo “Rethinking the University” em *Prospects* e o ensaio “El Abominable Hombre Nuevo”, publicado em um volume com vários autores da Itália e de outros

países da Europa. Esse texto, na sua versão brasileira, encontra-se publicado em *Ensaaios Insólitos*, 1979.

1975

- Seis meses depois da cirurgia, a ditadura militar o compele a deixar novamente o Brasil, para o terceiro exílio; agora, porém, com um passaporte, que lhe permitiria voltar ao Brasil, periodicamente, para exames médicos.
- Retorna a Lima, e reassume a direção do *Centro de Estudos de Participação Popular*.
- Elabora, a pedido do Presidente Echeverría do México, um plano de implantação de uma Universidade do Terceiro Mundo que resulta no *Centro de Estudos do Terceiro Mundo*.
- Publica "Tipologia política latinoamericana", em *Nueva Política*, México.

1976

- Retorna ao Brasil e se fixa no Rio de Janeiro.
- Abre os debates do Seminário de Integração Étnica, do Congresso de Ciências Humanas na Ásia, na África e na América Latina, organizado pelo Colégio do México.
- Preside o simpósio sobre o problema indígena do Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Paris.
- Publica seu primeiro romance, *Maira*, escrito no exílio com o sentimento de pavor e encanto de quem descobriu que é mortal.
- Prefacia *Amazônia - ilusão de um Paraíso*, de Betty Meggers, da Editora Civilização Brasileira, Rio.

1977

- Viaja, a convite de várias universidades, para dar conferências no México e em Portugal.
- Preside o simpósio sobre Política Indigenista e Colonialismo do XLII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Paris.
- Publica “Os Protagonistas do Drama Indígena” em Atas do XLII Congresso Internacional de Americanistas, em Paris. Texto reproduzido na Revista *Vozes*, Rio de Janeiro, n.6, 1977 e republicado em *Ensaio Insólitos* com o nome “Os índios e nós”. Segundo informação do autor, teria trocado o nome original do artigo, “porque um índio [lhe] disse que protagonistas mesmo são só os índios, todos nós outros somos antagonistas”.
- Comparece à 29ª Reunião da SBPC, em São Paulo, e abre o simpósio sobre ensino público com seu ensaio mais polêmico e mais publicado: “Sobre o Óbvio”.
- Escreve para Hermes Lima um longo depoimento sobre *Anísio Teixeira*, publicado depois em *Ensaio Insólitos*.

1978

- Casa-se com Cláudia Zarvos.
- Participa ativamente da campanha contra a falsa emancipação dos índios, pretendida pela ditadura militar, mobilizando as universidades, a imprensa e também as lideranças indígenas do Brasil.
- Publica “Sobre o Óbvio” na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* e “Um Ministro agride os índios”, na revista *Ensaio de Opinião*.
- Publica também *UnB - invenção e descaminho*, pela Editora Avenir, Rio.

- Publica, ainda, em Lima, *Los Grupos Etnicos de la Amazonia Peruana*, em colaboração com Mary Ruth Wise.**
- Prefacia *Encontro de Sociedades*, de Eduardo Galvão.
- Publica dois artigos na revista *Psicologia Atual*: “Nosso Xamã, o Pajé” e “Lições de Humanismo Índio”.**

1979

- Recebe, no salão nobre da *Sorbonne*, o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade de Paris, que agradece como consolação pelos fracassos de sua vida de lutador social.
- Anistiado, por lei, retorna ao cargo de professor titular do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Publica *Ensaio Insólitos*, um conjunto de estudos críticos, pela editora L&PM de Porto Alegre, posteriormente reeditados com cortes e acréscimos sob o título *Sobre o Óbvio*, pela Guanabara, Rio. Traduzido para o alemão e para o espanhol.
- A coleção *Voz Viva da América Latina*, da Universidade Nacional Autônoma do México, lança um disco com texto e voz de Darcy Ribeiro, apresentado através de um ensaio por Guilherme Bonfil Batalla.
- Associa-se a Leonel Brizola, para reorganizar o velho Partido Trabalhista Brasileiro, dentro das linhas da reunião de que havia participado com trabalhistas históricos e socialistas em Lisboa, sob o patrocínio da Internacional Socialista.
- Apresenta seu texto: “Etnicidade, Indigenato e Campesinato”, na *Société des Americanistes* de Paris.

1980

- Participa, como membro do júri, do 4º Tribunal Russel, que se reúne em Rotterdam, para julgar os crimes contra as populações indígenas.
- Integra a *Comissão de Educadores*, convocada pela UNESCO, que se reúne em Paris para definir as futuras linhas de desenvolvimento da cultura e da educação do mundo.
- É eleito membro do *Conselho Diretor* da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO.
- *Maira*, traduzido por Alice Raillard, na França, é um dos três livros selecionados para receber "O Prêmio da liberdade", criado pelo Pen Club Francês. Juntamente com *Maira*, concorreram *Kolyma* de autoria de Varlam Chalarnov, ganhador do prêmio, e *Le Complice* de Gyorgy Konrad.
- A Editora Vozes, de Petrópolis, reúne numa coleção única, os cinco volumes dos seus Estudos de Antropologia da Civilização, a saber: *O Processo Civilizatório, As Américas e a Civilização, O Dilema da América Latina, Os Índios e a Civilização* e *Teoria do Brasil* - Os brasileiros.
- Darcy faz quatro palestras na Sorbonne para alunos de agrégation que estavam escrevendo teses sobre *Maira*.
- Negado pela Justiça Eleitoral da ditadura o registro de legenda do PTB aos trabalhistas históricos, colabora com Brizola na criação do Partido Democrático Trabalhista - PDT.
- Planeja a estruturação da nova *Universidad Nacional* de Costa Rica.

1981

- Integra a diretoria do *Instituto Latinoamericano de Estudos Transnacionais*, ILET, sediado no México, em Lima e Santiago.
- Publica seu segundo romance, *O Mulo*, pela Nova Fronteira.

1982

- Eleito, junto com Leonel Brizola, Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro, se faz sexagenário, numa festa de arromba no Clube dos Marimbás.
- Convidado pelo Presidente Mitterand, participa do *Reencontres Internationales de la Sorbonne, Créations et Développement*, em Paris.
- Alcançando, através da Latin American Studies Association - LASA -, um visto especial para ingressar nos Estados Unidos, ainda que na condição de inimigo, visita São Francisco, Filadélfia e Nova York, onde é recebido pelos colegas da Universidade de Columbia. Participa de reunião da LASA, em Washington, e visita a Universidade da Flórida.
- Realiza um ciclo de conferências na *Universidade de Madrid*.
- Participa, como conferencista convidado, do Festival Horizonte de Berlim Ocidental, e publica seu ensaio "A Nação Latino-Americana" na revista *Horizonte*."
- Participa da convenção da *Internacional Socialista* em Helsinki.
- Publica sua terceira novela, *Utopia Selvagem*, uma fábula paródica sobre o Brasil, pela Nova Fronteira.

- Publica *Perfil de um Continente* no CORREIO da UNESCO e Latino-Americanos em Encontros com a Civilização Brasileira.

1983

- Assume os cargos de *Secretário de Estado de Cultura*, no Rio de Janeiro, e de coordenador do *Programa Especial de Educação*. Nesta qualidade, realiza nos quatro anos seguintes numerosos empreendimentos.
- Constrói o Sambódromo, no Rio de Janeiro, fazendo colocar 200 salas de aula debaixo de suas arquibancadas, para que, além do Palácio do Carnaval, ele seja uma imensa escola pública para 5000 crianças.
- Erige o Monumento a Zumbi dos Palmares.
- Empreende o mais ambicioso programa educacional do Brasil, implantando 60 CIEPs - *Centros Integrados de Educação Pública* -, destinados, cada um deles, a dar educação de horário integral a 1000 crianças e deixando 131 mais, com os terrenos comprados e as peças pré-moldadas produzidas.
- Implanta, com a colaboração de João Filgueiras Lima, a *Fábrica de Escolas* que edifica dezenas de escolas de tamanho médio, destinadas a acabar com o terceiro turno, além de 150 *Casas da Criança*, para funcionarem como creches, recebendo as crianças, desde a manhã até a tarde.
- Cria, com a colaboração de Tatiana Memória, um novo modelo de instituição assistencial, as *Casas Comunitárias*, que mesmo não assumindo a responsabilidade total pelas crianças, assegura assistência médica a elas e a suas mães, bem como suplemento alimentar.
- Faz uma palestra para a *Comissão de Educação do Senado* sobre suas experiências como educador.

- Elabora, para o Departamento de Filosofia da UNESCO, o estudo *Cultura e Civilização*.
- Redige e publica, no jornal *Escola Viva - Viva a Escola*, o corpo de 45 teses - discussão que propõe ao professorado do Rio e que estabelece as bases pedagógicas do *Programa Especial de Educação*."
- Inaugura a exposição *Índios del Brasile* no Forum de Roma.
- Prefacia *Encontros com a América do Sol*, de Carlos Eduardo de Senna Figueiredo.

1984

- Constrói a *Biblioteca Pública Estadual* do Rio de Janeiro.
- Organiza o *Centro Infantil de Cultura do Rio*, como modelo integrado de animação cultural, aberto a centenas de crianças, principalmente das favelas.
- Edita em nova série a velha *Revista do Brasil*, onde publica "Simón Bolívar e a Pátria Americana" e "Manoel Bomfim, antropólogo".

1985

- Publica *Nossa Escola é uma Calamidade*, pela Editora Salamandra, Rio, e também *Aos Trancos e Barrancos - Como o Brasil deu no que deu*, pela Editora Guanabara, Rio.
- Publica *América Latina, Pátria Grande*, pela Editora Guanabara, Rio, e *O Livro dos CIEPs*, Editora Bloch, Rio.
- Contestando uma "demagoga da esquerdinha", publica, na *Folha de S. Paulo*, o artigo "Pedagoga Vadia"."
- Inaugura, com Jack Lang, o Museu França-Brasil do Rio.

- Publica na revista *Prometeu* de Milão, o artigo “Molte Civiltá e Nuovi Popoli”.

1986

- Edita, juntamente com Berta G. Ribeiro, a *Summa Etnológica Brasileira*, pela Editora Vozes, 3 volumes, Rio.
- Darcy, candidato a governador, tem seu aniversário comemorado no Festival “Quero Mais”, por 100.000 pessoas, na Praça da Apoteose, do Sambódromo, puxado por Gilberto Gil, Chico Buarque e muitos cantores mais.
- Reintegra-se no corpo de pesquisadores senior do CNPq
 - para retomar e concluir seus *Estudos da Antropologia da Civilização*.
- Darcy é homenageado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio, onde é saudado por Yara Vargas e Eduardo Chuai. Homenagem equivalente lhe é prestada pela Câmara de Vereadores da cidade do Rio, sendo saudado ali por Maria Yedda Linhares.

1987

- Assume o cargo de *Secretário de Desenvolvimento Social do Estado de Minas Gerais*, na esperança de realizar ali um amplo programa educacional, que se frustra.
- Vai aos Estados Unidos, a convite da *Universidade de Maryland*, para participar de um programa de debates sobre a realidade brasileira.
- Por solicitação do Governador Orestes Quércia, de São Paulo, elabora a programação cultural do *Memorial da América Latina*, cuja arquitetura é de Oscar Niemeyer.

1988

- Edita *Migo* pela Editora Guanabara, Rio.

- Prefacia a edição crítica de *Macunaima*, de Mário de Andrade, organizada por Telê Ancona e patrocinada pela UNESCO.
- Faz conferências em Munique, Roma e Paris.
- Comparece à reunião anual da *Tribuna Socialista* em Belgrado e visita Sarajevo.
- Publica os ensaios “Índios que vi” em *El Caminante de Madrid*** e “Amazônia que vivi” em *Letra*, editado em muitas línguas.
- Realiza viagens a Cuba, México, Guatemala, Peru, Equador e Argentina para orientar e contratar a compra de coleções de arte popular, bem como coleções básicas de livros, discos e filmes para constituir o acervo do *Memorial da América Latina*.
- Prefacia *O Caminhar da Igreja com os Oprimidos*, de Leonardo Boff.
- Prefacia *Os Índios e o Brasil*, de Mércio Pereira Gomes.
- Publica *Eldorado*, na coletânea *Amazonia*, de Silvano Peloso.**
- Apresenta, através da bancada do PDT, à Assembléia Nacional Constituinte, um documento programático DEZ TESES PARA A CONSTITUINTE - Bases institucionais do Socialismo Democrático.

1989

- Participa da cerimônia de inauguração do *Memorial da América Latina*, reconhecido como uma das obras mais arrojadas do século, tanto no plano arquitetônico, quanto na programação cultural.
- Comparece, como convidado especial, ao ato de posse do

presidente Carlos Andrés Pérez, da Venezuela. Participa ali das jornadas de reflexão sobre a América Latina no umbral do século XX.

- Participa de uma semana de debate sobre a *História da Igreja* em Florença.
- É condecorado por Fidel Castro com a medalha Haydée Santamaria, pela comemoração dos trinta anos da *Casa das Américas* e da Revolução Cubana.
- Empenha-se na campanha eleitoral de Brizola para a Presidência da República, encarregando-se de coordenar, nas capitais do país, a realização do Fórum Nacional de Debate dos Problemas Brasileiros, com o objetivo de formular o plano de ação do governo.
- Participa, em Caracas, do Foro de Reforma do Estado, onde fala das Dez Mentiras Sobre a América Latina.
- Contrata, com a Biblioteca Ayacucho, na Venezuela, a elaboração de um volume de textos dos séculos XVI e XVII sobre a gestação do povo brasileiro que se põe a elaborar com Carlos de Araújo Moreira Neto.
- É reincorporado ao corpo docente da *Universidade de Brasília* por ato ministerial, proposto pela Universidade.
- Recebe o título de *Professor Emérito* do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por deliberação unânime do Conselho Universitário.
- Recebe o título de Presidente Emérito do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas nas comemorações dos quarenta anos de fundação.
- Publica "Etnicidad, Indigenismo y Campesinato" em *La Diversidad Prohibida*, pelo Colégio do México.

1990

- Retoma, junto com Mércio Pereira Gomes, seu plano de implantar o Projeto Cabloco destinado a criar, experimentalmente, novas formas não destrutivas de ocupação humana da Amazônia, com base na sabedoria milenar das próprias populações caboclas.
- Colabora para a criação da Fundação Amazônia Viva - Amaviva - destinada a dar à cidade de Manaus um assento territorial na beira-rio de onde se veja a junção das águas do Solimões e do Rio Negro para formarem o Rio Amazonas.
- Realiza viagens para participar de reuniões internacionais de debates sobre intercâmbio cultural Norte-Sul na Alemanha, sobre a Amazônia e a defesa das populações indígenas na França; e para integrar o Encontro de Ensaístas Latino-Americanos em Buenos Aires.
- Vai também a Frankfurt para o lançamento da edição alemã de *O Mulo*, na Feira Internacional do Livro. Segue dali para Zurique, onde combina a sua participação numa coletânea de ensaios sobre a Suíça, encomendada a onze intelectuais de diferentes nacionalidades, para comemorar o Sétimo Centenário da Convenção Helvética.
- Morre Dona Fininha.
- Publica *Testemunho*.

1991

- Exercendo seu mandato no Senado, publica a Revista Informativa *Carta*.
- 21 de novembro de 1991. A universidade de Copenhage confere a Darcy Ribeiro o título de *Doutor Honoris Causa*, pelos seus trabalhos como antropólogo, educador e

político, em defesa dos direitos humanos, especialmente das populações indígenas, pela realização de programas ecológicos e de educação popular.

- Assume a *Secretaria Extraordinária de Programas Especiais*, no Estado do Rio de Janeiro, e retoma a implantação do *Programa Especial de Educação*, com o objetivo de preparar 30.000 professores, em cursos intensivos de treinamento em serviço para 500 CIEPs, Centros Integrados de Educação Pública 400 CIACs, Centros Integrados de Assistência à Criança.

1992

- Assume a responsabilidade de criar a Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF.
- Inicia negociações sobre *Televisão Educativa* com a *TV Ontário*, Toronto.
- Apresenta ao Senado o novo *Projeto de Lei de Diretrizes e Bases* da Educação Nacional, Brasília.
- Implantação de um *Centro de Teleducação* na Secretaria Extraordinária de Programas Especiais, que passou a produzir e emitir programação educativa para todas as unidades escolares do Estado do Rio de Janeiro, e de outros estados, inclusive com transmissões via satélite.
- É eleito *Membro da Academia Brasileira de Letras*.

1993

- Toma posse na *Academia Brasileira de Letras*, vindo a ocupar a cadeira 11.

1994

- Entrega à população do Rio de Janeiro 406 novos *CIEPs* e o funcionamento de 68 Ginásios Públicos, com cursos de

Madureza I e Madureza II, através do Ensino à Distância.

- Elaboração de vasto *material educativo*, com programas editados e sonorizados, para capacitação do magistério e apoio aos alunos em sala de aula. Este acervo, com 700 horas de programação, foi utilizado em vários Estados do País. laboração do vasto material didático, especificamente produzido, dentro de uma orientação construtivista, aplicada a toda a rede de ensino público do Estado do Rio de Janeiro.

1995

- 15 de março. O reitor da Universidade de Brasília João Claudio Todorov outorga o título de *Doutor Honoris Causa* ao professor Darcy Ribeiro, pelo saber e pela atuação em prol das Ciências, das Letras e da Educação.
- O seu nome é dado ao Campus da Universidade de Brasília.
- Publica *Noções de coisas*, ilustrado por Ziraldo, pela editora FTD, São Paulo.
- Publica os livros *O Brasil como problema* e *O povo brasileiro*. A formação e o sentido do Brasil.
- O escritor volta a Minas, lança seus livros e recebe homenagens. A *Assembléia Legislativa* concede-lhe o título de *Doutor Honoris Causa* da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).
- A partir de 28 de agosto de 1995, passa a articulista da *Folha de S. Paulo*, na seção em que escrevia Florestan Fernandes.
- Prêmio Interamericano de Educação “Andrés Bello”, Secretaría General de la OEA.

1996

- *Maíra* é reeditado pela Record, com uma fortuna crítica, organizada pelo autor, em comemoração aos vinte anos do romance.
- Publica *Diários Índios*. Os Urubus-Kapor pela Companhia das Letras.
- Recebe o Prêmio Sergio Buarque de Hollanda, Ensaio social pela Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura com a publicação de *Os diários índios*.
- Recebe o Prêmio Roma-Brasília, Roma.

1997

- Em 17 de fevereiro, Darcy Ribeiro falece, em Brasília, às 19 horas. Sua morte comove o país. Os principais jornais da imprensa escrita e falada noticiam a morte de um dos mais importantes políticos e intelectuais que o Brasil já teve. Saudades do professor Darcy.
- Durante o cortejo fúnebre, no Rio de Janeiro, pessoas de diferentes classes e credos choram a morte de Darcy.
- É sepultado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.
- Em 17 de fevereiro, *A Folha de S. Paulo* publica "Meninos de rua", último texto de Darcy Ribeiro como colaborador da *Folha*.
- O escritor deixa inéditos o livro *Confissões*, um romance e um livro de poemas.
- Depois do falecimento de Darcy Ribeiro, a Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR) torna-se responsável, dentre outras atribuições, pelo Acervo do Escritor, preservando sua memória.

FONTES

- Arquivo pessoal de Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro.
- "Curriculum Vitae" de Darcy Ribeiro, organizado por Berta Ribeiro. Esse "Curriculum" contém dados bibliográficos do autor até 1980.
- RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. São Paulo: Siciliano, 1990.
- *Ensaio Insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. *Carta*. Falas, reflexões, memórias; informe de distribuição restrita do Senador Darcy Ribeiro. Brasília: Gabinete do senador Darcy Ribeiro, 1991 - 1995.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Dossiê Darcy Ribeiro*. Um homem de paixões visto por ele mesmo e por Franklin de Oliveira. Caderno Rioarte, Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Arte e Cultura, 1985. p. 24-45.
- FUNDAR - Fundação Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA DE DARCY RIBEIRO

1. ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO

RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural*. 1.ed. a 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, 1975.

_____. 4.ed. a 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1978, 1987.

_____. São Paulo: Circulo do Livro, 1985.

_____. *As Américas e a civilização. Processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. 2. ed. a 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, 1986.

_____. *O dilema da América Latina. Estruturas de poder e forças insurgentes*. 1.ed. a 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1978, 1988.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros. Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, 1977.

_____. 3.ed. a 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1975, 1977.

_____. *Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Edição brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. 2.ed. a 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1977, 1986.

_____. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

_____. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 1.ed. e 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EDIÇÕES ESTRANGEIRAS E TRADUÇÕES

RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*.

_____. Edição americana. Trad. e pref. Betty J. Meggers. Washington: Smithsonian Institution Press, 1968.

_____. Edição portuguesa. Lisboa: CLB, 1976.

_____. Edição americana 2.ed. Nova York: Harper and Row, 1981.

_____. Edição venezuelana 1.ed. a 4.ed. Trad. Julio Rossiello. Caracas: EBUC, 1970, 1980.

_____. Edição argentina 1.ed. a 3.ed. Buenos Aires: CEAL, 1971, 1987.

_____. Edição alemã 1.ed. e 2.ed. Trad. e epílogo Heins R. Sonntag. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1971, 1988.

_____. Edição italiana. Trad. Alberto Pescetto. Miano: Feltrinelli, 1973.

_____. Edição mexicana. México: Extemporaneos, 1976.

- RIBEIRO, Darcy. Edição cubana. Havana: Ed. das Ciências Sociais, 1992.
- _____. *As Américas e a civilização. Processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos.*
- _____. Edição argentina. Trad. Renzo Pi Ugarte. Buenos Aires: CEAL, 1969, 1971, 1985.
- _____. Edição cubana. Havana: Casa das Américas, 1992.
- _____. Edição americana 1.ed e 2.ed. Trad. Linton Lomas Barrett e Marie McDavid Barrett. Nova York: E.P. Dutton, 1971, 1986.
- _____. Edição italiana. Trad. Alberto Pescetto. Torino: Giulio Einaudi, 1973.
- _____. Edição mexicana. México: Extemporaneos, 1977.
- _____. Edição alemã. Trad. e epílogo Manfred Wöhlcke. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985.
- _____. Edição venezuelana. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 1993.
- _____. *O dilema da América Latina. Estruturas de poder e forças insurgentes.*
- _____. Edição mexicana 1.ed. a 14.ed. Trad. Renzo Pi Ugarte. México: Siglo XXI, 1971, 1984.
- _____. Edição italiana. Trad. Mirela Malfatti. Milano: Il Saggiatori II, 1973.
- _____. *Os brasileiros. Teoria do Brasil.*
- _____. Edição uruguaia. Trad. Renzo Pi Ugarte. Montevideo: Arca, 1969.
- _____. Edição francesa. Paris: Les Editions du Ceri, 1970.
- _____. Edição mexicana 1.ed. a 4.ed. México: Siglo XXI, 1975, 1987.

- RIBEIRO, Darcy. Edição argentina. Buenos Aires: CEAL, 1976.
- _____. Edição alemã: Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1981.
- _____. *Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas no Brasil moderno.*
- _____. Edição mexicana. 1.ed. a 6.ed. Trad. Renzo Pi Ugarte. México: Siglo XXI, 1971, 1985.
- _____. Edição italiana. Trad. Franco Realini. Milano: Jaka Books.
- _____. Edição francesa. Trad. Christiane Bricot D'Ans, apresentação André Marcel D'Ans, prefácio Robert Jaulin. Paris: UGE 10/18, 1978.

2. ROMANCES

- RIBEIRO, Darcy. *Maira*. 1.ed a 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. 10.ed. a 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 1989, 1990.
- _____. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- _____. 15.ed. Edição comemorativa dos 20 anos de *Maira*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. *O Mulo*. 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____. 2.e.d. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. *Utopia selvagem. Saudades da Inocência Perdida*. 1.ed. a 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- _____. *Migo*. 1.ed. a 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988, 1989.

EDIÇÕES ESTRANGEIRAS E TRADUÇÕES

RIBEIRO, Darcy. *Maira*.

_____. Edição portuguesa. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

_____. Edição italiana. 1.ed. a 2.ed. Trad. Daniela Ferioli. Milano: Feltrinelli, 1979, 1989.

_____. Edição alemã. Trad. Heidrun Adler. Munique: Steinhausen, 1980.

_____. Edição alemã. 2.ed. a 3.ed. Trad. Heidrun Adler. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1982, 1989.

_____. Edição francesa. 1.ed. a 2.ed. Trad. Alice Raillard. Paris: Gallimard, 1980, 1989.

_____. Edição espanhola. Trad. Pablo del Barco. Madrid: Alfaguara, 1981.

_____. Edição mexicana. Trad. Pablo del Barco. México: Nueva Imagem, 1983.

_____. Edição polonesa. Trad. Helena Czajka. Krakovia: Whdawnictwo, 1983.

_____. Edição americana. Trad. E.H. Goodland e Thomas Colchie. Nova York: Randon House - Aventura, 1984.

_____. Edição inglesa. Trad. E.H. Goodland e Thomas Colchie. Londres: Pan Books-Picador, 1985.

_____. Edição hebraica. Trad. Miriam Tiure. Tel Aviv: Pecker Literary, 1988.

_____. Edição húngara. Trad. Barczy Istvan. Budapeste: Europa Konyvkiado, 1989.

_____. *O Mulo*.

_____. Edição italiana. Trad. Daniela Ferioli. Milano: Feltrinelli, 1983.

- RIBEIRO, Darcy. Edição espanhola. Trad. Pablo del Barco. Madrid: Alfaguara, 1987.
- _____. Edição alemã. Trad. Curt Meyer-Classon. Zurique: Ammann, 1990.
- _____. Edição francesa. Trad. Alice Raillard. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *Utopia selvagem. Saudades da inocência perdida.*
- _____. Edição italiana. Trad. Daniela Ferioli. Milano: Feltrinelli, 1983.
- _____. Edição alemã. Trad. Maralde Meyer Minneman. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1986.
- _____. Edição espanhola. Trad. Pablo del Barco. Madrid: Alfaguara, 1987.
- _____. Edição francesa. Trad. Ana Maria Alencar. Paris: Gallimard, 1989.
- _____. Edição theca. Trad. Pavla Lidmilová. Editora Odeon, 1989.
- _____. *Migo.* Edição alemã. Zurique: Ammann, 1994.
- _____. A sair as edições italiana (Giulio Einaudi), espanhola e francesa.

3. ESTUDOS DIVERSOS

- RIBEIRO, Darcy. *Religião e Mitologia Kadiwéu.* Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1950.
- RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO, Berta. *Arte Plumária dos índios Kaapor.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1957.
- RIBEIRO, Darcy. *O Indigenista Rondon,* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.
- _____. *Uirá sai à procura de deus. Ensaios de Etnologia e Indigenismo.* 1.ed e 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, 1976.

- RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu. Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. 2. ed. Petropólis: Vozes, 1979.
- _____. *Ensaios insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.
- _____. *Sobre o óbvio. Ensaios insólitos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- _____. *Aos trancos e barrancos. Como o Brasil deu no que deu*. 1. ed. a 3.ed.. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985, 1987.
- _____. *América Latina. A pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.
- _____. *Testemunho*. 1. ed. a 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1990, 1991.
- RIBEIRO, Darcy & RIBEIRO, Berta G. *Suma etnológica brasileira*. São Paulo: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, Darcy. *Configurações histórico-culturais dos povos americanos*. 2.d. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- RIBEIRO, Darcy & MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil – 1500/1700*. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. *Diários índios. Os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

EDIÇÕES ESTRANGEIRAS E TRADUÇÕES

- RIBEIRO, Darcy. *Kadiwéu. Ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*.
- _____. Edição venezuelana . Caracas: UCV, 1970.
- _____. *Sobre o óbvio. Ensaios insólitos*.
- _____. Edição alemã. Trad. Manfred Wöhlcke. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1980.

RIBEIRO, Darcy. Edição argentina. Trad. Osvaldo Pedroso. Buenos Aires: Editora del Sol, 1988

_____. *América Latina. A pátria grande.*

_____. Edição algeriana. Alger: Mimeo, 1972.

_____. *Configurações histórico-culturais dos povos americanos.*

_____. Edição americana. Current Anthropology, 1970.

_____. Edição cubana. Havana: Pensamiento Crítico, 1971.

_____. Edição uruguaia. Montevideo: CEL, 1972.

_____. *Configurações histórico-culturais dos povos americanos.*
Edição mexicana. México: Sep-Setenta, 1972.

RIBEIRO, Darcy & MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *A Fundação do Brasil – 1500/1700.*

_____. Edição venezuelana. Caracas: Trad. Aldo Horacio Gamboa e Marcelo Montenegro, Biblioteca Ayacucho, 1970.

4. EDUCAÇÃO

RIBEIRO, Darcy. *Plano orientador da Universidade de Brasília.*
Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

_____. *A universidade necessária.* 1.ed a 4.ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1969, 1985.

_____. *O Livro dos CIEPs,* Rio de Janeiro: Bloch, 1985.

_____. *UnB – Invenção e descaminho.* Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

_____. *Nossa escola é uma calamidade.* Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

_____. *Universidade do Terceiro Milênio.* Plano orientador da Universidade Estadual Norte Fluminense. Edição bilingüe

português - inglês. Rio de Janeiro: Revista Universidade do Terceiro Milênio, v. 1, n. 1, 1993.

EDIÇÕES ESTRANGEIRAS E TRADUÇÕES

RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. Edição uruguaia. Montevideu: U.R., Prof. Oscar J. Maggiolo.

_____. Edição chilena. Santiago: Uni, 1971.

_____. Edição venezuelana. Caracas: EBUC, 1971.

_____. *A universidade necessária*. Edição portuguesa. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. Edição mexicana. México: UNAM, 1987.

5. LITERATURA INFANTO-JUVENIL

RIBEIRO, Darcy. *Noções de coisas*. São Paulo: FTD, 1995.

6. TEXTOS DIVERSOS PUBLICADOS NO EXTERIOR

RIBEIRO, Darcy. The Museum of the indian, Rio de Janeiro. In: *Museum*, Paris: UNESCO, 1955, v.8, n. 1, 5 -10. Reproduzido em *AMÉRICAS*, v. 7, n. 9; Un museo contra el preconcepto. Washington: União Panamericana.

_____. Um conceito de integração social. In: *América Indígena*. México, v. XX, n.1, jan. 1960.

_____. La Universidad Latinoamericana y el desarrollo social. In: *Cuadernos*, n.16, Montevideu, 1965. Texto reeditado com o título A Universidade latino-americana e o desenvolvimento social. *Revista Civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, n.3, 249-286. Texto também reeditado com o título Elites

in Latin-America. Oxford: Lipset, S.M. & A SOLARI, A, 1967 e com o título Universities and Social Development. N. York: University Press, 1967.

RIBEIRO, Darcy. *La Universidad Latinoamericana*. Montevideu: Universidad de la Republica, Dept. de Publicaciones, 1968; 1.ed. Chile: Editorial Universitaria, 1970.

_____. *Propuestas acerca de subdesarrollo: El Brasil como Problema*. Montevideu: Arca, 1969.

_____. *L'enfantement des Peuples*. Trad. F. Malley. Paris: Editons de Cerf. 1970.

_____. *Propuestas acerca de la renovación*. Edição venezuelana. Caracas: Universidade Central de Venezuela, 1970.

_____. Culture - Historical Configurations of the American Peoples. *In: Current Anthropology*. n. 445, v. 11, oct - dec, 1970, p. 403 - 404.

_____. *Fronteras Indígenas de la civilización*. México: Siglo XXI Editores. Versão resumida de *Os índios e a civilização*, 1971.

_____. La cultura Latinoamericana. Introdução geral. *In: América Latina en su arquitectura*. UNESCO/ México: Siglo XXI. 1971.

_____. *La Universidad Latinoamericana*. Versão ampliada e atualizada em relação a de 1968. Chile, Santiago: Editorial Universitaria, 1971.

_____. *Configuraciones histórico-culturales americanas*. Montevidêu: Centro de Estudos Latinoamericanos, 1972. Republicação sob o título *Configuraciones*. México: Sept/ Setentas. Mexico - Secretaría de Educación Pública.

RIBEIRO, Darcy & ALENCAR, Heron. *La Facultad de Ciencias Humanas y de la Planificación Social de Argel*. Dirección General de Difusion Cultural da UNAM: México, 1972. Versão também em francês.

- RIBEIRO, Darcy. *Université des Sciences Humaines d'Alger*. Plain Général d'Estruturação. Edição algeriana. Alger: Mimeo, 1972.
- _____. *In difesa delle civiltà-indios*. Trad. italiana da versão espanhola de *Os índios e a civilização*. Milão: Edizioni Jaca Book, 1973.
- _____. *La Universidad Nueva*. Um projecto. Buenos Aires: *Ciencia Nueva*, SRL, 1973.
- _____. Etnicidade, Indigenato e Campesinato. In: *Revista de Cultura Vozes*, v. LXXIII, n.8, out. 1973, p. 589 - 602.
- _____. Repenser l'Université en Amérique Latine. In: *Perspectives*, Paris, v. IV, n.3, aut. 1974. p. 343 - 360.
- _____. Vanotopías 2003. In: *El Nacional*, Caracas, 1973; In: *Ciencia Nueva*. Revista de Ciencia y Tecnología: Buenos Aires, n. 27, 1973 n.27 e republicado em sua versão brasileira In: *Opinião*: Rio de Janeiro, n. 122, mar. 1975, p. 22 - 23
- _____. Rethinking the university in Latin America. In: *Prospects*. UNESCO. v.4, n.3, 1974, p.315-330.
- _____. *La universidad peruana*. Edição peruana. Lima: Editora del Centro, 1974.
- _____. Tipología política latinoamericana. In: *Nueva Política*: México, n. 1, v.1, 1975.
- _____. Os protagonistas do drama indígena. In: *Actes XLII Congrès Internacional des Americanistes*. Paris, 1977. Texto reproduzido em *Revista Vozes*. Petrópolis: Vozes, n. 6, 1977.
- _____. El ombre latinoamericano 500 años después. In: *PÉREZ, Carlos Andrés et al. América Latina en el Umbral de la República*. Editorial Nueva Sociedad, Venezuela, ago. 1989. p. 50 - 55.
- _____. Amazonie: Indiens toujours vivants. *Le monde des débats*, Paris, jan. 1995.

7. ARTIGOS E SEPARATAS PUBLICADOS EM LIVROS E PERIÓDICOS NACIONAIS ESPECIALIZADOS.

RIBEIRO, Darcy. Os índios Urubus. Ciclo anual de atividades de subsistência de uma tribo na floresta tropical. *Congresso Internacional de Americanistas*, XXXI, São Paulo: 1955. Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo: v. 1, p. 127-157. Reproduzido em *Uirá sai à procura de deus*. Ensaios de Etnologia e Indigenismo, 1974 (1. ed.) e *Uirá sai à procura de deus*. Ensaios de Etnologia e Indigenismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. Convívio e Contaminação - Efeitos dissociativos da depopulação provocada por epidemias em grupos indígenas. *Sociologia*. São Paulo, v.18, n.1, 1956.

_____. *Uirá vai ao encontro de Maíra*. As experiências de um índio urubu-Kaapor que saiu à procura de deus. Anhembi. São Paulo, v. 26, n. 76, 1957, p. 21-35. Reproduzido em Anais da II. *Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador, p. 205 - 209 e em RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de deus*. Ensaios de Etnologia e Indigenismo, 1974, e RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de deus*. Ensaios de Etnologia e Indigenismos. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. Cultura e línguas Indígenas do Brasil. Rio de Janeiro. Separata de *Educação e Ciências Sociais*, v.2, n.6, 1957, p.4 -102.

_____. Atividades científicas do Museu do Índio, SPI. Anais da II *Reunião Brasileira de Antropologia*, Salvador, 1957, p. 205-209.

_____. O indigenista Rondon. Separata da revista *Cultura*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação, 1958. Esse texto encontra-se reproduzido em *Uirá sai à procura de Deus*. Op. cit.

_____. O programa de pesquisas em cidades-laboratório. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.3, 1958, p. 13 -30.

- _____. Anísio Teixeira, pensador e homem de ação. *In: Anísio Teixeira, Pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1960, p. 228 - 326.
- _____. A Universidade de Brasília. *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.8, n.15, 1960, p.33 - 39.
- _____. Segunda carta de Pero Vaz de Caminha. *Senhor*, Rio de Janeiro, n. 4, abr, 1960. Esse texto encontra-se reproduzido em *Ensaio Insólitos*.
- _____. Ministro agrade os índios. *In: RIBEIRO, Darcy et al. Ensaio de Opinião*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978, p.10-18.
- _____. Sobre o óbvio. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.1, 1978.
- _____. Brasil: uma história da modernização reflexa. *Cadernos de Debate - Repensando o Nacionalismo*. São Paulo, n.5, 1978, p. 19-20.
- _____. Discurso. *Cadernos de Opinião*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 5-6.
- _____. Perfil de um Continente. *Correio da UNESCO e Latino-americanos. Encontros com a civilização brasileira*, Rio de Janeiro, 1982.
- _____. Simon Bolívar e a Pátria Americana. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 1984.
- _____. Manoel Bomfim, antropólogo. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 1984.
- _____. A civilização emergente. *In: Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, n.3, 1985.
- _____. Política cultural no Rio de Janeiro. *Revista do Brasil - Edição Especial*, Rio de Janeiro, 1986.
- _____. *Índios que vi. El caminante*, Madrid, 1988.

- RIBEIRO, Darcy. *Amazônia que vivi*. Letra, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. Etnicidade, Indigenismo y Campesinato. *Diversidad Prohibida*, México, Colégio do México, 1989.
- _____. Los indios y el Estado nacional. *Seminario Internacional Amerindia hacia el Tercer Milenio*. México, Instituto Nacional Indigenista, 1991.
- _____. Havemos de amanhecer. In: D'INCAO, Maria Angela & SCARABÔTOLO, Eloisa Faria (Org). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaio sobre Antonio Cândido. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto Moreira Salles, 1992.
- _____. Los indios y el Estado nacional. In: COLOMBRES, Adolfo (Org). *América Latina: el desafío del tercer milenio*. Buenos Aires, Ediciones del Sol, 1993.
- _____. Tiradentes estadista. In: Artigas et al. *A sagração da liberdade*. Heróis e mártires da América Latina. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- _____. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva (Org). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência: Edusp, 1996.
- _____. Educação para o desenvolvimento. In: D'Ávila Neto, Maria Inácia (Org). *Desenvolvimento Social*. Desafios e estratégias. Rio de Janeiro, UFRJ / EICOS, v.3, 1995, p. 133-148.

8. PREFÁCIOS DE LIVROS

- RIBEIRO, Darcy. Prólogo. In: VARESE, Stefano. *La sal de los cerros*, 2. ed. Lima: Repablo de Papel, 1973
- _____. Apresentação. In: MEGGERS, J. Betty. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

RIBEIRO, Darcy. Prólogo y Cronologia. In: FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Trad. Benjamín de Garay e Lucrecia Manduca. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. IX a XII.

_____. Prefácio. In: GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades. Índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Prefácio. In: FIGUEIREDO, Carlos Eduardo de Senna. *Encontros com a América do Sol*, Rio de Janeiro: Antares, 1983.

_____. Prefácio. In: GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil*, 1988.

_____. A utopia do Brasil. In: BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. Liminar: Macunaíma. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Edição crítica. Telê Porto Ancona Lopez (coord.). Paris, Brasília, CNPq, 1988.

_____. Manoel Bomfim, antropólogo. In: BOMFIM, Manoel. *A América Latina*. Males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

9. DOCUMENTÁRIO CINEMATOGRAFICO

- *Um dia numa tribo da floresta tropical*. Documentário realizado por Darcy Ribeiro com a equipe integrada pelo lingüista Max Boudin e pelo cineasta Heinz Foerthmann, para o estudo dos índios Urubus-Kaapor, 1949.
- *Sobre o Funeral Bororo*. Com Foerthmann, realiza um documentário cinematográfico sobre o cerimonial fúnebre dos bororos, 1954.
- Consultoria do filme *Terra dos índios* de Zelito Viana. Rio de Janeiro, Embrafilme, DPP/DONAC.

10. DISCOGRAFIA

RIBEIRO, Darcy. *Voz Viva de América Latina*. México, Universidade Autônoma do México, 1978.

11. TEXTOS INÉDITOS

RIBEIRO, Darcy. *Confissões de Darcy*.

_____. *Poemas*.

_____. *Um romance*.

_____. Roteiro de filme: Terceiro esboço de roteiro do filme *Maíra*.
Rio de Janeiro, 10 jun. 1996.

12. ARTIGOS DIVERSOS

RIBEIRO, Darcy. 18 anos do Movimento de 64. *Folha de S. Paulo*,
São Paulo, 30 mar. 1982.

_____. Meus fracassos, meus orgulhos. *Jornal de Montes Claros*,
Montes Claros, 18 mai. 1986.

_____. Primeira fala ao senado. *Carta*: falas, reflexões, memórias.
Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1991.

_____. O Povo Latino-americano. *Carta*: falas, reflexões, memórias.
Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.2, 1991.

_____. Uma nova lei para o trânsito. *Carta*: falas, reflexões, memórias.
Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.2, 1991.

_____. Segunda Fala ao Senado. *Carta*: falas, reflexões, memórias.
Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1991.

_____. Teorias do Atraso e do Progresso. *Carta*: falas, reflexões,
memórias. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1991.

- RIBEIRO, Darcy. Novas Proposições ao Congresso Nacional. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1991.
- _____. Viva a vida. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília; Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1992.
- _____. A Suíça e a suicidade. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília; Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1992.
- _____. CIEPs: a educação como prioridade. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília; Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.5, 1992.
- _____. A nova lei da educação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jun. 1992.
- _____. Educação para a modernidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 set. 1992.
- _____. Udenismo e parlamentarismo. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1993.
- _____. O golpe plebiscitário. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1993.
- _____. Discurso de Posse do Acadêmico Darcy Ribeiro. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.2, 1993.
- _____. Integração, para quem? *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1993.
- _____. O índio e o brasileiro. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.4, 1993.
- _____. A pacificação dos Xokleng. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.4, 1993.
- _____. O golpe plebiscitário - I. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 fev. 1993.

- RIBEIRO, Darcy. Uma universidade do terceiro milênio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14. nov. 1993.
- _____. A elite brasileira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1993.
- _____. A negociata. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1993.
- _____. Despotismo fundiário. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 dez. 1993.
- _____. Nossas Elites. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1994.
- _____. Salvemos a Nação brasileira. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1994.
- _____. Plano Orientador da UENF. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1994.
- _____. Água para o Nordeste. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1994.
- _____. A crise e as eleições. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.2, 1994.
- _____. Nossa herança política. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.2, 1994.
- _____. Fala aos moços. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1994.
- _____. O estado da educação. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1994.
- _____. A Faculdade de Educação e Comunicação da UENF. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.3, 1994.
- _____. Ser negro. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.4, 1994.

- _____. Balanço dos três poderes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1994.
- _____. Nosso desastrado prefeito. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1994.
- _____. Trint'anos cruéis. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1994.
- _____. O fracasso do regime militar. *Correio Braziliense*, Brasília, 31 mar. 1994.
- _____. O 'herói' Ayrton Senna do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 mai. 1994.
- _____. A crise e as eleições. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1994.
- _____. A herança neoliberal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1994.
- _____. Chacina e miséria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1994.
- _____. Ladroeira no orçamento. *Correio Braziliense*. Brasília, 10 jul. 1994.
- _____. O estado necessário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1994.
- _____. Fala aos moços. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 ago. 1994.
- _____. Fala aos moços. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1994.
- _____. Jaguaribe propõe o extermínio dos índios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 set. 1994.
- _____. Tiradentes ilibado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 1994.
- _____. Tiradentes ilibado. *Zero Hora*, Porto Alegre, 11 set. 1994.

- RIBEIRO, Darcy. Tiradentes ilibado. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 set. 1994.
- _____. Tiradentes ilibado. *O dia*, Rio de Janeiro, 15 set. 1994.
- _____. Um balanço dos CIEPs. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 set. 1994.
- _____. O nascimento da UnB. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1995.
- _____. Darcy Ribeiro - Doutor Honoris Causa. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1995.
- _____. Dr. Anísio. *Carta: falas, reflexões, memórias*. Brasília, Gabinete do senador Darcy Ribeiro, n.1, 1995.
- _____. O ministério e o descalabro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar. 1995.
- _____. Obscurantismo mata os CIEPs. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1995.
- _____. Florestan educador. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 abr. 1995.
- _____. Levinsohn: o traficante da educação. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1995.
- _____. Invasores e pioneiros. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 set. 1995.
- _____. Ameaça de privatização. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1995.
- _____. Fala de outro caipira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 jul. 1996.
- _____. Por que este país não deu certo? *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 ago. 1996. p.3, p.4. Suplemento *Folhetim*.
- _____. Os índios e nós. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 out. 1996.

13. ARTIGOS PUBLICADOS EM JORNAL COMO ARTICULISTA

RIBEIRO, Darcy. Florestan Fernandes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 ago. 1995.

_____. Exportemos nossos pobres. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 1995.

_____. A universidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 1995.

_____. A alegria da meninada é a rua. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 18 set. 1995.

_____. Esquerda versus esquerda. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 25 set. 1995.

_____. Duas leis reitoras. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 out. 1995.

_____. Terra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 out. 1995.

_____. As mulheres. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 out. 1995.

_____. A nova lei da Educação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 out. 1995.

_____. Coitados dos ricos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 out. 1995.

_____. A nova lei da Educação. *Folha de S. Paulo*, 6 nov. 1995.

_____. A cultura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 nov. 1995.

_____. Utopia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1995.

_____. Salve o mercado global. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 nov. 1995.

_____. Ufanismo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 dez. 1995.

_____. UENF ameaçada de morte. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 dez. 1995.

_____. Educação punitiva. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 dez. 1995.

RIBEIRO, Darcy. Lei geral da Educação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 dez. 1995.

_____. Iemanjá. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jan. 1996.

_____. A experiência exitosa dos CIEPs. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jan. 1996.

_____. Os com terra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 jan. 1996.

_____. Pleno emprego. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jan. 1996.

_____. Aposentadoria. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1996.

_____. Lei das patentes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 fev. 1996.

_____. Ministro sinistro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 fev. 1996.

_____. Banco e Esgoto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 fev. 1996.

_____. Transplante de órgãos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 mar. 1996.

_____. A cola assassina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 1996.

_____. A lei e a Universidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 mar. 1996.

_____. Imposto sindical. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar. 1996.

_____. Mister Heilborn. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1996.

_____. Senso e censos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1996.

_____. A Universidade do 3º milênio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1996.

_____. Sangue. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 1996.

_____. Pacote sinistro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 mai. 1996.

_____. Viva a beleza. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 mai. 1996.

_____. Gainesville (Viagem). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 mai. 1996.

- RIBEIRO, Darcy. Apagão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mai. 1996.
- _____. América Latina nação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1996.
- _____. Quanto vale a Vale. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 1996.
- _____. O milagre do Fernando. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 jun. 1996.
- _____. Genocídio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 jun. 1996.
- _____. Vendilhões. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jul. 1996.
- _____. Índios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jul. 1996.
- _____. Mestrado e doutorado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 jul. 1996.
- _____. Projeto Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 jul. 1996.
- _____. Darcy virtual. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1996.
- _____. Viva elas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 ago. 1996.
- _____. Desemprego. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 ago. 1996.
- _____. Reforma agrária. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1996.
- _____. Universidade do ar. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1996.
- _____. Minha Constituição. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 2 set. 1996.
- _____. Niemeyer. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9 set. 1996.
- _____. Fernando e a Vale. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 set. 1996.
- _____. A Vale e você. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 set. 1996.
- _____. Reforma agraria é a única solução. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 30 set. 1996.
- _____. Viva Brasília. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 out. 1996.

- RIBEIRO, Darcy. Sampa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 out. 1996.
- _____. Erros divinos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 out. 1996.
- _____. Os índios e nós. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1996.
- _____. Lei assassina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 nov. 1996.
- _____. Rio. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 11 nov. 1996.
- _____. Escândalo na Vale. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 nov. 1996.
- _____. Viva o senador caxias! *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1996.
- _____. Ministro novidadeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 dez. 1996.
- _____. O povo é descartável. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9 dez. 1996.
- _____. A lei da Educação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 16 dez. 1996
- _____. Lei geral da educação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 dez. 1996.
- _____. A nova Roma. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 dez. 1996.
- _____. Transplantes. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 jan. 1996.
- _____. Iemanjá. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 13 jan. 1997.
- _____. Senador caxias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jan. 1997.
- _____. O transplante e a vacina obrigatória. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jan. 1997.
- _____. Água, esgoto e dinheiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 fev. 1997.
- _____. Meninos de rua. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 fev. 1997.

BIBLIOGRAFIA SOBRE DARCY RIBEIRO

ARTIGOS E RESENHAS DE TEXTOS FICCIONAIS E NÃO-FICCIONAIS, PUBLICADOS NO BRASIL

ABREU, Caio Fernando. *O Mulo, sob o peso de Máira. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1981.

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. História irreverente do Brasil. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10 dez. 1986.

ARCELA, Antonio. Livro. *Correio*, Paraíba, 12 mai. 1981.

ARRIUTI, José Maurício Andion. A narrativa do fazimento ou por uma Antropolgia Brasileira. *Novos Estudos* – CEBRAP, São Paulo, n.43, nov. 1995.

ARRUDA, Wanderlino. *O Mulo* de Darcy Ribeiro. *Jornal de Montes Claros*, Montes Claros, 17 jan. 1982.

_____. Poesia no *Mulo* de Darcy Ribeiro. *Jornal de Montes Claros*,

Montes Claros, 18 mai. 1986.

ASSIS, Júlio. Mestre Darcy dá seu Testemunho. *Hoje Em Dia*, Belo Horizonte, 19 abr. 1991.

ATAÍDE, Vicente. Darcy Ribeiro escreve romance. *Voz do Paraná*, Curitiba, 17 a 23 out. 1976.

ATHAYDE, Tristão de. [Alceu de Amoroso Lima]. Um grande livro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro 23 set. 1977.

BACHA, Maria Barjute Simão Assaf. Permanência ou ruptura: a encenação de uma utopia na obra de Darcy Ribeiro. In: CONGRESSO ABRALIC 4, 1994, São Paulo. *Anais*. São Paulo: USP, 1995.

BARBOSA, Denis Borges. Figura forte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro 18 jul. 1981.

BEIRÃO, Nirlando. A opção indígena. *Veja*, São Paulo, 18 dez. 1974.

BEUTENMÜLLER, Alberto. Utopia Selvagem. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 1982.

BRAGA, Sergio. *O Mulo* de Darcy Ribeiro. *Diário Mercantil*, Rio de Janeiro, 3 abr. 1982.

_____. *O Mulo* de Darcy Ribeiro. *Folha Machadense*, Machado - Minas Gerais, 11 dez. 1982.

BRITO, Oswaldo Lopes de. Que mistério tem Maíra? *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, São Paulo, 18 ago. 1978.

CAMBARÁ, Isa. O índio segundo Darcy Ribeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1977. Folhetim.

CAMPOMIZZI FILHO. Maíra. *Folha do povo*, Ubá - Minas Gerais, 13 nov. 1976.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Noções de coisas: o saber com sabor. Presença pedagógica: Dimensão*, Belo Horizonte, mar./abr. 1996.

CASTRO, Moacir Werneck de. De etnólogo a romancista. *Opinião*, São Paulo, 4 fev. 1977.

CASTRO, Moacir Werneck de. Darci Ribeiro de peito aberto pelos sertões. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 ago. 1981.

_____. Confissões de Darcy Ribeiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1997.

CHAVES, Mauro. Megalomania subdesenvolvida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1986.

COELHO, Haydée Ribeiro. O jogo dos sentidos e a memória. In: CONGRESSO ABRALIC 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

_____. Texto e Vida: Antropologia e História. *Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, v.3, out. 1995.

_____. A retórica da morte e sua contrapartida em *Maira* de Darcy Ribeiro e *Concerto carioca de Antonio Callado*. *Boletim do centro de estudos portugueses*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.15, n. 19, jan./dez. 1995.

_____. A produção literária de Darcy Ribeiro. *Presença pedagógica: Dimensão*, Belo Horizonte, mar./abr. 1996.

CRUZ, Gilda Oswaldo. O índio em busca de sua identidade. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 4 set. 1977.

CUNHA, Alécio. *Maira* – Obra-prima de Darcy faz 20 anos. *Hoje Em Dia*, Belo Horizonte, 3 mar. 1996. Suplemento Cultura.

CUNHA, Carlos. *Maira* e a crítica. *O Estado do Maranhão*. São Luís, 5 mar. 1980.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Em março, esta semana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1977.

DUCLÓS, Nei. *Luta corporal*. *Veja*, São Paulo, 20 out. 1976.

- DUCLÓS, Nei. Maíra, o índio visto por dentro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1977.
- FARIAS, Marcílio. Saudades da Utopia perdida: o inventário de Darcy. *José - Jornal da Semana inteira*, Brasília, mai./jun. 1982.
- FIORILLO, Marília Pacheco. Ranço populista. *Veja*, São Paulo, 15 jul. 1981.
- FIÚVES, Antonio. Noções de Darcy ensinam a gostar da vida. *Hoje Em Dia*, Belo Horizonte, 16 set. 1995.
- GARCIA, Luiz. Palmas para o autor, mas devagar com o andor. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1981.
- HECKER FILHO, Paulo. Um mulo pouco mulo. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 abr. 1982. Suplemento de Cultura.
- KONDER, Rodolfo. Mais embaixo, no Equador. *Leia*. Livros, São Paulo, jun. 1982.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Maíra uma aposta no amanhã. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 24 jun. 1977.
- LINDOSO, Felipe J. O dilema da América Latina. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, n.6, dez. 1978.
- LUCAS, Fábio. Memórias contadas ao espelho: Darcy Ribeiro e Autran Dourado. In: CONGRESSO ABRALIC 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG, 1991.
- MARTINS, Wilson. Nostalgia e profetismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 out. 1980.
- MELO JUNIOR, Maurício. Senador escreve para os jovens. *Correio Braziliense*, Brasília, 12 mar. 1995.
- MENEZES, Carlos. *O mulo*, novo romance de Darcy Ribeiro, divide crítica literária. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1981.

- MORAES, Marco Antônio. A nação desconhecida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1978.
- MOREIRA NETO, Carlos Araújo. As muitas lições da floresta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1996.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. *Maíra*. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 26, 1979.
- OLIVEIRA, Franklin de. A esperança crítica. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 mai. 1982.
- PIZA, Daniel. Darcy Ribeiro faz obra-prima para jovens. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 09 mai. 1995.
- PORTELLA, Eduardo. O inventor do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1995. Suplemento Idéias.
- RAMOS, Júlio Cezar Ramalho. Uirá à procura de Deus. *Momento*, João Pessoa, 04 a 10 ago. 1975.
- RAMOS, Maria Luiza. Literatura brasileira em 76. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 3 jan. 1977.
- _____. *Maíra*: leitura-escritura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mar. 1978. Suplemento Cultural.
- _____. *Maíra*: leitura-escritura. In: MENDES, Nancy Maria e CAMPOS, Maria Helena Rabelo (Org). *Ensaios de Semiótica. Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, Belo Horizonte, dez. 1985.
- _____. As escrituras da morte. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, ABRALIC, v.1, 1991.
- RANGEL, Lúcia Helena e ISIQUE, Cláudia. Em busca do herói civilizador. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22. abr. 1978.
- REBELLO, Gilson. *O Mulo*, perfil da aristocracia rural. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jul. 1981.

- REBELLO, Gilson. Uma fábula da utopia brasileira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mai. 1982.
- RIBEIRO, Paulo Sérgio. Nossa inocência perdida. Uma fábula dos horrores da brasilidade. *Isto é*, São Paulo, 19 mai. 1982.
- SÁ, Lúcia Regina de. Lições de escrita. In: CONGRESSO ABRALIC 4, 1994, São Paulo. *Anais*. São Paulo: USP, 1995.
- SANTOS, Livia Ferreira. *O Mulo: uma anatomia do poder*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 21 ago. 1982. Suplemento literário.
- _____. O romance brasileiro dos anos 70. Instituto de Letras, História e Psicologia, Departamento de Literatura. Universidade Estadual Paulista, Assis, 1982.
- SCHÜLER, Donald. Outro herói sem nenhum caráter. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 8 mai. 1982. Suplemento literário.
- SILVA, Deonísio da. *O Mulo: uma concepção leiga do amor, da sexualidade, da propriedade, da morte*. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 16 jan. 1983.
- SILVA, Alberto. Um romancista confessional. *Letras & Artes*, Rio de Janeiro, out./nov. 1989.
- SILVEIRA, Joel. O milagre estético de Darcy Ribeiro. *Leia*. Livros, São Paulo, 15 out. 1978.
- STEPANSKY, Daisy. Darcy cria a fórmula do Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 7 mai. 1995.
- TORRES, Antônio. Vaidade à parte. *Jornal da Tarde*, São Paulo. 9 mar. 1991.
- ZENO, Simm. Literatos brasileiros. Darcy Ribeiro. *Correio de Corumbá*, Corumbá, 27 set. 1976.

ARTIGOS E RESENHAS DE TEXTOS FICCIONAIS E
NÃO-FICCIONAIS PUBLICADOS NO ESTRANGEIRO

- BATALLA, Guilherme Bonfil. Presentación. RIBEIRO, Darcy. *Voz viva de América Latina*, México, Universidade Nacional Autónoma do México, 1978.
- BERMEJO, José María. *Maira*, uma novela de testimonio y de denuncia. *Ya. Diario de Madrid*, Madrid, 20 mar. 1982.
- BUSTAMANTE, Juby. Darcy Ribeiro, Juan Pablo II, Monserrat Caballé, Celibidache, Fellini. *Diario de Madrid*, Madrid, 13 mar. 1982.
- CAMOZZI, Rolando. *El Mulo*. Madrid, AISC, 27 jun. 1987.
- CARELLI, Mário. RIBEIRO, Darcy. *Les livres*, Paris, mar. 1981.
- CHAIX, Jean François. Maira de Darcy Ribeiro. Le roman antigénocidè d'un anthropologue brésilien. *Les Nouvelles Littéraires*, Paris, 11-18 juin 1981.
- CLUNY, Claude Michel. Le soleil, le Brésil, et la lune. *Le quotidien de Paris*, Paris, 17 fev. 1981.
- DESCAMPS, Pierre. *Maira. Femine d'Annonces*. Valenciennes, 21 mar. 1981.
- _____. *Maira. La Gazette de la Region du Nord*, Lille, 17 mar. 1981.
- DIBIE, Pascal. La grand messe de l'ethnologie. *Magazine Littéraire*, Paris, mar. 1981.
- GARCIA, Irineu. Maira, ofício litúrgico de Darcy Ribeiro. *Jornal de Letras*, Lisboa, s/d**
- GARDAIR, Jean Michel. Nos ancêtres les indiens, *Maira* de Darcy Ribeiro. *Combat Socialiste*, 17 mar. 1981.**

** Os textos indicados com ** estão com indicações incompletas. No entanto, preferimos mantê-las por sua importância.

- GENHART, Irene. Nur die Angst Vor den Sterben Vergessen. Darcy Ribeiros Roman *Mulo*. *Luzerner Taclblatt*, Zürich, 5 okt. 1990.
- GENTA, Luciano. Ribeiro dai triste tropici ultima grida degli *indios*. *Tutto libre atualitá*, 2 giu. 1979.**
- GIACOMINI, Silvia. L'uomo serpente ha scritto un romanzo. *La Repubblica*, Roma, 1 giu. 1979.
- GILLES, Edmond. Grandeur et décadence d'une tribu d'Amazonie. A mi roman entre le roman et l'Ethnologie. *Agence Française d'Extraits de Presse*, Paris, 21 avr. 1981.
- GIUDICELLI, Christian. Romans étrangers. *Magazine Lire*. Paris, fev. 1981.
- KIEFFER, Eduardo Gudiño. Un personaje de vida aventurera. *La Nación*, Buenos Aires, 9 ago. 1987.
- LISON, Claudine. Darcy Ribeiro. *Maïra. Manuel du parti socialiste*. Bruxelles, avr. 1981.
- MÉNDEZ, Alberto Díaz. Darcy Ribeiro: notas para una interpretación de su visión americana. *Casa de las Américas*, Cuba, 1975.
- MEUNIER, Jacques. Les indiens sans les blancs. *Le Monde des livres*, Vendredi, Paris, 20 fev. 1981.
- MILLER, Jim. *Newsweek*, Nova York, 26 sep. 1983.
- MOLINA, César Antonio. Contra la esclavitud, *Canubio*, 13 abr. 1987**.
- PEYRE, Frédéric. En direct'Amazonie. *Les Nouvelles Illitéraires*. Paris, 11- 18 juin 1981.
- PRÉVOST, Monique. Fascinants Indiens des deux Amériques. *France-Soir*, Paris, 29 avr. 1981.
- RAILLARD, Alice. Le sentiment d'être indien. *Week-End*. Lettres, Arts, Voyages. Paris, 3 avr. 1981.

RINALDI, Angelo. Ribeiro: pour l'amour des 'sauvages'. *L'Express*, Paris, 31 jan.- 6 fev. 1981.

SCHILLIGER, Pirmin. Die Beichte eines keineswegs reumütigen Totschlägers. *Vaterland, Liechtenstein*, 8 okt. 1990.

VITOUX, Frédéric. La jungle à feu et a sang. *Le Nouvel Observateur*, Paris, 23 mar. 1981.

ARTIGOS DIVERSOS

AMORIM, Lina. Darcy sonha com a aldeia urbana. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jul. 1986.

BRITO, Vera Lúcia Alves. A luta pela LDB e o projeto de Darcy Ribeiro. *Presença Pedagógica*, Dimensão: Belo Horizonte, mar./abr. 1996, v. 2, n.8. p. 18-21.

BUARQUE DE SOUZA, Cristóvam. Palavras do Governador do Distrito Federal. *Carta 14*. Falas, reflexões, memórias. Brasília, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, 1995, n. 1, p.25

CAMPOS, Lauro. "Darcy Ribeiro, o mágico". *Correio Braziliense*, Brasília, n. 9, mar. 1995. p. 15. Suplemento *O fogo cerrado*.

CANDIDO, Antonio. As três bandeiras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1997.

_____. Darcy Ribeiro. Transcrição do Testemunho gravado pelo professor Antonio Candido sobre Darcy Ribeiro. Arquivo da FUNDAR. Artigo que seria publicado em *Carta*.

_____. O mágico de Montes Claros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1995. Suplemento Mais

CASTELLO, José. Paixão esfogueada. *Isto é*. São Paulo, 26 abr. 1995.

CONY, Carlos Heitor. A lição de Darcy. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 fev. 1997.

- FALCÃO, Lorem. Darcy Ribeiro. Paixão pelo Brasil. *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1997.
- FIÚVES, Antonio. Imperador honorário da nova Roma. *Hoje Em Dia*, Belo Horizonte, 26 mai. 1995.
- GASPARI, Elio. A grande arte do pajé Darcy Ribeiro. Um canto de fé no Brasil e na sua gente. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1995.
- GASPARI, Elio. A grande arte do pajé Darcy Ribeiro. Um canto de fé no Brasil e na sua gente. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 abr. 1995.
- JANSEN, Roberta. Darcy Ribeiro supera os limites do tempo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1996. Caderno 2.
- LAPA, J. R. do Amaral. Intelectual à brasileira. *Leia*. Livros, São Paulo, jun. 1970.
- LEVINSOHN, Cláudia Vieira. A faculdade da cidade responde Darcy Ribeiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jun. 1995.
- LYSIAS, Cláudio. Darcy Ribeiro é um pensamento. *Correio Braziliense*, Brasília, n. 9, mar. 1995. p.15. Suplemento *O fogo cerrado*.
- MACHADO, Hélio. Fardão de Darcy. *Jornal de Notícias*, Montes Claros, 4 dez. 1994.
- MARINHO, Julia. O homem que aprendeu a viver. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1996.
- MARTINS, Wilson. A esfinge Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1995.
- _____. Terra de romancistas? *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 dez. 1980.
- MOREIRA LEITE, Paulo. Viver é muito bom. *Veja*, São Paulo, 26 fev. 1997.

- MOURÃO, Gerardo Mello. Darcy Ribeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 fev. 1997.
- NAME, Daniela. O índio Darcy. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1995.
- _____. Darcy celebra sua vitalidade nos 20 anos de *Maira*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1996.
- _____. Peso de gente grande. *O Globo*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1996.
- NEPOMUCENO, Eric. O senador descalço. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, fev. 1997.
- NIEMEYER, Oscar. Darcy Ribeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1995.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. A paixão de um intelectual ator. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1995. Suplemento Mais.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Etnólogo, tinha muitas faces. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 fev. 1997.
- PENA, Felipe. Derrota do mito e falência da identidade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1996. Suplemento Idéias.
- QUEIROZ, Raquel. Louvado para Darcy Ribeiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1995.
- SÁ BARBOSA, Raul de. Darcy jovem. Transcrição do depoimento de Raul de Sá Barbosa sobre Darcy Jovem. Arquivo da FUNDAR. Artigo que seria publicado em *Carta*.
- SCARTEZINI, A. C. Darcy responsabiliza as elites pela crise. *Correio Braziliense*, Brasília, 21 mar. 1991.
- SOUZA, Paulo Renato de. Saudação do Ministro da Educação e do Desporto. *Carta 14*. Falas, reflexões, memórias. Brasília, Gabinete do Senador Darcy Ribeiro, n.1, 1995.
- STYCER, Daniel & COSTA, Octávio. Bravo Darcy. *Isto é*, São Paulo, 18 jan. 1995.

SUCKMAN, Hugo. Darcy quer Maira como um policial pornô-mítico. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1996.

_____. Teórico da nação impura. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1995.

TEREZA, Irany. Darcy Ribeiro comemora mais uma careta para a morte. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1995.

TRIGO, Luciano. O antropólogo da paixão. *O Globo*. Rio de Janeiro, 19 mai. 1995.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. "Antropologia e Alvorada". *Correio Braziliense*. Brasília, n. 9, mar. 1995. p. 13-14. Suplemento *O fogo cerrado*.

VENTURA, Zuenir. "Um bom selvagem". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 out. 1994.

ZAPPA, Regina. Um brasileiro imprescindível. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1997.

CRÔNICAS SOBRE DARCY RIBEIRO

DRUMMOND, Roberto. Nosso irmão de sonho. *Hoje Em Dia*, Belo Horizonte, 21 fev. 1997.

NIEMEYER, Oscar. Meu irmão Darcy. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1997.

QUEIROZ, Rachel de. Nosso jardim de saudades. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1997.

TERENA, Marcos. O pequeno grande homem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1977.

VENTURA, Zuenir. Ei, ei, ei, Darcy é o nosso rei. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 fev. 1997.

LIVROS

FARIA, Lia. *CIEP. A utopia possível*. São Paulo: Livros Tatu, 1991, 124 p.

ARTIGOS DELIVROS

BOSI, Alfredo. *Morte, onde está tua vitória*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Mundos cruzados*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Um livro-testemunho*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

COELHO, Haydée Ribeiro. *Maira: tempo e ritos*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. Representação feminina, travessia e memória. In: FUNCK, Suzana Borneo (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. UFSC. Florianópolis. p. 159-169.

HOUAISS, Antonio. *Maira*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

JUNQUEIRA, Carmem. *Maira*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

MARIA, Luzia de. *O triunfo da vida*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

NETO, J. Maia. *Maité, Maité*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15. ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

RAMOS, Maria Luiza. *As escrituras da morte*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *As escrituras da morte*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 1, Niterói, 1991. p. 117-126.

SPIELMANN, Ellen. Antonio Callado und Darcy Ribeiro. In: _____. *Brasilianische Fiktionen. Gegenwart als Pastiche*. Frankfurt am Main: Vervuert, 1994.

_____. *O antropólogo como escritor*. In: RIBEIRO, Darcy. *Maira: um romance dos índios e da Amazônia*. 15ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO E TESES

ANGULO, Regina Aparecida Cirelli. *Roteiro de Maira*. São José do Rio Preto: UNESP, 1988. (Dissertação de Mestrado).

COELHO, Haydée Ribeiro. *Exumação da memória*. São Paulo: USP, 1989. (Tese de Doutorado em Literatura Comparada).

COSTA, Marly de Abreu. *Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. (Dissertação de Mestrado).

GOMES, Paulo de Tarso. *A Universidade em Sociedades Subdesenvolvidas: um estudo das propostas de Darcy Ribeiro*. Campinas: PUC, 1989.

KLENGEL, Susanne. *Maira als Suche nach Mairañee*. Der Diskurs des Anderen in dem Roman 'Maira' von Darcy Ribeiro. Berlin: Fachbereich Neuere Fremdsprachliche Philologien, Freie Universität Berlin, 1986. (Dissertação de Mestrado).

- MAIA, João Domingues. Carnaval, utopia e paródia em *Utopia Selvagem*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 1985. 140 p. (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, Carlos Alberto Pereira de. *CIEP: Modelos subjacentes de uma Escola que está fazendo Escola*. Rio de Janeiro: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação - UFRJ, 1991. (Dissertação de Mestrado).
- SÁ, Lúcia Regina. *A Literatura entre o Mito e a História: uma leitura de Maíra e Quarup*. São Paulo: DLCV, FFLCH, USP, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- SOARES, Rosângela Justino. *Maíra: a contaminação poética do discurso narrativo*. Florianópolis: UFSC, 1982. (Dissertação de Mestrado).
- SOUZA, Florentina da Silva. *Maíra: a narrativa da esperança perdida*. João Pessoa: UFPB, 1984. (Dissertação de Mestrado).
- ZARVOS, Guilherme. *Darcy Ribeiro. Evolução de uma teoria para a América Latina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1968. (Dissertação de Mestrado).

ENTREVISTAS

- É preciso acabar com o clube dos contemplados. Entrevista concedida a *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 fev. 1964.
- Entrevista concedida a *La Opinión*, Buenos Aires, 1970.**
- Entrevista concedida a *La Opinión* sobre a Universidade e a Revolução social, Buenos Aires, 1973.**
- Darcy concede entrevista sobre os problemas de Crescimento das Universidades. *El Nacional*, Caracas, 1974.**

** Os textos indicados com ** estão com indicações incompletas. No entanto, preferimos mantê-las por sua importância.

- Darcy concede entrevista sobre a Universidade como Problema, *A Capital*, Lisboa, 1974.**
- Darcy concede entrevista sobre as Universidades da América Latina. *Variedades*, Lima. 1975.**
- Darci Ribeiro, El cancer en la basura. Entrevista concedida a João Antonio. *Estampa*, Lima, 24 ago. 1975.
- Há quanto tempo! Entrevista concedida a João Antonio. Publicada em *Panorama*, Londrina - Paraná, 27 mar. 1975. Republicada em *Estampa*, Lima, Peru, 24 ago. 1975.
- Olá, Professor, há quanto tempo! Entrevista concedida ao escritor João Antonio. *Jornal "Ex"*, Rio de Janeiro, 15 out. 1975.
- Darci Ribeiro. Entrevista concedida a Jaguar, Edilson Martins, Felix Athayde, Jeferson Ribeiro de Andrade e Antonio Callado. *Pasquim*, Rio de Janeiro, 1977.**
- O cientista Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Clarice Lispector. *Fatos e fotos*. Rio de Janeiro, 14 mar. 1977.
- O índio segundo Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Isa Cambará. *Folha de S. Paulo*. Folhetim, São Paulo, 24 abr. 1977.
- Educar não é ensinar um cachorro a latir. Entrevista concedida ao *Coojornal*, Porto Alegre, mai. 1977.**
- O ex-ministro de Educação, o indianista, o antropólogo, o exilado, o romancista, o futurista Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Maria da Paz Rodrigues. *Versus*, São Paulo, 11 jun. 1977.
- Brasil, 77. Educação. Entrevista concedida a Danúsia Bárbara. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 jul. 1977.
- A obra dos Villas Boas é um exemplo para o mundo. Entrevista concedida a Irineu Guimarães. *Manchete*, Rio de Janeiro, 24 set. 1977.
- No fundo somos todos índios decadentes. Entrevista concedida a Paulo Moreira Leite. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 1977.

- “Se mudou, mudou para pior”. Entrevista concedida a Emília Silveira. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 02 dez. 1977.
- O que restou do Brasil? Entrevista concedida por Darcy Ribeiro, por Mário Pedrosa e por Ferreira Gullar a Elizabeth de Carvalho. *Isto é*, São Paulo, 25 jan. 1978.
- Lições de Humanismo dos índios do Brasil. Entrevista concedida a *Psicologia Atual*, São Paulo. 1(4), abr. 1978. p. 41-46.
- Darcy Ribeiro critica “Emancipação” do índio. Entrevista concedida a Isa Cambará. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 abr. 1978.
- O fim do índio e de sua memória. Entrevista concedida a Jorge Leão Teixeira. *Visão*, São Paulo, 1 mai. 1978.
- Além da ciência, a caminho da sabedoria. Darcy Ribeiro fala de Maira. Entrevista a Maria Angélica de Carvalho. *O Globo*. Rio de Janeiro, 18 mai. 1978.
- Sábio com medo não presta. Entrevista concedida a Isabel Régis, Sérgio Gomes e Fernando Paiva. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 mai. 1978.
- Nosso xamã, o pagé. Entrevista concedida a *Psicologia Atual*. São Paulo, n. 1, v. 5, jun. 1978.
- Darcy Ribeiro, o sapateiro remendão. Entrevista concedida a *Última Hora*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1978.
- Darcy. Entrevista concedida a Glauber Rocha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 jul. 1978.
- Fala Professor. E Darcy Ribeiro fala de tudo. Entrevista concedida a Jary Cardoso. Folhetim. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1978.
- UnB, 14 anos depois: vetaram a Utopia. Entrevista concedida a *Isto é*, São Paulo, 20 set. 1978.
- Papo torrencial com Darcy. Entrevista concedida ao *Pasquim*, Rio de Janeiro, 1979.**

- Darcy Ribeiro - o papel do intelectual é a renúncia. Entrevista concedida a Ivan Cardoso. *Interview*, 1979.**
- Entrevistam Darcy para uma coletânea. Entrevista concedida a Ferreira Gullar e Frederico Branco. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1979.**
- O papel que eu queria era de revolucionário. Entrevista concedida a Frederico Branco, a Ferreira Gullar e Lourenço Dantas Mota. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo 25 mar. 1979.
- Darcy sobre o preconceito racial no Brasil. Entrevista concedida a *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1980. Folhetim.**
- Estamos todos condenados à democracia. *Jornal da Semana*. Florianópolis, 1980.**
- Falam as oposições. Entrevista concedida ao *Jornal da Semana*. Florianópolis, 22 mar. 1980.
- Avec les indiens d'Amazonie. Entrevista concedida a Clelia Pisa. *La Quinzaine Littéraire*, Paris, 15 fev. 1981.
- En direct' d'Amazonie. Entrevista concedida a Frédéric Peyre. *Lettres étrangères. Les Nouvelles Littéraires*, Paris, 11- 18 juin, 1981.
- "Je me suis mis dans la peau d'Indien" Entrevista concedida a Jean. François Chaix. *Les Nouvelles littéraires*, Paris, 11-18 juin, 1981.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida ao *Coojornal*, Porto Alegre, jul. 1981.**
- A política brasileira sempre foi sacana. Entrevista concedida a Thais de Mendonça. *Coojornal*, Porto Alegre, jul. 1981.**
- O que escreve e pensa Darcy. Entrevista concedida ao repórter José Mário Pereira. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 29 jul. 1981.
- Darcy condena o golpe de 1964 e fala de suas utopias sociais. Entrevista concedida ao *Jornal do Norte*, Montes Claros, 22 jun. 1982.

- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Jaguar, Francisco Paula Freitas, Hugo Carvana, Celso Jupiassu. *Pasquim*, Rio de Janeiro, 29 jul. a 4 ago. 1982.
- Darcy Ribeiro: Sou um intelectual brasileiro atípico. Entrevista concedida a Fernando Assis Pacheco. *Jornal de Letras, artes e idéias*, Rio de Janeiro, n. 39, 17 a 30 ago. 1982.
- Brasil. Entrevista concedida a Hector Escobar. *El Nacional*, Venezuela, 22 nov. 1982.
- Que construyan más ranchos en Rio de Janeiro. Entrevista concedida a José Pulido. *El Nacional*, Venezuela, 14 dic. 1982.
- E foi assim que criei a UNB. Entrevista concedida a Luis Alberto Sanz. *Jornal de Brasília*, Brasília, 19 dez. 1982. Caderno de leituras.
- Estamos vivendo um novo Renascimento. Entrevista concedida a José Mário Pereira. *Diário do Nordeste*, 9 fev. 1983.**
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Maurício Dias. *Status*, mar. 1983.
- Las dictaduras envejecen. Entrevista concedida a Mercedes Sayagues Areco. *Opinar*. Revista Sumario, Montevideu, 10 mar. 1983.
- Me ajudem no que eu quero fazer. Entrevista concedida a Cleusa Maria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1983.
- Valorizar professor é meta do governo do Estado. Entrevista concedida a Nícia Maria. *Globo*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1983.
- Super-Darcy na cabeça. Entrevista concedida a *Isto é*. São Paulo, 30 mar. 1983.
- A democracia cultural de Darcy. Entrevista concedida a Galeno de Freitas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1983.
- Darcy diz tudo sobre a nova política cultural. Entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 mai. 1983.

- Darcy acusa mentalidade escravocrata no Brasil. Entrevista concedida ao *Jornal de Brasília*, Brasília, 8 mai. 1983.
- Meu compromisso é com todos os aspectos da cultura. Darcy Ribeiro, de Iemanjá a Villa Lobos. Entrevista concedida a Fuad Atala, Ana Maria Bahiana e Helena Salem. Texto final de Sônia Coutinho. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 mai. 1983.
- Queremos assumir a pobreza, a morenidade, a feminilidade. Entrevista concedida a Solange Padilha. *Jornal Mulherio*, 24 jun. 1983.**
- Darcy Ribeiro: um homem importante. Entrevista concedida à *Revista de los Estudiantes de Dereicho y C. Sociales*, Uruguay, set, 1983.
- Darcy Ribeiro, a utopia do intelectual indignado. Entrevista concedida a Heloisa Buarque de Holanda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 out. 1983.
- Repensar a cultura, abrindo novos espaços. Entrevista concedida a Beatriz Bissio. *Terceiro Mundo*, nov. 1983.**
- Darcy Ribeiro, o fabricante de sonhos. Entrevista concedida a Mara Caballero. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mai. 1984.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Roberto de las Casas. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24 set. 1984.
- Sou um homem de paixões. Entrevista concedida a Ismael Penalva e Alberto Silva. *Cadernos Rioarte*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1985.
- Darcy Ribeiro: as idéias de um brasileiro genial. Entrevista concedida ao jornal *O Nacional*, Passo Fundo, 29 jul. 1985.
- Darcy um cidadão brasileiro. Entrevista concedida a Rodrigo Browne. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 24 set. 1985.
- Onde a primeira lição é na mesa. Entrevista concedida a Cristina Serra e Virgínia Pinheiro. *Leia*, São Paulo, mar. 1986.
- O Brasil será um país feliz. Entrevista concedida aos repórteres Vander

Prata, Renato Pinheiro e José Barreto. *Jornal da Pituba*, Salvador, 9 a 22 mai. 1986.

- É sério: ele quer parte do Rio morando nas tabas. Entrevista concedida a Ricardo Bruno. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1986.
- Darcy a Tancredo: ô, desgraçado, você nos largou o Sarney na carne. Entrevista concedida ao *Diário de Montes Claros*, Montes Claros, 30 set. 1986.
- Minas pretende criar 1.000 CIEPs para atender a 500 mil crianças. Entrevista concedida a Régis Sanches. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 29 mar. 1987.
- Uma generazione interrotta. Entrevista concedida a Maribel Rotondo Dall'Orso. *Il Corriere della Sera*, Milano, 24 ago. 1987.
- Eu não mereço morrer. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 set. 1988. Suplemento Idéias.
- Trabalho e educação prioridades do PDT. Entrevista concedida a Angela Carrato. *Jornal de Casa*, Belo Horizonte, 22 a 28 out. 1989.
- Idéias na cabeça e CIEPs nas mãos. Entrevista concedida a Carla Zacconi. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 set. 1991.
- Meninos da Zélia repetem Delfim. Entrevista concedida a *Hoje em dia*, Belo Horizonte, 21 mar. 1991.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Ancelmo Góis. *Veja*, São Paulo, 10 abr. 1991.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Augusto Fonseca. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1991.
- Darcy Ribeiro fala da criação do museu do índio e da causa indígena. Entrevista concedida *Museu Vivo*. *Jornal do Museu do Índio*, Rio de Janeiro, n.3, jul./ago./set. 1991.
- Darcy Ribeiro prepara a criação de escola em Campos, no Rio. Entrevista concedida a *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jan 1992.

- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida ao jornal *Abacaxi*. Mensário da comunidade brasileira de Toronto, out. 1992.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Fernando Gabeira. *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 nov. 1992, p.5. Segundo Caderno Cultura.
- Brasil é um fundador da Utopia. Entrevista concedida a Ivana Bentes. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1993, p.5. Caderno Idéias/Livros & Ensaios.
- Uenf levará tecnologia a Campos. Entrevista concedida a Leila Guerreiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1993.
- Darcy defende o domínio do saber moderno. Entrevista concedida a Daniela Schubnel. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1993.
- Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Luís Donisete Benzi Grupioni e Maria Denise Fajardo Pereira. *Cadernos de Campo*. São Paulo, Departamento de Antropologia, USP, n.4, 1994.
- Marcello Mataria o Rio de Tristeza. Entrevista concedida a Mônica Torres Maia. *O Globo*, 11 abr. 1994.
- Darcy Ribeiro defende CIEPs como saída para a educação. Entrevista concedida a Denise Ribeiro. *O fluminense*, 11 jul. 1994.
- Sou melhor em tudo. Entrevista concedida a Elaine Gaglianone. *O dia*. Rio de Janeiro, 17 jul. 1994.
- Darcy diz que Brizola encarna o Getúlio de 1930. Entrevista concedida a Pereira da Silva. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1994.
- Darcy: o andarilho da Educação. Entrevista concedida a Patricia Santiago. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 01 ago. 1994.
- Darcy aposta no horário eleitoral. Entrevista concedida a Claudia Maria. *O Municipal*. Rio de Janeiro, 5 a 11 ago. 1994.
- Para Darcy, mídia brasileira está 'dopada'. Entrevista concedida a Adriana Moreira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1994.

- Nasce em Campos um novo e revolucionário pólo de saber, ciência e tecnologia. Entrevista concedida a Geraldo Lopes. *Manchete*, Rio de Janeiro, 24 set. 1994.
- A Universidade do Terceiro Milênio. Entrevista concedida a *Manchete*. Rio de Janeiro, 24 set. 1994.
- Quero que três mulheres se suicidem quando eu morrer. Entrevista concedida a *Manchete*. Rio de Janeiro, 14 jan. 1995.
- Entrevista concedida a Vera Gertel. *Manchete*, Rio de Janeiro, 14 jan. 1995.
- Entrevista concedida a Altair Thury Filho, *Veja*, São Paulo, 18 jan. 1995.
- Darcy, o brasileiro. Entrevista concedida a Marcos Augusto Gonçalves. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1995. p. 4-6. Suplemento *Mais*.
- Darcy queria ser Ribeiro para ter dinheiro. Entrevista concedida a Marcos Augusto Gonçalves. *Jornal do Norte*, Montes Claros, 8 fev. 1995.
- Um novo gênero de civilização. Entrevista concedida a Elizabeth Orsini. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1995.
- Depoimento de Darcy Ribeiro concedido a Tarlis Batista. *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1995.
- Utopia Brasil. Uma Civilização tropical e mestiça será a nova voz latina no mundo. Entrevista concedida a Revista *Rumos*, Rio de Janeiro, n. 114, jul. 1995.
- Eu sou um come papel. Entrevista concedida a *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 ago. 1995.
- Darcy Ribeiro. Uma Utopia para o Brasil. Entrevista concedida a Roberto Barros de Carvalho. *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 19, set. 1995.
- Darcy, um cidadão brasileiro. Entrevista concedida a Rodrigo Browne.

Gazeta do povo, Curitiba, 24 set. 1995.

- O ano especial do escritor Darcy Ribeiro. Entrevista concedida ao *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 26 out. 1995.
- Darcy desdenha a morte e resuscita índios. Entrevista concedida a Paulo Vasconcellos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 1995.
- Vou revelar as minhas intimidades. Entrevista concedida a Celina Cortês. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1995.
- Darcy Ribeiro, um autêntico brasileiro. Entrevista concedida a Luiza Silveira. *Desfile*, Rio de Janeiro, fev. 1996, n. 316.
- Constituição da educação muda face do país, diz Darcy. Entrevista concedida a Fernando Rossetti. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 fev. 1996.
- Darcy fala de Darcy com muito gosto. Entrevista concedida a Márcio Moreira Alves. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 fev. 1996.
- Livro é “vômito alimentado de sonho e poesia”. Entrevista concedida a Alécio Cunha. *Hoje em dia*. Belo Horizonte, 3 mar. 1996. Suplemento Cultura.
- Velha e sábia serpente. Entrevista concedida a Antônio Machado de Carvalho. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, Dimensão, v. 2, n.8, mar./abr. 1996.
- Darcy, o último imperador do Brasil. Entrevista concedida a Luiz Bello e Macedo Rodrigues. *Ele-Ela*, Rio de Janeiro, n. 322, mai. 1996.
- The prince of fure. Interview with Darcy Ribeiro. Entrevista concedida a Marta Alvim, *Bra^zil*, Los Angeles, n. 128, aug. 1996.
- A maior carta de amor do mundo. Entrevista concedida a Otávio Dias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 1996.
- Darcy, um brasileiro. Entrevista concedida a Regina Zappa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 nov. 1996, Caderno 4.

- Entrevista concedida a Thais de Mendonça. *O Tempo*, Belo Horizonte, 18 fev. 1997. (Publicação pós-mortem do autor).
- O último delírio do tocador de sonhos. Entrevista concedida a Aziz Filho e Cátia Seabra. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 fev. 1997. (Publicação pós-mortem do autor).
- Encontro com a alma brasileira. Entrevista concedida a Elizabeth Carvalho por Glauber Rocha, Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1997. (Publicação pós-mortem do autor).
- Entrevista concedida a Antonio Callado, Antonio Houaiss, Eric Nepomuceno, Ferreira Gullar, Oscar Niemeyer, Zelito Viana e Zuenir Ventura, publicado em livro *Quem é Darcy Ribeiro*. Mestiço que é bom. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

ENTREVISTAS/TV

- Entrevista concedida a CNT, 20 jul. 1994 e veiculado 27 jul. 1994.
- Entrevista concedida ao programa especial da Copa do Mundo, SBT, 17 jul. 1994.
- Entrevista concedida ao Programa Especial da UNESCO sobre Cultura e Educação, TVE, 31 jul. 1994.
- Entrevista concedida a CNT pelos “40 anos da morte de Getúlio”, 23 ago. 1994.
- Entrevista concedida a Angela Leal, Programa de Domingo, Manchete, 2 set. 1994 e veiculado 8 out. 1994.
- Entrevista concedida ao Jornal da Bandeirante, Bandeirantes, 2 set. 1994” e a Rede Brasil, 2 set. 1994.
- Entrevista concedida a MTV/SP. Especial eleições, 22 set. 1994.
- Entrevista concedida ao Programa “Roda Viva”, TV Cultura, São

Paulo, 17 abr. 1995.

- Entrevista concedida a Vânia Crisólia, Jornal Minas, TV-Minas, 26 mai. 1995, por ocasião da entrega na Câmara Municipal do Prêmio Sucesso Mineiro.
- Entrevista concedida ao Programa “Opinião Nacional”, São Paulo, 30 mai. 1995.
- Entrevista concedida a Vivian Meneses, Rede Minas, TV-Minas, 2 jun. 1995.
- Entrevista concedida ao Programa “Vitrine”, Rede Cultura São Paulo, 22 jul. 1995.
- Entrevista concedida a TV Cultura, jul. 1995, reprisado em 21 fev. 1997.
- Entrevista concedida a Roberto D’Ávila, 19 jan. 1997, Rede Manchete e reprisado, 16 fev. 1997.

DARCY RIBEIRO E A CRÍTICA

A CRÍTICA BRASILEIRA: TEXTOS FICCIONAIS E NÃO FICCIONAIS

Ao atingir a sua 5ª edição, *Maira* prova o universalismo do indianismo em nossa raça, como algo vivo que corre em nossas veias. É um livro onde nós brasileiros, latinos, sentimos toda a trapaça e sanguinolência do selvagem processo colonizador que nos levou ao caos étnico, conseqüentemente cultural

ANTONIO ARCELA
(Correio, Paraíba, 12 mai. 1981)

1/ Darcy Ribeiro é um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve. Não apenas pela alta qualidade do seu trabalho e da sua produção de antropólogo, de educador e de escritor, mas também pela incrível capacidade de viver muitas vidas numa só, enquanto a maioria de nós mal consegue viver uma.

ANTONIO CANDIDO
(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1995)

O caso especial de Darcy é que, além de ser um intelectual de muita eminência, um intelectual que construiu uma obra de antropólogo, de educador e de escritor, ele tem uma grande capacidade de ação – essa coisa rara que é a fusão do intelectual e do homem de ação, qualidade que geralmente encontramos dissociados e que nele estão não apenas unidas, mas unidas de uma maneira construtiva, de uma maneira harmoniosa, que lhe permite servir ao seu país com uma amplitude e uma intensidade de que temos poucos exemplos na nossa história mental e na nossa história política.

ANTONIO CANDIDO
(Depoimento sobre Darcy Ribeiro)

E o que é o amor puro?

- Um amor realizado na vigência do desejo recíproco. Eu diria até na fórmula apresentada por um dos mais deliciosos romances aparecidos modernamente no Brasil e que é *Maira* de Darcy Ribeiro

ANTONIO HOUAISS
(Jornal do Brasil, 1976)

Há quem o ame – e muito. E há quem o deteste, muitíssimo, à esquerda e à direita. O sindicato da mediocridade, então... esse, definitivamente, não o perdoa. Quer dizer: diante dele indiferentes não há. Como o *Brás Cubas* de Machado de Assis, ele paira entre o amor e

o ódio dos graves e a simpatia dos frívolos. O escritor João Antônio já o definiu assim - “Lépidio, miúdo, baixinho, rosto escanhado, olhos firmes, vivos, alegria das pessoas dinâmicas, coisas que não tenho.” Seu entusiasmo, sua loquacidade e o despudor com que fala de si mesmo levam a gente a lembrar a frase com que o peso pesado das letras americanas Norman Mailer iniciou um texto sobre Cassius Clay, ou Muhammad Ali: - “Se há uma palavra neste século que adquiriu o seu verdadeiro sentido, essa palavra é *ego*. Estamos falando de um prolífico autor brasileiro que deu a um de seus livros o título de *Migo*. Com vocês, o professor, antropólogo, romancista, ensaísta, ex-ministro, ex-exilado, ex-canceroso e atualmente senador da República pelo Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro.

Gostemos dele ou não, temos que admitir: enquanto a caravana passa, o homem produz. Sua bibliografia, aliás, é de matar de inveja os escritores bissextos: mais de vinte títulos publicados, entre romances, ensaios e estudos. E agora mesmo, mal termina a sua campanha para senador, ele está mandando para as livrarias, via Edições Siciliano, um relato minucioso e divertido de suas vivências, a que denominou de *Testemunho*. Lá está o Darcy Ribeiro de corte machadiano, divertido, irônico, capaz de rir de si mesmo, da sua imodéstia, ao confessar que algum antibloqueio atou sua timidez, permitindo-lhe uma conduta exibida, como mecanismo de compensação para a sua insegurança. “Como se vê, preciso é de um analista, para ser modesto, triste e infeliz como corresponde. Se possível tirando da tristeza o gosto mineiro de sofrer, com que tantos tanto se regalam.

(...) Darcy Ribeiro tem grande parte de sua obra traduzida, lida e admirada em muitos países do mundo. É um dos poucos brasileiros *brasileiríssimo* e internacional, como se pode perceber neste seu *Testemunho*, no qual se revela vaidoso assumido, a desarmar, de cara, os que o consideram um megalômano incorrigível: - Por que necessito falar tanto de mim mesmo?

ANTÔNIO TORRES

(Jornal da Tarde. Vaidade à parte, 9 mar. 1991)

Falar em índio, grande livro, este,
novinho, de Darcy Ribeiro. Leste?
Uma serena avaliação de dados
a serem fundamentalmente meditados

enquanto não se extingue a velha raça
de teto errante e de ventura escassa.
Já não mais tranço as rimas, e daí?
Pareilhas são, mas contam o que li,

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
(Jornal do Brasil, 1977)

Darcy Ribeiro se impõe como romancista pela amplitude e
a profundidade com que penetra na substância ficcional.

DONALD SCHÜLER
(Minas Gerais - Suplemento Literário, 8 mai. 1982).

Em *O povo brasileiro*, a fluência narrativa com que as
situações se encadeiam nos propicia a descrição precisa e sentida do
desenrolar sinuoso da corrida de obstáculos, do infundável acerto de
contas que, ainda hoje, interdita o trânsito, paralisa a circulação cidadã.

A qualidade do texto, nesta obra, se une e facilita a vida
do trabalho crítico deliberadamente enraizado. O enraizado aqui tem o
uso específico, que lhe confere o próprio Darcy, sempre e sobretudo
quando se abre para a ambicionada "nova romanidade". Mesmo fazendo
ficção, em *Maira* ou em *Migo* por exemplo, o escritor interpela, pergunta
incessantemente pela nossa gente, sua identidade e sua diferença. E
ninguém como ele conseguiu transformar, sob os auspícios da linguagem,
a esperança em realidade - descobrindo Brasis, inventando mundos.

EDUARDO PORTELLA
(Jornal do Brasil, 22 abr. 1995)

Migo é uma fantasia confessional em que o romancista ombina o lado nostálgico com o depoimento acerca de escritores e políticos que compõem o clima de época que o influenciou.

FÁBIO LUCAS

(Anais da Abralic, 8 a 10 ago. 1990)

Utopia Selvagem não idealiza, como o faz toda a literatura utópica moderna, a partir de Morus e Campanella. O livro de Darcy toma outra direção: a das utopias críticas. Utopia, no sentido clássico, tinham também os nossos índios. A Yvy-Marah-Ey (Terra Sem Males), dos Tupi-Guarani, elemento genuíno de sua cultura, mais do que um mito - assim a refinem os etnólogos - é uma construção utópica. E é assim que a considera Darcy Ribeiro, que vê inclusive na expressão guarani do Éden indígena a origem do nome Maranhão. Mas, também ela é uma utopia selvagem vista pelo seu contraposto.

Inserida na categoria das utopias críticas, da qual nos fala Jean Christian Petifils, *Utopia Selvagem* coloca em tela todos os grandes temas do utopismo contemporâneo: a sociedade libertária, o ser-um-com-o-outro, a fraternidade nas relações humanas, a despoloetarização dos povos periféricos, a plenitude da pessoa humana. Mas temos apresentados pelo seu contraste, ou seja: pela degradação dos valores e idéias, o aviltamento promovido pela civilização capitalista. Neste sentido, *Utopia Selvagem* é uma antiutopia.

FRANKLIN DE OLIVEIRA

(A esperança crítica, Folha de S. Paulo, 2 mai. 1982)

Mas, notadas essas divergências entre o autor do livro brasileiro agora editado de modo consagrador por editora venezuelana e o prefaciador também brasileiro, embora há anos residente em Caracas, dessa edição, seja permitido ao autor desde já proclamar: nunca ninguém prefaciou, no Brasil ou fora dele, o livro *Casa-Grande & Senzala* com tão aguda inteligência e tão abrangente sensibilidade.

GILBERTO FREYRE

(Um livro brasileiro reeditado em espanhol)

O livro é um réquiem para uma nação de índios do Brasil Central, em contato com os brancos. *Maíra* deverá ser disputado para traduções no exterior. Suas qualidades literárias lhe garantem um público numeroso.

GILDA OSWALDO CRUZ

(Última Hora, 04 set 1977)

A nosso ver o pensamento de Darcy Ribeiro na série *A Antropologia da Civilização* mantém-se, após 20 anos de sua formulação, como um conjunto de explanações históricas e de formulações políticas da maior importância e atualidade.

GUILHERME ZARVOS

(Dissertação de Mestrado, 1989)

Como nos rituais, *Maíra* trata da morte, mas busca igualmente recuperar a vida. Enquanto Anacã constitui a imagem da morte – mas ao mesmo tempo simboliza a memória a ser conservada na tribo –, no romance, a morte de Alma, de Isaías, a do povo mairum e a do próprio Anacã configuram-se como matéria de lembrança a ser conservada, a ser resgatada.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

(Tese de Doutorado, 1989)

O povo brasileiro mantém a posição de uma Antropologia crítica que estuda o Brasil para transformá-lo. Na explicitação de nossa identidade e de nossa alteridade, o livro torna-se mais uma referência obrigatória, impulsionando a leitura crítica do Brasil, do processo de formação do seu povo, dos vários textos ensaísticos de que se valeu Darcy Ribeiro, incluindo aqui sua obra antropológica e até mesmo *O povo brasileiro*.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

(Revista de Estudos de Literatura, 1995)

Sua obra literária acaba por resgatar essa variedade de saberes e fazeres. (...) Enfim, a obra de Darcy Ribeiro marca a presença na literatura brasileira como uma complexa articulação de nossas diferentes vozes culturais, em que se destacam a lucidez e a irreverência.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

(Revista pedagógica, 1996)

O livro de Darcy Ribeiro, *Utopia Selvagem*, apresenta (...) características que o incluem entre os herdeiros da sátira menipéica, e não é produto apenas da criatividade do autor, mas também da soma de leituras que aparecem no decorrer da narrativa.

Tendo como pano de fundo o enredo carnavalizado, aproveita-se o narrador para, ensaisticamente, fazer uma retrospectiva de aspectos históricos ligados ao Brasil, sobretudo da visão de um paraíso edênico que acaba corrompido pelo civilizado. O clímax dessa corrupção seria Próspero, metonímia do capitalismo das multinacionais.

JOÃO DOMINGUES MAIA

(Dissertação de Mestrado, set. 1985)

À proporção que lia *Maíra*, o romance de Darcy Ribeiro, eu ia assinalando trechos que poderiam constar de qualquer antologia

de boa prosa. Mas esse trabalho acabou se revelando inviável pois, na verdade, todo o livro é bem escrito, da primeira à última página. (...) Sua prosa é só música, não é só instrumentação, precisa, camerística, coral e sinfônica. É também pintura.

JOEL SILVEIRA
(Leia. Livros, 15 out. 1978)

O livro de Darcy Ribeiro é uma grande lição de Antropologia. Um fascinante romance. Uma narrativa poética, vibrantemente inteligente.

JOSE OLYMPIO DA ROCHA
(A Tarde, 17 jun. 1978)

Apocalíptico, o romance é imensamente triste. Mas, do fundo da amargura, brota volta e meia uma risada Mairum, apostando na vida que renasce a cada manhã.

LIGIA CHIAPPINI MORAES LEITE
(Gazeta Mercantil, 24 jun. 1977)

Em *Maira*, já acontece um estilhamento do ponto de vista. O próprio Isaias, personagem central, perde consistência, porque cindido entre dois ou mais papéis: é índio, é missionário, e não sendo nem uma nem outra coisa, às vezes é o próprio antropólogo. Este, por sua vez, freqüentemente desveste o disfarce e se apresenta inesperadamente sem máscaras, a nos contar sua vida entre os índios.

Talvez essa diferença entre a perspectiva estilhada de *Maira* e a perspectiva centralizada de *Quarup* se deva justamente à perda das ilusões, na passagem de 60 a 70.

LIGIA CHIAPPINI MORAES LEITE
(A Expedição Montaigne e outras, 1982)

Creio que o organizador da ficção, em *O Mulo*, produção romanesca de 1981, manifesta nesse livro, entre outras intenções estéticas, a determinação de trazer à tona o lastimoso espetáculo de uma mentalidade primária - a do fazendeiro inculto e poderoso, dono de terras e pessoas, nos ermos do país.(...)

A técnica demonstra, por sua própria existência, a intenção estética do autor: a de englobar, num projeto único, o fazer literário, artístico, e a mirada crítica de um fato social brasileiro.

LÍVIA FERREIRA SANTOS
(Suplemento Literário Minas Gerais, set. 1982.)

O que a lição de escrita de Darcy Ribeiro talvez possa ensinar ao narrador de *Los Pasos perdidos* é o fecundo contato com o texto, num sentido amplo, indígena. Por seu poder subversivo em relação à visão de mundo européia, as culturas americanas já ajudaram a produzir grandes obras literárias, como *Macunaima*, *Hombres de Maiz*, *Los Ríos profundos*, para citar apenas algumas. Reconhecendo o valor estético (além, evidentemente, do antropológico, social, etc) do texto indígena, talvez nós, críticos literários, possamos aprender também com eles uma lição de leitura, que poderá ampliar nossos horizontes para além do sempre limitado eurocentrismo.

LÚCIA REGINA DE SÁ
(Lições de escrita)

MAÍRA: é antes de tudo um romance que tem o que dizer. E muito. Esse já é um dado significativo, depois de tanta elocubração mental que se alastrou pelas livrarias. Contrapontando dialeticamente o contexto indígena e o contexto civilizado, o romance tem na morte o seu motivo principal, donde ter o autor se valido da missa, símbolo do sacrifício, como sustentação de sua narrativa, o que, em outras proporções, tem sido experimentado na música.

MARIA LUIZA RAMOS
(Estado de Minas, 3 jan. 1977)

Darcy Ribeiro, grande conhecedor dos indígenas brasileiros, toma, pois, a aldeia mairum como símbolo metonímico do Terceiro Mundo, colocando ainda em evidência a dramática posição do intelectual no contexto das minorias subdesenvolvidas.

Mas, apesar do realismo com que se apresentam no romance as contradições sociais, não se pode dizer que *Maira* seja um romance realista, em razão, sobretudo, da paixão que o alimenta.

A amarga revolta, que preside à narrativa sob a forma de humor, trai o niilismo do enunciado, afirmando-se como um subversivo significante da enunciação.

MARIA LUIZA RAMOS

(Suplemento Cultural, O Estado de S. Paulo, 1978)

O romance de Darcy Ribeiro foi recebido num ambiente de estranha indiferença. Salvo uma ou duas resenhas, não houve comentarista de livros que identificasse na safra de 1976 o vigor, o nível, a originalidade de uma obra que, provavelmente, marcará a segunda metade do século XX na literatura brasileira assim como *Macunaima*, de Mário de Andrade, marcou a primeira metade. Não tendo obrigação de escrever sobre a produção literária corrente, fiquei na expectativa de que algum crítico soltasse gostosamente o grito da descoberta. Mas em vão. O lançamento de *Maira* passou praticamente em brancas nuvens.

MOACIR WERNECK DE CASTRO

(Opinião, 4 fev. 1977)

Apesar da crítica contundente, Darcy Ribeiro não cai apenas num necrológico. Para ele, o que realmente importa não é a morte dos mairuns, já condenados às doenças da civilização e aos limites da sua aldeia, por sinal muito mal cuidada por um homem da FUNAI. Importante seria a luz que essa tragédia revela - os índios dão uma chave para a salvação, que é a convivência com a natureza. Pois, na verdade, é o mundo destruído (simbolizado por Alma) que procura auxílio

indígena, querendo entender a fórmula de viver feliz. E este livro excepcional de Darcy Ribeiro oferece uma maneira de se entender tal fórmula, tão simples quanto difícilíssima, de alcançar.

NEI DUCLÓS
(Veja, 20 out. 1976)

Uma deleitável surpresa esse reencontro com o Brasil, previamente poetizado por um homem encharcado de nossas vivências, com um poder invulgar de captar em suas matrizes nossas emoções arcaicas, nossa transconsciência arquetípica. E que belo ritmo narrativo preside ao desdobrar da estória - das estórias produzindo, não raro, um efeito quase hipnótico, des (ego)centrador! Há algo assim de um impulso de rolo d'água, tenaz e persuasivo, a nos desasfaltar, a nos desculturar até lograr (por baixo de nossa vigilância - vigília - racional) o descortino de um *brave new world* substituindo uma visão gasta que, não obstante, é o nosso banalíssimo Brasil. De um momento para outro você se sente dotado de uma ótica inaugural, inocente, pré-capitalista (e desejavelmente anticapitalista).

OSWALDINO MARQUES

O grotesco é o território em que Darcy Ribeiro se movimenta à vontade [em *Utopia...*] para rir e fazer rir. Mais do que fazer ficção, parece ter sido objeto do autor divertir-se escancaradamente com os desencontros e desconsertos de seu país, como o demonstra a frenética apoteose de sensualidade e loucura da cena final.

REYNALDO VALINHO ALVAREZ
(Última Hora, 10 dez. 1986)

Darcy Ribeiro não é apenas um etnólogo mundialmente respeitado - o que já não seria pouco, principalmente por se tratar de um cientista brasileiro. Ele também é um educador de projeção internacional, que conhece como pouca gente os problemas da universidade, neste

país favelado. Mais do que isso, Darcy é um excelente ensaísta, justamente comparado ao mestre mexicano Octavio Paz pelo jornalista e professor Paulo Sérgio Pinheiro. Mais ainda: é um líder político hábil, hoje na direção nacional do PDT. E, não obstante tantas atividades bem sucedidas e absorventes, revelou-se ficcionista de primeiro time - fato confirmado agora com a publicação de *Utopia Selvagem*.

RODOLFO KONDER

(*Mais embaixo, no Equador*, Leia. Livros, jun. 1982)

A ambigüidade, característica da obra poética, revela-se em *Maira* como elemento estruturador do processo narrativo, visto que se instaura a partir das determinações essenciais da totalidade de vida (no sentido lukaacsiano) recriada pelo ficcionista. Isto é, a realidade indígena, elemento central do plano diegético, e visceralmente ambígua, é refletida como tal ao ser plasmada artisticamente.

ROSÂNGELA JUSTINO SOARES

(Dissertação de Mestrado, 1982)

Darcy Ribeiro, não é só a revelação de um grande romancista, mas a da natural continuidade entre as origens de nossa civilização, no século XVI e os problemas dessa mesma civilização na aurora do século XXI. (...) Darcy Ribeiro representa nesse momento o que há ao mesmo tempo de mais puramente científico e de mais qualificadamente estético nessa triplíce batalha do conhecimento, da ação e da expressão artística, conseguindo, em *Maira*, consubstancial o realismo indianista em uma obra que é certamente singular e pioneira(...). Conseguiu, partindo de uma vivência totalmente veraz dos costumes, da linguagem, da realidade indígena, sem o menor sinal de idealismo romântico, mas ao mesmo tempo sem nenhuma preocupação de exotismo regionalista ou de sertanismo socialista, realizar esse milagre estético com que Darcy Ribeiro se consagra como o primeiro dos nossos grandes cientistas sociais e conseguir ser, igualmente, um de nossos maiores romancistas.

TRISTÃO DE ATHAYDE

(Jornal do Brasil, 23 set, 1977)

A produção e publicação de um romance como esse, agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções, filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão, canções, estejam sendo feitos, todos, sobre os índios, todos lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando se desconfia tanto da pulsão destrutiva da civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa.

*WALNICE NOGUEIRA GALVÃO,
(Gatos de outros sacos, 1981)*

A CRÍTICA ESTRANGEIRA EM GERAL

Maira is a moving and passionate novel, simultaneously detective story, romance, anthropological analysis and lament for a vanishing race. The hero of Ribeiro's book is Ava, a young Amazonian Indian converted to Christianity but driven by tribal memories back to his people. He is accompanied by Alma, a white girl who comes to start life as a missionary but ends by joining his tribe. Each is a poignant misfit, uneasily straddling opposed cultures. Ribeiro writes tellingly about the gulf between "developed" and "innocent" societies which culminates in the novel's mysterious tragedy. The result is memorable and unique, like reading *A Passage to India* and Claude Levi-Strauss at the same time.

*ANDREW GRAHAM-DIXON
(Sunday Times, 7 July 1985, Londres)*

Si vous voulez connaître l'histoire des Indiens Mairuns (en Amazonie), les mystères de leur religion, leurs moeurs, il faut lire cet ouvrage dont l'auteur est anthropologue, ancien ministre, et fut exilé du Brésil durant une dizaine d'années.

CHRISTIAN GIUDICELLI
(Magazine Lire, fev. 1981).

L'homme politique et l'homme de science ont compris la leçon des jumeaux célestes: ils se sont faits poète pour écrire ce livre surprenant de connaissance, de lyrisme, de lucidité sarcastique et de tendresse. Roman du ciel indien, où le mythe rencontre le quotidien, et la minable administration des mystères qui la dépassent.

CLAUDE MICHEL CLUNY.
(Le quotidien de Paris, fev. 1981).

Diesen Bruch hat der Schriftsteller Ribeiro sichtbar gemacht. Ungeheuerlich wird da das Ringen der Seele mit den Tatbeständen des gelebten Lebens. Hinter allen Schandtaten taucht da - Verdienst des Schriftstellers - immer wieder der kleine Mann auf, der Mensch. Dem Leser, vom Autor geschickt in die Position eines fiktiven Beichtvaters gedrängt, bleibt vor so viel Ehrlichkeit nichts als der Sündenerlass und die Faszination, als stiller Voyeur einem Stück grossartiger Literatur begegnet zu sein.

IRENE GENHART
(Luzerner Tagblatt, 5 out. 1990).

Maira ultrapassa nas suas mensagens. O capítulo "Kyrie" é uma admirável autocrítica de dois velhos sacerdotes no crepúsculo da vida. Uma página digna de ser lida e relida, sobretudo pelos donos da verdade, estejam onde estiverem. *Maira* é um livro que ficará. Pleno de brasilidade e de humanismo. É um ofício litúrgico com todos os componentes da vida e da morte.

IRINEU GARCIA
(Jornal de Letras, Lisboa).

Maira s'ouvre sur une triple mort et l'enquête qui s'ensuit sert de fil conducteur, mais ce n'est pas un roman policier. Et si la table des chapitres prend volontiers les allures d'une liturgie ou d'une parabole, ce n'est pas pour autant un missel (...). *Maira* est un vrai roman d'ethnologie, plein des fausses pistes et de contre-chant. Une fiction habile et accueillante. Polyphonique.

JACQUES MEUNIER
(Le Monde, 20 fev. 1981).

Bien plus, dans le sillage du Levi-Strauss de *Tristes tropiques*, Darcy Ribeiro y esquisse une sorte de psychanalyse généralisée de tous les fantasmes 'amazoniens' de la culture occidentale, qu'ils soient ethnologiques ou religieux, ou simplement existentiels.

JEAN MICHEL GARDAIR
(Combat Socialiste, 17 mar. 1981)

Maira offers not only a compelling picture of an Indian tribe's way of life, but also a fascinating allegory of Christianity, capitalism and the contradictions of cultural pluralism.

JIM MILLER
(Newsweek, sept. 26 1983)

Maïra, ha despertado un grand intérêt en psicoanalistas, antropólogos, misioneros, etnólogos y escritores, y es texto oficial para los cursos posgraduados o agregados de literatura hispanoamericana en la Sorbona, de Paris.

JOSÉ MARÍA BERMEJO
(Ya. Diario de Madrid, 20 mar. 1982)

Darcy Ribeiro nous fait vivre son agonie dans un text intense, lyrique et profondément convainquant. Ce livre de toute première importance est au programme de l'Agrégation de portugais cette année.

MÁRIO CARELLI
(Les livres, 1981)

Maïra de Darcy Ribeiro est un roman-poème, chant d'amour fou, lyrique, étrange d'une civilisation agonisante dans l'insondable forêt amazonienne(...). Un roman-verité qui envoûte, surprend et dépayse.

MONIQUE PRÉVOST
(France-Soir, 24 apr. 1981)

Maïra, merveilleusement traduit du portugais, est une sorte d'ethnologie narrative que démontre et démonte les mécanismos insidieux de l'ethnocide.

PASCAL DIBIE
(Magazine littéraire, mar. 1981)

Voici un livre unique, car il donne à entendre, comme en direct, la voix des indiens d'Amazonie, le cri d'une civilisation agonisant faute de pouvoir s'adapter aux normes technologiques de notre société.

PIERRE DESCAMPS

(Femine D'Annonces, Valsnciennes, 21, mars 1981)

Was den *Lesegenuss* noch steigert, ist die jederzeit souveräne Sprache, die vom seltsam spröden, fast sakral klingenden Ton der Gewissenserforschung über gestisch beschwörende Rechtfertigungen in lebenspralle und deftige Schilderungen wechselt. Ribeiro porträtiert hier mit Oberst Philogonio de Castro Mayo in meisterhafter Weise einen Vertreter jenes südamerikanischen Machismus, der bis heute das Schicksal, des Kontinentes politisch und sozial entscheidend beherrscht.

PIRMIN SCHILLIGER

(Vaterland, 8 oct 1990)

Die indianische Frage, die in *Maira* literarisch in Szene gesetzt wird, ist von hoher gesellschaftlicher und moralischer Bedeutung, weil sie im Bewusstsein der nationalen brasilianischen Gesellschaft ein jahrhundertealtes, noch immer ungelöstes Problem darstellt. Seit der Zeit der Entdeckung sehen sich die indianischen Gesellschaften Amerikas ständig bedroht von gewaltsamer Ausrottung ihrer Stämme, von eingeschleppten Krankheiten und dem Verfall der eigenen Kultur im Kontakt mit der Zivilisation. Darcy Ribeiro entwirft daher seinen Roman *Maira* in Form einer Totenmesse, er inszeniert die dem Untergang preisgegebene indianische Welt bewußt in einem formal abendländisch-sakralen Raum, dessen liturgische Bestandteile er jedoch jeweils in das Gegenteil verkehrt.

SUSANNE KLENGEL

(Dissertação de Mestrado, 1986)

SOBRE MAÍRA: A EDIÇÃO CRÍTICA

Contraopondo a vida selvagem ao vazio existencial do homem civilizado, Darcy é um ficcionista-antropólogo que lembra o avatar de todos os críticos da cultura, Rousseau. Mas no antropólogo brasileiro a nota de melancolia é mais pungente e beira o sentimento trágico de uma consciência histórica que Rousseau não pôde conhecer. A nação dos Mairuns está condenada a desaparecer ou, pior, a integrar-se. O seu encontro com o “mundo caraíba” lhe foi funesto. Ela morrerá no dia em que o seu deus Maíra, não mais chamado nem ouvido, abandonar o seu povo.

ALFREDO BOSI
(*Morte, onde está tua vitória.*)

Maíra foi produzido por um homem que conhece a fundo a sociedade do índio e a sociedade do branco, que sabe qual é o resultado catastrófico do seu encontro, mas que supera a tentação de mostrar a este como espetáculo, porque o seu alvo é uma visão em profundidade. Esta assegura o poder de convicção do livro e é devida não apenas ao saber etnológico, mas também à técnica narrativa, escolhida e praticada com firme discernimento.

ANTONIO CANDIDO
(*Mundos Cruzados*)

Essa defesa da Vida-Maíra-Deus-Mairum é de incomparável beleza, pela revivescência dos mairuns e seu etos, pela ciência e consciência desse etos, pelo senhorio das falas que fazem de *Maíra* um poema sem-par.

ANTONIO HOUAISS
(*Maíra*)

Maira é a grande interpretação do mundo indígena brasileiro, que minha geração e a de Darcy Ribeiro conheceram. Existirá melhor antropologia?

CARMEM JUNQUEIRA
(*Maira*)

Darcy reagiu à crise da “autoridade etnográfica” ao “abrir um espaço possível para a voz dos subalternos dentro de um movimento de de-centralização aos níveis geográfico, lingüístico e histórico. O romance de Darcy vai além da denúncia e da revelação ético-sociológicas ao apresentar a antropologia em sua rigorosa separação dos objetos de análise e a ciência em sua divisão esquemática entre vida e literatura. Ele resolve ser antropólogo/escritor e narrar de forma nova a História (as estórias) das transições entre o “estar aqui” e “estar lá”, entre o “perguntador” e o “perguntado”, no âmbito de contra-ensaios etnotextuais.

ELLEN SPIELMANN
(*O antropólogo como escritor*)

O relacionamento entre o tempo, os ritos e o romance mostra que *Maira*, ao evidenciar como os mairuns recuperam sua memória, também realiza esse processo desde o início do romance. Além da narração dos ritos, que resgata a memória dos mairuns, há uma narrativa de busca, que se associa aos ritos e aos mitos. Em contrapartida a essa narrativa, está aquela que inclui a busca de Nonato e outras histórias.

Pela narração simultânea das várias histórias de *Maira*, os gestos das personagens que narram a morte assim como os das que narram a vida são reconstituídos. Recuperar a vida em movimento é o grande desafio de *Maira*.

A reconstrução da memória como tema continuará perseguindo o autor e os leitores de suas obras, como em *Migo* e *O povo*

brasileiro. O anúncio dos diários índios, por parte do escritor, revela-nos que a memória impulsiona a vida e a escrita.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO
(*Maira: Tempo e Ritos*)

Por isto, no romance *Maira* há mais do que a presença invisível do autor “como Deus na criação” que Flaubert recomenda; ao lado do autor romancista está o cientista com seu caderno de notas. Assim, ao lado do prazer de ler um belo romance temos o não menor de receber amena lição de antropologia que nos leva a melhor conhecer o irmão silvícola, seu mundo, sua teogonia, sua teologia, sua cosmovisão.

J. MAIA NETO
(*Maité, Maité*)

Aprendi, neste percurso, “que a verdade não está num só lugar. E não é uma coisa única. Ela está em toda parte, é múltipla, dispersa e contraditória”. E se muito me alonguei, é porque aprendi também, nessa cosmovisão índia, que “coisa bonita se faz sem pressa, devagar”. Com gozo.

LUZIA DE MARIA
(*O triunfo da vida*)

Criticando o logocentrismo em favor de outras formas de escritura, Derrida reconhece a validade de atividades sociais, como dentre outras o artesanato, no registro do processo cultural. Fala ainda de uma “escritura natural”, relativa à voz e ao sopro, à *inspiração*, cuja natureza “não é gramatológica, mas pneumatológica. É hierática”.

Sua formação, entretanto, ou sua imaginação, não foi bastante para pensar o que talvez se possa chamar de *pneumatografia*, tal como a encontramos entre os índios Mairuns. Esse registro da morte, ao mesmo tempo simbólico e material, cultural e natural, concernente

tanto à função paterna quanto à função materna, apresenta-se, pois, como uma forma *sui generis* de inscrição na memória coletiva.

Se a “bela morte” dos gregos se dá na dimensão da semiótica literária, e a morte grandiosa dos mesopotâmios através da semiótica dos objetos, vemos que vão convergir para a semiótica química tanto a sagrada morte do asceta hindu, consumido pelo seu próprio fogo interior, quanto a morte bela do chefe indígena, tornado alimento do seu povo. Ambas traduzem a forma mais natural e primitiva de comunicação. E ambas se caracterizam pelo desapego e pelo amor.

MARIA LUIZA RAMOS
(*As Escrituras da Morte*)

Me alegro reiterar o que escrevi sobre esse livro, que, sendo essencialmente trágico pelo tema – a agonia de um estilo de viver, de uma cultura –, está penetrado, como acentuei, “de malícia, de facécia, de gaiatice índias”. Outros o analisaram e comentaram depois, melhor que eu. Mas me desvanece ter podido fazer sobre esse livro uma apreciação pioneira (...)

MOACIR WERNECK DE CASTRO
(*Um livro-testemunho*)

OLEGADO DO ANTROPÓLOGO, DO EDUCADOR, DO ESCRITOR E DO HOMEM PÚBLICO

Considero Darcy Ribeiro a inteligência do Terceiro Mundo mais autônoma de que tenho conhecimento. Nunca lhe senti nada da clássica subordinação mental de subdesenvolvimento.

ANÍSIO TEXEIRA
(*Testemunho*)

Esse grande intelectual, que era também escritor de qualidade, nunca teve medo de proclamar o seu sentimento patriótico,

como se quisesse dar dignidade renovada a posições comprometidas pela exploração das ideologias oficiais. Mesmo porque o seu realismo desmascarador e a sua veemente capacidade de denúncia não o levavam ao desalento; combinavam-se com um optimismo extraordinário, que procurava enxergar para lá da camada negativa.

ANTONIO CANDIDO

(Folha de S. Paulo, 2 mar. 1997)

Darcy Ribeiro foi uma das pessoas mais inteligentes que já nasceram abaixo da linha do Equador. Era de uma inventividade imensa e em tudo que fazia punha a mesma paixão que tinha pela vida. Acho que a bruxa está sendo muito inclemente com a cultura brasileira. Primeiro foi Enio Silveira, depois Callado e agora o Darcy. Com eles três lá em cima, Deus que se cuide.

DIAS GOMES

(O Tempo, 18 fev. 1997)

Darcy Ribeiro é dos raros espíritos capazes de transitar entre a arte e a ciência sem decair em nenhuma delas. Foi inovador na interpretação do Brasil no livro *Teoria do Brasil*, e da América na obra *As Américas e a Civilização*. Na suas atividades ciclópicas inclui, além das contribuições ao problema do ensino no Brasil, a edição da revista *Carta* que ele organizou enquanto senador. Como bom antropólogo, ele soube discriminar perfeitamente a descontinuidade cultural que caracteriza cada segmento da América.

FÁBIO LUCAS

(O Tempo, 18 fev. 1997)

Ele vai fazer muita falta: a Minas, ao Brasil, aos seus amigos. Foi um exemplo de dignidade, inteligência e ação.

FRANCISCO IGLÉSIAS

(O Tempo, 18 fev. 1997)

Ousadia e irreverência foram as ferramentas de trabalho de Darcy Ribeiro para conseguir realizar o sonho obstinado de criar uma universidade inovadora para a nova Capital. Em 1958, o passo inaugural é o convite recebido de Victor Nunes Leal e a indicação de Cyro dos Anjos para elaborar o anteprojeto de uma Universidade. O convite se transforma num sonho burilado e acalentado por Darcy junto a intelectuais brasileiros como Anísio Teixeira, José Israel Vargas, Antonio Houaiss, Eduardo Galvão, Luiz Laboriau, José Leite Lopes, Florestan Fernandes, dentre outros nomes ilustres.

JOÃO CLÁUDIO TODOROV

(A Irreverência de um intelectual e o Projeto da UnB
Honoris Causa – Brasília)

Darcy era um representante da cultura brasileira moderna. Além da obra, ele nos legou uma vida singular, original. Basta dizer que o velório, a pedido dele, durante todo o tempo será acompanhado por um conjunto de música de câmara. Isso sintetiza o Darcy. Passou a vida enganando a gente. Eu acho que ele morreu porque se distraiu com alguma coisa.

JOSUÉ MONTELLO

(O Tempo, 18 fev. 1997)

O que nos uniu foi a ousadia e a coragem de criticar.

LEONARDO BOFF

(Jornal do Brasil, 19 fev. 1997)

Darcy Ribeiro foi perfeito ao pensar no Brasil a partir dos excluídos, sempre valorizando a condição humana.

LEONARDO BOFF

(Jornal do Brasil, 19 fev. 1997)

Talvez ele nunca tenha pensado e escrito tanto e com tanta intensidade. Nós, que convivíamos com ele, é que podemos avaliar seu enfrentamento desassombrado contra o cerco da enfermidade. Quando seus familiares faziam uma avaliação pessimista de sua saúde, ele levantava a cabeça e ressurgia. Uma das coisas mais duras de sentir é a situação do nunca mais. Politicamente, civicamente, nosso país perde um de seus grandes valores. Na polêmica e na coerência, ele foi insuperável.

LEONEL BRIZOLA
(O Tempo, 18 fev. 1997)

Nenhum político em perfeito juízo dedicaria seu tempo a um tema que não dá votos, a condição do negro no Brasil, e a um acontecimento ocorrido há três séculos, como a derrota do Quilombo dos Palmares. Nenhum, salvo Darcy Ribeiro, senador pelo Rio de Janeiro. Os trezentos anos de zumbi são o tema da sua última 'Carta', revista que publica textos latino-americanos, importantíssimos, inencontráveis em qualquer outra publicação em português.

MÁRCIO MOREIRA ALVES
(O apaixonado Darcy, O Globo, 14 jan. 1995)

Darcy se vai. Cansou-se de sentar na sua cadeira de rodas. Vestirá uma nova roupa. Vai ao encontro de grandes líderes indígenas como Malacuiauá, dos uaurás; Aponha, dos xavantes; Kretan, dos caiagangues; Ibés, dos uaçús; Marçal, dos guaranis; e João Príncipe, dos seus queridos cadiuéus. (...) Agora o silêncio. Lá no fundo das matas apenas o canto do uirapuru, enquanto simbolicamente nossos guerreiros preparam três troncos. Os troncos do Quarup. Serão pintados com as cores da natureza, traduzindo o brilho dos olhos. São olhos do sertanista, do escritor e do antropólogo. Certamente terão o brilho da verdadeira luz, a luz do sol, das estrelas, dos grandes sábios. Depois lançados nas águas dos rios, partirão pelo caminho da liberdade.

MARCOS TERENA.
(Jornal do Brasil, 18 fev. 1997)

Conheci Darcy há mais de 40 anos. Certa vez, fomos eu, ele e o General Rondon ao Palácio do Catete pedir ao presidente Getúlio Vargas apoio para a criação do Parque Nacional do Xingu. O general Rondon fez seu discurso e depois passou a palavra ao Darcy. Ele falou com aquela veemência que o caracterizava, fez um histórico entusiasmado da história do Serviço de Proteção ao Índio. O presidente ficou surpreso e comentou em voz alta com o general Rondon: 'Nossa, general, mas o senhor me trouxe um encouraçado de bolso'. Darcy era isso.

ORLANDO VILLAS-BOAS
(O Tempo, 18 fev. 1997)

Darcy Ribeiro não é apenas um dos homens mais inteligentes que conheci, mas também um homem que ama esta cidade e a vê com otimismo e as esperanças de um iluminado.

OSCAR NIEMEYER

Darcy criou novas teorias, assumindo o lugar de maior destaque nos campos do ensino e da cultura em todo mundo.

OSCAR NIEMEYER
(Folha de S. Paulo, 5 fev. 1995)

Darcy, você tem razão. O importante é resistir 20 anos, depois vamos embora.

OSCAR NIEMEYER
(Jornal do Brasil, 19 fev. 1997)

É claro que muitos Darcy serão evocados nestes dias: o político, o teórico da educação, o construtor de universidades, o arquiteto sonhador da América Latina. Seja permitido escolher o Darcy de um detalhe só: o combatente teórico, da antropologia e do Brasil. Mas, além das polêmicas, o homem.

PIERRE SANCHIS
(O Tempo, 18 fev. 1997)

Nós, na Academia, metemos você num fardão, Darcy, e lhe conferimos a nossa precária imortalidade. Foi uma ingênua redundância. Você é imortal, não só na cabeça e nas idéias que vão frutificando depois de você ir embora, mas porque você é mesmo imortal, você não nasceu para morrer. A doença é, para você um morcego que enxota com um abanar daquele seu chapéu.

RAQUEL DE QUEIROZ
(O Estado de S. Paulo, 28 jan. 1995)

Porém seu trabalho em que melhor exercita a combinação da boa etnografia, enquanto “história da vida”, e a arte de bem escrever é o seu “Uirá vai ao encontro de Maira: as experiências de um índio que saiu à procura de Deus” (1957). Texto fascinante por seu conteúdo e pela forma da narrativa!

ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA
(Folha de S. Paulo, 18 fev. 1997)

Darcy, ao longo da vida, como cidadão, antropólogo e homem político, revelou constante preocupação com uma das vigas mestras da educação, em termos nacionais, voltada para o que a Carta de 1988 denomina a promoção humanística, científica e tecnológica do país. Com aguda sensibilidade percebeu claramente a importância de tal promoção que merece a perenidade de nossa lembrança.

WALTER CENEVIVA
(Folha de S. Paulo, 18 fev. 1997)

COLEÇÃO

ENCANTRO
COM ESCRITORES
MINEIROS

Coordenador

Wander Melo Miranda

1. *AFFONSO ÁVILA* por Antônio Sérgio Bueno
2. *AUTRAN DOURADO* por Eneida Maria de Souza
3. *ABGAR RENAULT* por Solange Ribeiro de Oliveira
e Affonso Henrique Tamm Renault
4. *DARCY RIBEIRO* por Haydée Ribeiro Coelho

CEL

CENTRO DE
ESTUDOS
LITERÁRIOS

ENCONTRO COM ESCRITORES MI-
NEIROS tem como objetivo sistematizar,
através do depoimento de seus mais signi-
ficativos representantes, o perfil de certa
parcela da produção literária brasileira,
contribuindo, assim, para a preservação da
memória cultural de Minas Gerais.

Cada volume contém o relato da expe-
riência intelectual dos autores escolhidos,
o comentário crítico à sua obra, além de
rico material iconográfico.

UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
CENTRO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

LETR

B869
R484
1997

4